

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós-Graduação em Letras

Dissertação de Mestrado

**Vidas de mulheres  
importam?! Dialogismo e  
valoração em webnotícias  
sobre feminicídios no  
noroeste gaúcho**

Rafaela Oppermann Miranda



Rafaela Oppermann Miranda

Vidas de mulheres importam?! Dialogismo e valoração em webnotícias sobre  
feminicídios no noroeste gaúcho

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado  
do Programa de Pós-Graduação em Letras, do  
Instituto de Humanidades, Ciências, Educação  
e Criatividade da Universidade de Passo Fundo,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Mestra em Letras, sob orientação da Prof.<sup>a</sup>  
Dr.<sup>a</sup> Patrícia da Silva Valério.

Passo Fundo

2025

CIP – Catalogação na Publicação

---

M672v Miranda, Rafaela Oppermann  
Vidas de mulheres importam?! [recurso eletrônico] :  
dialogismo e valoração em webnotícias sobre feminicídios  
no noroeste gaúcho / Rafaela Oppermann Miranda. – 2025.  
1 MB ; PDF.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de  
Passo Fundo, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.

1. Feminicídio. 2. Relações sociais. 3. Violência contra  
as mulheres. 4. Análise do discurso. 5. Webnotícias.

I. Valério, Patrícia da Silva, orientadora. II. Título.

CDU: 801.73

---

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569



**PPGL**

Programa de Pós-Graduação  
em Letras

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação**

**VIDAS DE MULHERES IMPORTAM?! DIALOGISMO E VALORAÇÃO EM  
WEBNOTÍCIAS SOBRE FEMINICÍDIOS NO NOROESTE GAÚCHO**

Elaborada por

**RAFAELA OPPERMANN MIRANDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestra em Letras, Área de concentração “Letras, Leitura e Produção Discursiva”.

Aprovada em: 18 de fevereiro de 2025.

Pela Comissão Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia da Silva Valério  
Presidente da Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Joana Chiodelli Chaise  
Universidade de Passo Fundo

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eva Da Porta  
Universidad Nacional de Córdoba

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane Verardi  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

A todas aquelas pessoas que advogam a construção de um mundo melhor, mais justo.

## AGRADECIMENTOS

Embora a escrita desta dissertação possa supor um processo individual de busca pelas palavras mais adequadas à construção argumentativa, sua realização se deve à contribuição de diferentes sujeitos, com os quais entrei em relação ao longo da pesquisa. Esse fato propicia elucidar a opção pelo uso da primeira pessoa do singular aqui (eu) e a do plural a partir da seção introdutória (nós): nesta parte, quero agradecer àqueles que colaboraram para a construção do trabalho entregue.

Tal como o declara Pierre Bourdieu (2020), em seu “Preâmbulo” de *A dominação masculina*, devo admitir que desconheço os efeitos de agradecimentos nominais, se benéficos ou adversos. Contudo, diferentemente do sociólogo francês, opto por expressar minha gratidão dessa forma, assumindo o risco de, com infelicidade, cometer algum erro.

Assim, agradeço a oportunidade de desfrutar de uma bolsa CAPES PROSUC Modalidade I e, com isso, poder dedicar mais tempo aos estudos.

À professora Patrícia da Silva Valério, por acolher a proposta de pesquisa e oferecer sensatas e criativas contrapalavras ao longo do desenvolvimento do trabalho, colaborando também com a minha formação como pesquisadora.

À professora Ana Beatriz Ferreira Dias, por indiciar este caminho. Seu modo ético, estético e singular de mobilização da teoria bakhtiniana tem sido determinante para meu fazer acadêmico.

À escuta ativa e responsiva de Nadja Hartmann, do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, quando das definições iniciais da investigação.

Ao professor Ernani Cesar de Freitas, pela leitura cuidadosa, com destaque para suas sugestões precisas, tão contribuintes à qualificação deste trabalho.

À Maria Joana Chiodelli Chaise, pelas contribuições durante a realização do II Seminário de Pesquisas em Andamento e por aceitar compor a banca final.

À Eva Da Porta, pelo aceite de se juntar à banca e, assim, apresentar suas observações em relação à pesquisa.

Às colegas (e amigas!) Jaciara Fernandes dos Santos, Gabriela de Oliveira Zimmermann e Caroline de Camargo Ribeiro, pelas conversas instigantes e enriquecedoras, responsáveis, muitas vezes, pela renovação do fôlego durante a caminhada. À Carol, agradeço também pela cautelosa revisão textual.

Aos meus pais, Ivonete e José (Zeca ou Zequinha), por me ensinarem, pelo exemplo diário, o valor do esforço, sem o que este acontecimento não seria possível. ¡Gracias totales!

*“La vida de las mujeres vale menos y eso es lo que tenemos que cambiar”.*

Fabiola Pozadas (2023), sobrevivente de una tentativa de feminicídio, em entrevista a *El País*.

## RESUMO

Nas relações sociais, desigualdades são frequentemente construídas. Conseqüentemente, em meio a esse cenário, podem ser identificadas violências, como as de gênero, que encontram nas mulheres um contingente expressivo de vítimas. O feminicídio, um dos sintomas da barbárie de gênero moderna, reclama iniciativas para que sua inteligibilidade e superação sejam alcançadas. Diante desse panorama, esta pesquisa assume como tema a constituição discursiva dialógico-valorativa de webnotícias sobre eventos de feminicídio ocorridos no noroeste gaúcho, todas publicadas no ano de 2022. O objetivo geral consiste em compreender o caráter dialógico-valorativo de discursos relacionados ao assassinato de mulheres por razões de gênero, presentes nesses textos. A justificativa repousa, principalmente, na oferta de contribuições ao desenvolvimento de reflexões a respeito de práticas de linguagem, sujeito e sociedade. Já a fundamentação teórico-metodológica refere-se a pressupostos da teoria dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, com destaque para os conceitos de enunciado, gêneros do discurso, dialogismo e cronotopia. A pesquisa se classifica como exploratória, bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. Quanto ao material de análise, trata-se de um conjunto de dez webnotícias, sendo quatro oriundas do jornal *O Nacional*, da cidade de Passo Fundo, e seis do *Jornal Noroeste*, de Santa Rosa, integrantes da Mesorregião Noroeste Rio-Grandense. O exercício analítico revela: i) o tratamento do feminicídio como um problema da esfera privada de relações; ii) a reverberação de acentos culpabilizantes acerca da vítima, responsáveis por associar morte e punição; e iii) a refração dos discursos policial e judicial, forças centrípetas mobilizadas a favor da contenção do pensamento social. Os resultados do estudo ressaltam a importância da luta por equidade social, especificamente das reflexões relativas aos modos de ser e estar em sociedade, a fim de construir uma realidade de paz.

Palavras-chave: relações sociais; violência; discursos; sujeito; enunciado.



## RESUMEN

En las relaciones sociales, desigualdades se construyen a menudo. Por lo tanto, en esos contextos, se pueden identificar violencias, como las de género, que encuentran un contingente expresivo de víctimas entre las mujeres. El feminicidio, uno de los síntomas de la barbarie de género moderna, exige iniciativas para que su inteligibilidad y superación sean alcanzadas. Ante ese cuadro, esta investigación adopta como tema la constitución dialógico-valorativa de noticias web sobre feminicidios ocurridos en el noroeste de Rio Grande do Sul, todas publicadas en el año 2022. El objetivo general consiste en entender el carácter dialógico-valorativo de discursos relacionados con el asesinato de mujeres por razones de género, presentificados en esos textos. La justificación se basa, principalmente, en la proposición de contribuciones al desarrollo de reflexiones respecto a prácticas de lenguaje, sujeto y sociedad. La fundamentación teórico-metodológica se refiere a principios de la teoría dialógica del lenguaje del Círculo de Bajtín, sobresaliéndose los conceptos de enunciado, géneros del discurso, dialogismo y cronotopía. La investigación se clasifica como exploratoria, bibliográfica y documental, con enfoque cualitativo. Con relación al material de análisis, se trata de un conjunto de diez noticias web, cuatro provenientes del periódico *O Nacional*, de la ciudad de Passo Fundo, y seis del *Jornal Noroeste*, de Santa Rosa, que integran la Mesorregión Noroeste de la provincia de Rio Grande do Sul. El ejercicio analítico desvela: i) el enfoque del feminicidio como un problema de la esfera privada de relaciones; ii) los ecos de acentos culpabilizadores acerca de la víctima, responsables de asociar muerte con castigo; y iii) la refracción de los discursos de la policía y de la justicia, fuerzas centrípetas movilizadas a favor de la retención del pensamiento social. Los resultados del estudio realzan la importancia de la lucha por la equidad social, concretamente de las reflexiones sobre maneras de ser y estar en sociedad, para construir una realidad de paz.

Palabras clave: relaciones sociales; violencia; discursos; sujeto; enunciado.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Conceitos e questionamentos orientadores da análise .....	51
Figura 1 - Definição do material de análise.....	53
Quadro 2 - Dados de análise.....	54
Figura 2 - Fluxo analítico .....	56

## SUMÁRIO

<b>1 NOTAS INTRODUTÓRIAS .....</b>	<b>11</b>
<b>2 O FEMINICÍDIO EM PERSPECTIVA DIALÓGICA .....</b>	<b>18</b>
2.1 O ASPECTO CONCEITUAL DO FEMINICÍDIO .....	19
2.2 FEMINICÍDIO E FEMINISMO DIALÓGICO .....	25
<b>3 A PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM .....</b>	<b>30</b>
3.1 A UNIDADE DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA .....	31
3.2 FORMAS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS E TÍPICAS DE ENUNCIADOS .....	37
3.3 DIALOGISMO E RELAÇÕES DIALÓGICAS .....	40
3.4 O CRONOTOPO OU A PORTA DE ENTRADA AO ESTUDO DOS SENTIDOS .....	44
3.5 OBSERVAÇÕES PARA O ESTUDO DIALÓGICO DA LINGUAGEM.....	47
<b>4 ANÁLISE BAKHTINIANA DE WEBNOTÍCIAS SOBRE FEMINICÍDIOS NO NOROESTE GAÚCHO .....</b>	<b>52</b>
4.1 DOS CRONOTOPOS DADOS .....	56
4.2 DA CONSTRUÇÃO DIALÓGICO-VALORATIVA DO FEMINICÍDIO EM WEBNOTÍCIAS SELECIONADAS .....	62
<b>4.2.1 O feminicídio e a esfera privada de relações .....</b>	<b>63</b>
<b>4.2.2 Mulher morta, mulher punida? .....</b>	<b>67</b>
<b>4.2.3 Os discursos policial e judicial.....</b>	<b>70</b>
4.3 DAS IMAGENS DE SUJEITOS CONSTRUÍDAS NAS WEBNOTÍCIAS .....	73
<b>5 NOTAS FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO A – Webnotícias selecionadas.....</b>	<b>87</b>

## 1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

No transcurso da história humana, não raramente, apresentam-se continuidades e rupturas. Especificamente no que diz respeito à condição feminina, é possível distinguir, por um lado, a constância da violência e, por outro, a instauração de iniciativas responsáveis por reivindicar a garantia de direitos às mulheres, logo, a erradicação daquela realidade. No que se refere ao atual quadro sócio-histórico brasileiro, ataques perpetrados contra mulheres e mecanismos jurídicos voltados à proteção desse contingente de vítimas coexistem em abundância.

Interessa-nos ponderar a respeito de nuances dessa realidade, iniciando pela consideração de grandes marcos do desenvolvimento legislativo relacionado a gênero no Brasil dos últimos vinte anos. Da primeira década deste século, segundo Leila Barsted e Jacqueline Pitanguy (2011), destaca-se a Lei 11.340/2006, chamada de Lei Maria da Penha, definidora de uma política nacional dirigida à equidade de gênero e à redução da vulnerabilidade social das mulheres. Já dos anos 2010 para cá, reclama distinção a Lei 13.104/2015, conhecida como a Lei do Feminicídio, responsável por alterar o Código Penal Brasileiro ao incluir o feminicídio como uma circunstância qualificadora de homicídio (Brasil, 2016). Cumpre mencionar também a Lei 14.994/2024, que tornou o feminicídio um crime autônomo, ou seja, um tipo penal próprio, como o homicídio, e agravou sua pena (Brasil, 2024).

Não é possível deixar de observar que a aprovação histórica da Lei Maria da Penha articulou-se com movimentos de mulheres. Isso porque, de acordo com as juristas Flávia Piovesan e Silvia Pimentel (2011), houve apelação, por parte de organizações não governamentais, junto à Corte Interamericana de Direitos Humanos, em razão da ação jurídica brasileira para com o caso de Maria da Penha. Embora condenado por tribunais locais, o agressor, então marido da mulher, o qual havia tentado matá-la duas vezes, mantinha-se em liberdade. Com a recorrência dos movimentos ao órgão internacional, o Brasil resultou responsabilizado por negligência e omissão. Em 2006, assumindo o dever de adotar medidas destinadas à prevenção, erradicação e punição da violência contra a mulher, foi aprovada no Congresso Nacional Brasileiro, por unanimidade, a Lei 11.340.

De igual maneira, a Lei do Feminicídio não pode ser entendida senão como fruto da construção coletiva de diferentes atores sociais. Segundo informação encontrada no trabalho de Clara de Oliveira (2017), o projeto de lei responsável por tipificar o feminicídio surgiu de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), criada com o objetivo de investigar a situação da violência contra a mulher no Brasil. Durante o processo de elaboração da lei,

ocorreram, dentro e fora do parlamento, disputas sociais em torno da categoria de gênero. As polêmicas promoveram modificações no texto da lei, fazendo dominante o entendimento de feminicídio como uma violência de gênero.

A propósito do cenário de ataques às mulheres, temos, então, o feminicídio como um sintoma da barbárie de gênero moderna crescente, adverte-nos Rita Laura Segato (2012a), antropóloga argentina reconhecida internacionalmente em função de seus trabalhos sobre violência contra as mulheres. Na oportunidade de sua participação no Simpósio *La cuestión de la des/colonialidad y la crisis global*, em 2010, na Universidade Ricardo Palma, situada no Peru, a estudiosa anunciou estar a humanidade testemunhando um momento de tenebrosas inovações das formas de ataques cruéis aos corpos femininos e feminizados, circunstância em alastramento sem contenção. De tal modo, para a antropóloga, os feminicídios vêm a constituir “uma novidade, uma transformação contemporânea da violência de gênero vinculada às novas formas de guerra” (Segato, 2012a, p. 108).

A violência de gênero, precisamos lembrar, não encontra suas vítimas somente nas mulheres. Como destacam as intelectuais Heleieth Saffioti (2015) e bell hooks (2023), ataques contra crianças e entre pessoas do mesmo gênero são perpetrados em razão do pensamento patriarcal. A atenção dispensada à violência sofrida por mulheres não deve, portanto, ofuscar variações de violência sustentadas pela crença de controle de um indivíduo mais forte sobre outros.

Apesar do aparato legislativo brasileiro instituído com a finalidade de assegurar os direitos das mulheres, a violência letal contra esse grupo vem se acentuando, como podemos constatar ao nos voltarmos para dados dos últimos anos. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), no Brasil, de março de 2020 a dezembro de 2021, período da pandemia de Covid-19, foram registrados 2.451 feminicídios no país.

Por sua vez, no ano de 2022, conforme o documento Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023a), acompanhando a subida de todos os indicadores de violência doméstica, os casos de feminicídio aumentaram. A elevação do registro de casos consumados chegou a 6,1% em relação ao ano anterior, enquanto a da catalogação de tentativas de feminicídio, a 16,9%.

No Rio Grande do Sul (RS), estado brasileiro que muito interessa ao presente estudo, registros alarmantes de mortes de mulheres em função de gênero no ano de 2022 podem ser identificados no documento Mapa dos Feminicídios 2022, divulgado pela instituição gaúcha da Polícia Civil (2023a). Foram 106 feminicídios consumados em 2022, aumento de mais de 10%

em relação a 2021, que já apresentava alta quando comparado a 2020. Admitindo a possibilidade de subnotificação<sup>1</sup>, visualizamos um cenário ainda mais preocupante.

Como destacado na reportagem de Jéssica Moura (2023) para a DW Brasil, empresa pública de radiodifusão sediada na Alemanha, com a elevação nos números de feminicídios no Brasil, o país se afasta do 5º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecido pela Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), o qual consiste em “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (Nações Unidas Brasil, 2024). Na avaliação da socióloga Wânia Pasinato, assessora sênior da ONU Mulheres — órgão da ONU voltado especificamente à promoção da igualdade de gênero —, a cultura é um dos motivos que explica a escalada da violência no Brasil, dada sua tendência de autorizar ataques contra mulheres (Moura, 2023).

Entendemos que o feminicídio, enquanto expressão do problema que é a barbárie de gênero moderna, requer, necessariamente, um tratamento que coadune iniciativas oriundas de diferentes frentes a fim de que sua inteligibilidade seja, de fato, alcançada. Os estudos da linguagem não devem deixar de contribuir para a persecução desse alvo. É, pois, diante dessa conjuntura que situamos esta investigação.

O interesse pelas relações de gênero relacionado a um tema de pesquisa acadêmica irrompeu durante a graduação em Letras — Português e Espanhol, na Universidade Federal da Fronteira Sul, concretamente quando da participação em um projeto de iniciação científica intitulado “Leituras do espaço público: relações entre nomes de ruas e gênero na cidade de Cerro Largo (RS)”, coordenado pela professora Ana Beatriz Ferreira Dias. No âmbito desse projeto, tendo como principal aporte teórico o pensamento do Círculo de Bakhtin<sup>2</sup>, foi possível compreender manifestações sutis de violência contra mulheres na apropriação do espaço público urbano. Finalizado o período de estudos, eis que surgiu, no horizonte, a possibilidade de uma investigação, a nível de mestrado, orientada ao grande tópico das relações de gênero.

---

<sup>1</sup> Como apontado pelo Anuário, é preciso considerar a existência de tensões e de limites metodológicos em relação à coleta, análise e divulgação dos dados anuais (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023a). Isso implica atentar para o fenômeno da subnotificação, ou seja, da disparidade entre os registros e a realidade concreta, que tende a ser mais grave. Ao ignorar esses aspectos, a população corre o risco de acreditar que vive em uma sociedade mais segura ou menos violenta do que efetivamente é.

<sup>2</sup> Conforme Faraco (2009), grupo constituído por intelectuais oriundos de diferentes formações, que se reuniam regularmente entre 1919 e 1929 na Rússia. São considerados os principais integrantes da área da linguagem Mikhail M. Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) e Pavel N. Medviédev (1891-1938). O adjetivo “bakhtiniano”, como pontua Ponzio (2019), serve para qualificar os textos nos quais as vozes daqueles que promoviam o diálogo, no interior do Círculo, interagem e podem ser ouvidas. Nesse quadro, consideramos que a contribuição de Bakhtin nas discussões pode explicar a designação “Círculo de Bakhtin” dada ao grupo por pesquisadores contemporâneos.

Cabe fazer intervir aqui uma consideração a respeito da natureza desse assunto. Apoiando-nos no trabalho da socióloga brasileira Heleieth Saffioti (2015), operamos com a compreensão de que, nas relações entre homens e mulheres, a desigualdade é frequentemente construída. Nesse enquadre, entendemos a violência de gênero como derivada de uma “organização social de gênero, que privilegia o masculino” (Saffioti, 2015, p. 85).

Esta pesquisa é, assim, parte significativa de um esforço em compreender relações de poder entre homens e mulheres a partir do olhar para materialidades linguísticas. Inserindo-se na linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, esta dissertação tem como tema a constituição discursiva dialógico-valorativa de webnotícias<sup>3</sup> sobre feminicídios ocorridos no noroeste gaúcho, todas publicadas no ano de 2022. De forma mais específica, tratamos de relações dialógicas e valorações em webnotícias sobre eventos de feminicídio veiculadas em 2022 em dois jornais on-line, *O Nacional* e *Jornal Noroeste*, respectivos às cidades de Passo Fundo e Santa Rosa.

Como premissa, partimos do entendimento de que o jornal pode funcionar como uma instituição social perpetuadora de uma cultura violenta para as mulheres. Em sua obra *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu (2020) pondera a respeito de forças históricas responsáveis pela eternização das estruturas de poder entre homens e mulheres. Para o sociólogo francês, o trabalho de eternização compete a certas instituições, dentre as quais está o jornalismo. Com efeito, diante das constâncias que podem ser verificadas na condição feminina no decurso da história, Bourdieu (2020) sugere que os mecanismos e as instituições de perpetuação da dominação masculina precisam ser tomados como objeto privilegiado de estudos. A consideração de tais aspectos nos instiga a analisar enunciados jornalísticos.

A realização deste trabalho encontra justificativa em quatro aspectos, estreitamente relacionados entre si e, por isso mesmo, não hierarquizados. O primeiro, em certa medida já anunciado, diz respeito a uma motivação subjetiva e compreende o interesse pela temática de gênero. Nesse sentido, registramos que a edificação da proposta ocorreu a partir da leitura de uma notícia sobre o lançamento, pela Polícia Civil do RS, do Mapa dos Feminicídios 2022 e, por conseguinte, da verificação dos dados contidos nesse documento. Ao correlacionar a leitura da notícia e do documento com a de uma *newsletter*<sup>4</sup> semanal do jornal internacional *El País*,

---

<sup>3</sup> Termo usado para designar notícias produzidas e difundidas no ambiente virtual que é a internet e, portanto, próprias do jornalismo on-line. Embora seu emprego não ocorra de forma ampla, optamos pelo uso tal qual o fazem trabalhos acadêmicos que mobilizamos (cf. Dalmonte, 2009; Guilherme; Acosta Pereira, 2024).

<sup>4</sup> Comunicado ou boletim de notícias enviado periodicamente por correio eletrônico por uma entidade, organização ou empresa aos inscritos em tal serviço, muitas vezes, de modo gratuito.

sediado na Espanha, que discorria brevemente sobre o tratamento jornalístico dado a casos de violência contra a mulher, é que surgiu o questionamento de como são noticiados feminicídios ocorridos na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, que é a região em que vivemos e a qual, segundo o Mapa dos Feminicídios 2022, apresentava-se como a segunda do estado com maiores índices de mortes de mulheres em função de gênero, superada apenas pela Mesorregião Metropolitana (Polícia Civil, 2023).

O segundo aspecto corresponde à verificação de uma certa carência de estudos no campo dos estudos da linguagem. A conferência de trabalhos acadêmicos alinhados à proposta de investigação emergente nos permitiu constatar a escassez de pesquisas voltadas à temática do feminicídio, considerando a perspectiva bakhtiniana de linguagem. Essa constatação ocorreu pela busca, a partir da entrada “feminicídio e Bakhtin”, na base de dados *Catálogo de Teses & Dissertações*, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), grandes áreas do conhecimento Linguística, Letras e Artes e Multidisciplinar, em que chegamos a três dissertações<sup>5</sup>.

Nesse prisma, esta pesquisa se justifica ainda por se diferenciar de tais dissertações no que se refere, principalmente, ao material de análise explorado, já que nenhum dos trabalhos se ocupa de webnotícias. A pertinência desta investigação pode também ser percebida na natureza específica do objeto para o qual ela se volta, ou seja, textos jornalísticos disponíveis na internet, tendo em vista que, no Brasil, impera o jornalismo on-line, segundo dados da iniciativa *Atlas da Notícia*, apresentados por Sérgio Lüdtke (2022).

Igualmente, a visualização de potencialidades na teoria oriunda do Círculo de Bakhtin justifica a realização do estudo. Essas potencialidades dizem respeito à mobilização e à renovação de categorias, conceitos e noções formulados pelo grupo de intelectuais russos. Como há muito defende João Wanderley Geraldi (2012), a realização de um estudo com base na teoria bakhtiniana apresenta em si mesmo determinado potencial de contribuição no que concerne à produtividade de conceitos passíveis de mobilização na compreensão de outros textos e discursos.

Somamos a isso a perspectiva da estudiosa argentina Eva Da Porta (2016), que visualiza na produção intelectual bakhtiniana um potencial para contribuir com o fortalecimento de propostas analíticas da comunicação, campo caracterizado tanto pela abundância de vertentes

---

<sup>5</sup> Realizado o levantamento em setembro de 2023, os trabalhos encontrados foram: *Quando a piada é um crime: a banalização da violência contra a mulher*, de Carla Cardoso, datado de 2022 (PPGL-UFPEL), *Análise dialógica dos discursos de réus do crime de feminicídio no tribunal do júri*, de autoria de Andreia de Souza, também respectivo a 2022 (PPGSeD-UNESPAR) e *O gênero discursivo sentença no âmbito do processo jurídico: um estudo sobre o feminicídio*, de Christiane Lima, referente a 2021 (PPGL-UPM).



teóricas quanto por limites imprecisos, responsáveis por denunciar sua estrutura transdisciplinar. Com efeito, a autora entende que a comunicação pode ser analisada no que se refere à produção de sentidos e funcionar, dessa maneira, como um lugar de leitura de fenômenos sociais.

Nessa esteira, com Faraco (2007), admitimos o esgotamento daqueles paradigmas hegemônicos de cientificismo responsáveis por transformar o homem em coisa, por fragmentar e compartimentalizar o tratamento das realidades humanas, bem como por homogeneizar essas mesmas realidades. De mesmo modo, reconhecemos que a efetiva superação da coisificação do homem — que impulsionou, inclusive, a criação de uma ciência cujo objeto é o linguístico, propriedade humana, sem, no entanto, considerar os falantes — exige, nestes tempos, aquilo que o autor entende como “uma crítica rigorosa” do modelo de pensamento até então dominante e que coloque “o indivíduo como fonte primeira de tudo o que é humano” (Faraco, 2007, p. 100). A esse processo, Bakhtin, com seu projeto dialógico, em muito pode contribuir<sup>6</sup>.

Assumindo a perspectiva bakhtiniana de linguagem, esperamos, em última instância, colaborar para a apreensão de realidades humanas com base em interações que constituem o sujeito e que se dão em meio a uma complexa rede de relações sociointeracionais, as quais, por sua vez, encontram condição de existência na linguagem. Esta percebida como atividade constitutiva de si mesma e dos sujeitos, o que significa entendê-la como realidade social constituída como tal entre indivíduos organizados socialmente, que não são meros atualizadores do sistema linguístico, mas que também se concebem nas relações sociais historicamente situadas e mediadas pela linguagem.

O estatuto dialógico da linguagem reivindica, assim, o centro dos estudos de realidades humanas. Com efeito, buscamos responder à seguinte pergunta: Que relações dialógicas e valorações emergem de escolhas linguístico-discursivas presentes em webnotícias sobre feminicídios na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, veiculadas em dois jornais durante o ano de 2022?

Em vista disso, o objetivo geral desta pesquisa consiste em compreender o caráter dialógico-valorativo de discursos relacionados ao feminicídio, presentes em webnotícias da Mesorregião Noroeste do RS do ano de 2022, com vistas à apreensão do tratamento dispensado nesses textos, via linguagem, à violência letal contra a mulher. De modo a cumprir tal propósito,

---

<sup>6</sup> Em entrevista de 2020, Carlos Alberto Faraco assevera que, tal como a teoria da linguagem de Émile Benveniste, a abordagem linguística bakhtiniana evidencia um viés social, cultural e, por certo, antropológico (Gomes, 2020). Entendemos que, precisamente dessa perspectiva antropológica, revela-se grande parte do potencial heurístico do pensamento de Bakhtin e o Círculo.

definimos três objetivos específicos, a saber: i) explorar características do conceito de dialogismo com base em escritos do Círculo de Bakhtin; ii) verificar valorações/avaliações sociais acerca das vítimas de feminicídio e dos agressores, presentes nas webnotícias; iii) discutir sentidos produzidos pelas materialidades analisadas.

Isso posto, em termos metodológicos, este estudo pode ser caracterizado por sua natureza aplicada, abordagem qualitativa, pelo caráter eminentemente exploratório de seus objetivos, assim como pelos procedimentos técnicos próprios de uma pesquisa bibliográfica e documental. Em relação ao material de análise, com base em critérios, oportunamente detalhados em parte posterior do trabalho, chegamos a um *corpus* formado por dez webnotícias, todas de 2022, sendo quatro oriundas do jornal *O Nacional*, da cidade de Passo Fundo, e as demais do *Jornal Noroeste*, da cidade de Santa Rosa.

Quanto ao plano organizacional desta dissertação, cumpre saber que o texto abriga três partes afora esta introdutória e aquela dedicada às considerações finais. Sob o título “O feminicídio em perspectiva dialógica”, apresentamos uma sumária discussão a respeito de linguagem, gênero e feminicídio, ancorando-nos, para isso, em estudos bakhtinianos, antropológicos e sociológicos.

Em “A perspectiva dialógica da linguagem”, exploramos aspectos teórico-metodológicos principalmente sobre enunciado, gêneros do discurso, dialogismo e cronotopia, com base em trabalhos de Mikhail Bakhtin (2010 [1963], 2015 [1934-1935], 2016a [1952-1953], 2016b [1959-1961], 2017a [1970-1971], 2017b [1975], 2018 [1975]), Pável Medviédev (2016 [1928]) e de Valentin Volóchinov (2018a [1929-1930], 2018b [1929-1930], 2019a [1926], 2019b [1930]).

No capítulo “Análise bakhtiniana de webnotícias sobre feminicídios no noroeste gaúcho”, explicamos os procedimentos realizados para a eleição das unidades de análise e o próprio percurso metodológico adotado. Nessa parte do trabalho, também entregamos nossa análise, em que verificamos valorações/avaliações sociais de gênero presentes nas webnotícias e discutimos os sentidos produzidos por tais enunciados.

Esta dissertação se mostra, assim, um convite àquelas pessoas que lutam por melhorias nos modos de ser e estar em sociedade. Afinal, como assevera a escritora inglesa Virginia Woolf (2021), em seu ensaio *Pensamentos de paz durante um ataque aéreo*, escrito em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial, existem maneiras de lutar pela liberdade sem usar armas, lançando mão de ideias, e este estudo se projeta, não sem modéstia, nessa direção.

## 2 O FEMINICÍDIO EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim? (Chiziane, 2021, p. 61).

O discurso de Rami, narradora-protagonista do romance *Niketche: Uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, mostra-se diretamente relacionado ao tema discutido nestas páginas e, por consequência, impulsiona nossa reflexão. Embora a narrativa ficcional trate da condição feminina em Moçambique, podemos constatar certa proximidade com a realidade concreta da mulher no Brasil. Subjugada, ela é alvo de violências constantes e crescentes que, em alguns casos, conduzem-na à morte. Ainda, pela tomada de consciência de si e de sua condição, a mulher pode se voltar à problematização da violência, polemizando discursos funcionais da ordem vigente.

Com efeito, neste capítulo, procuramos apresentar o esboço de uma compreensão de feminicídio desde uma postura que defendemos como ético-político feminista dialógica. Em nosso percurso, recuperamos elementos constitutivos do invólucro cultural do conceito de feminicídio, bem como apontamos para uma perspectiva responsável por considerar o valor de uma vida feminina não em função de sua utilidade pragmática, mas sim em razão da eventicidade/singularidade desse existir.

Acreditamos na indispensabilidade antecedente desse movimento em relação à análise dos discursos jornalísticos, já que, adiante, pretendemos nos ocupar de construções discursivas verificadas em webnotícias sobre violência letal perpetrada contra mulheres. Evidentemente, não constitui uma aspiração nossa exaurir definições e nuances do crime, mas sim expor algumas considerações a seu respeito, mediante o diálogo entre estudos advindos de diferentes disciplinas das ciências humanas.

Ao considerar o potencial do pensamento bakhtiniano como derivado, em certa medida, da natureza dialógica que lhe é própria, devemos distinguir essa índole também no diálogo cultivado com uma vasta diversidade de ciências humanas, a exemplo da filosofia, da história, da psicologia e assim por diante, como muito bem destaca o estudioso Paulo Bezerra (2017). Desse modo, a discussão interdisciplinar concretizada na continuidade se mostra contribuidora para o enfoque dialógico de nosso olhar dirigido aos aspectos linguístico-discursivos dos textos

noticiosos.

Para tanto, estas páginas resultam de uma revisão não exaustiva de fontes bibliográficas predominantemente dos estudos bakhtinianos, da antropologia e da sociologia. Aqueles são aqui entendidos como trabalhos fundamentados na perspectiva teórica formulada pelo Círculo de Bakhtin. Os demais textos, selecionados segundo a aproximação ao feminicídio tal como procuramos caracterizá-lo, relevam do ponto de vista que assumimos. Desse modo, consideramos mais importante edificar nossa proposição do que oferecer uma visão histórico-panorâmica do conceito, embora o alcance daquele nosso objetivo possa representar incorrer em tal movimento.

Nesse quadro, cumpre reconhecer que, por um lado, grande parte dos textos consultados é de autoria da antropóloga argentina Rita Segato (2003, 2006, 2012b, 2022), em razão da relevância acadêmica de seus trabalhos sobre feminismo e violência contra as mulheres; e, por outro, que as proposições ancoradas no pensamento bakhtiniano advêm, sobretudo, de formulações atuais de estudiosos da teoria de Bakhtin e o Círculo.

A leitura dos materiais e o diálogo proposto entre eles estiveram orientados pelas seguintes questões: (1) Como o feminicídio é definido desde uma visada antropológica? e (2) De que maneira a associação entre a teoria do Círculo de Bakhtin e o feminismo dialógico<sup>7</sup> pode auxiliar na compreensão do fenômeno que é o feminicídio? A apresentação de respostas a essas perguntas corresponde à organização do texto em duas porções.

## 2.1 O ASPECTO CONCEITUAL DO FEMINICÍDIO

De acordo com a antropóloga Rita Segato (2022), distintos povos narram, em seus mitos de origem, um ato de submissão da mulher. A narrativa bíblica ocidental, por exemplo, conta-nos que o pecado original foi cometido primeiramente por Eva, que conduziu Adão ao infortúnio. Mulher e homem foram, então, castigados pelo Senhor. Com isso, a condição de pecado se converteu em desígnio à humanidade.

Já na cultura bantu, segundo o testemunho da escritora Paulina Chiziane (2013), não existindo um pecado original, por ter sido criado primeiro, o homem ganhou uma posição hierarquicamente superior. De qualquer maneira, como sabiamente resume a autora, “As

---

<sup>7</sup> Perspectiva feminista que procuramos explorar na subseção 2. 2. O adjetivo dialógico remonta, nesse caso, às proposições de Paulo Freire e Jürgen Habermas - que sustentam a origem da proposta - e, portanto, tende a diferir da acepção bakhtiniana de dialogismo. Podem ser verificadas, contudo, contribuições da perspectiva feminista dialógica para a compreensão da linguagem face à realidade de violência contra as mulheres, como buscamos discutir nestas páginas.

diversas mitologias não são mais do que ideologias ditadas pelo poder sob a máscara da criação divina” (Chiziane, 2013, p. 199).

A consideração desse fato nos propicia a distinção do caráter arcaico do patriarcado, ordem política fundacional e fundamental da desigualdade entre homens e mulheres, na visão de Segato (2022). Embora apresentem variações entre si, as narrativas de origem compartilham de um aspecto: a tomada de poder pelos homens mediante a dominação das mulheres. Trata-se, pois, da primeira conquista, em que o corpo feminino é a colônia (Segato, 2022).

Essa nuance dos mitos fundacionais apresenta uma tendência de reafirmação diária na forma da posição subordinada das mulheres. Pensamos aqui naquelas formas ordinárias de violência, desde o desprezo por uma filha mulher face a um descendente varão, passando pela educação repressora dispensada às meninas, responsável por lhes inculcar condutas consideradas moralmente recomendáveis e aceitas, até chegar ao acesso e à permanência dificultados em ambientes educativos e laborais e à submissão frequentemente imposta em relações afetivas por razões de gênero.

Diante dessa constatação, como nos adverte Segato (2022), precisamos observar que, nos últimos tempos, o patriarcado piorou, revestindo-se de novas expressões, mais cruéis e letais, como o feminicídio. A morte de mulheres em razão de gênero, cabe distinguir, não é uma expressão contemporânea, afinal, como nos lembra a socióloga Saffioti (2015), na Roma Antiga, por exemplo, o patriarca detinha o direito de matar sua esposa. O fato é que, assim como outros fenômenos sociais, o patriarcado se transforma. Hoje, mesmo não sendo mais legalmente permitido a homens matarem mulheres, eles continuam fazendo-o, inclusive inovando no que concerne aos requintes de crueldade (Saffioti, 2015).

Cabe elucidar que, por patriarcado, estamos entendendo o regime de relações hierárquicas entre homens e mulheres, responsável pela configuração de uma estrutura social de poder entre esses sujeitos, tal como explicam Saffioti (2015) e Segato (2003, 2022). Nessa estrutura, impera o domínio e a exploração das mulheres, que são objetificadas, e coexistem interesses contraditórios: a categoria dos homens busca a manutenção do *status quo* enquanto a das mulheres tende a almejar a igualdade social.

Segato (2003), a partir de seu livro *Las estructuras elementales de la violencia*, propõe um entendimento das relações de gênero e, mais específico ainda, da violência contra as mulheres, como resultante do cruzamento de dois eixos, que funciona como uma economia simbólica: um eixo vertical, porque assimétrico ao vincular posições de poder e sujeição, correspondente ao relacionamento entre agressor e vítima, e outro eixo horizontal, que se projeta mais simétrico, equivalente à relação do sujeito masculino com seus pares.

O segundo eixo, constituído pela relação entre agressor e seus parceiros, compreende o mandato de masculinidade ao qual estão sujeitos os membros da corporação masculina. Nele, governam duas características estreitamente relacionadas entre si, a saber: lealdade e hierarquia. A segunda característica submete-se à primeira na medida em que há subordinação àqueles em posição de comando e exigência para a produção de espetáculos de dominação.

Esses espetáculos não são senão demonstrações da capacidade de controle do feminino, asseguradores da permanência dos indivíduos no arranjo corporativo. Desse modo, o sistema de poder masculino, quer dizer, o patriarcado, transforma-se em um mandato de violência, inclusive letal (Segato, 2022).

Em vista disso tudo, cumpre atentar para certos aspectos relativos à formulação da categoria feminicídio, que encontrou suas bases em uma publicação da década de 1990, de autoria de duas estadunidenses — Diana Russell e Jane Caputi. De acordo com Segato (2006), a palavra “feminicídio” foi proposta para definir o extremo de um continuum de terror, abrangendo uma variedade de abusos. Sublinhamos, nesse ponto, o entendimento do feminicídio não como um evento isolado, mas sim como uma forma extrema de violência perpetrada contra mulheres em uma estrutura de dominação patriarcal, que inclui outras manifestações violentas.

Ainda em se tratando do termo “feminicídio”, é preciso ter presente que, quando da tradução daquele texto inaugural dos anos 1990, a antropóloga mexicana Marcela Lagarde optou por *feminicidio*, em espanhol, de modo a evitar, nessa língua, confusões com homicídio feminino, ou seja, para impedir que mortes de mulheres em função de gênero fossem tratadas como simples homicídios de mulheres, em que aquele elemento, o gênero<sup>8</sup>, acabasse desconsiderado (Lagarde, 2006).

No entendimento de Segato (2006), a demanda pela categorização dos homicídios de mulheres por razão de sua condição feminina passou a enfatizar o fato de esses crimes resultarem de um sistema de poder masculino, ou mandato de masculinidade, como abordado pela autora em seus trabalhos mais recentes (Segato, 2022). No bojo do surgimento da categoria, nas palavras da antropóloga, “era preciso demarcar, diante dos meios de comunicação, o universo dos crimes do patriarcado e introduzir no senso comum a ideia de que

---

<sup>8</sup> A propósito do conceito de gênero, operamos com a formulação da historiadora norte-americana Joan Scott, bastante difundida no Brasil a partir do final da década de 1990. Nessa perspectiva, gênero é entendido enquanto categoria histórica e social que, uma vez concebida em símbolos culturais, conceitos normativos, organizações e instituições sociais, além de identidades subjetivas, compreende a construção do masculino e do feminino na sociedade (Scott, 1995). Não deixamos de reconhecer, entretanto, a importância e contribuição dos estudos de Judith Butler, filósofa estadunidense contemporânea, no que tange às questões de gênero.

existem crimes cujo sentido pleno pode ser vislumbrado somente quando pensados no contexto do poder patriarcal” (Segato, 2006, p. 04, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Outra dimensão fortemente defendida pela noção de feminicídio foi a caracterização desses crimes enquanto crimes de ódio, sendo o impulso de ódio entendido como resposta à autonomia feminina expressa tanto pela ascensão da mulher a uma posição social de autoridade ou poder econômico/político quanto pelo uso do corpo, por parte da mulher, contrário a regras de castidade e fidelidade socialmente construídas — recordamos aqui os crimes ditos “de honra”. Assim, os crimes de feminicídio reivindicavam ser entendidos enquanto crimes de poder, direcionados, simultaneamente, à reprodução e à manutenção desse sistema (Segato, 2006).

Depois do texto da década de 1990, em que o termo “feminicídio” foi usado pela primeira vez, segundo a socióloga Pasinato (2011), a expressão voltou a aparecer na literatura somente na virada do século com o caso de Ciudad Juárez, cidade do estado de Chihuahua, situada na fronteira norte do México com os Estados Unidos. Nesse local, a partir de 1993, passaram a ocorrer dezenas de assassinatos de mulheres, sobretudo de jovens operárias<sup>10</sup>.

No Brasil, a categoria analítica “feminicídio” foi usada pela primeira vez em 1995 (Pasinato, 2011). É interessante observar que, posteriormente, em âmbito jurídico, a palavra veio a figurar no texto da Lei Maria da Penha (Brasil, 2006). Já, em 2015, o termo “feminicídio” foi incorporado ao Código Penal, por meio da Lei 13.104, como circunstância qualificadora de homicídio, incluído na lista dos crimes hediondos<sup>11</sup>. Desse modo, “feminicídio” passou a ser entendido juridicamente como o crime praticado contra a mulher por razões da condição feminina, entendendo-se por isso o envolvimento, no crime, de “violência doméstica e familiar” e/ou “menosprezo ou discriminação à condição de mulher” (Brasil, 2015).

No campo jornalístico, como apontado pelo trabalho de Ana Paula Ricco Terra (2020), as primeiras abordagens do feminicídio pela mídia nacional se voltavam a casos ocorridos fora do país. Com a aprovação da Lei 13.104 em solo brasileiro, mais veículos passaram a se ocupar do tema, enfocando as forças políticas envolvidas. Nesse sentido, vale lembrar que a aprovação

---

<sup>9</sup> No original, “era necesario demarcar, frente a los medios de comunicación, el universo de los crímenes del patriarcado e introducir en el sentido común la idea de que hay crímenes cuyo sentido pleno solamente puede ser vislumbrado cuando pensados en el contexto del poder patriarcal” (Segato, 2006, p. 04).

<sup>10</sup> A respeito desse episódio de Ciudad Juárez, com seus trabalhos *Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juárez* e *Qué es un feminicidio: notas para un debate emergente*, Rita Segato (2005, 2006) apresenta grande contribuição ao examinar, dentre outros aspectos, motivações e sentidos de tais crimes.

<sup>11</sup> Em conformidade com o Conselho Nacional de Justiça (2018), órgão responsável por acompanhar as atividades do poder judiciário brasileiro, é considerado hediondo o crime que, tentado ou consumado, fere a dignidade humana e causa indignação moral na sociedade, além de comoção, não sendo passível de fiança.

da referida lei ocorreu durante o governo de Dilma Rousseff e, de modo mais específico, temporalmente próxima do início do processo que colocou fim ao seu mandato. Como consequência, coberturas jornalísticas responsáveis por enfatizar a crise política receberam profusão naquele contexto, em detrimento àquelas que apontavam os avanços oferecidos pela Lei do Feminicídio. Também cresceram as abordagens que vinculavam negativamente a tipificação do crime a uma bandeira feminista, refletindo certa deslegitimação do tema da violência contra a mulher.

Dados esses aspectos, não podemos deixar de proceder a uma observação a respeito do material linguístico que é a palavra. Partindo de Volóchinov (2018a, p. 224), a língua pode ser entendida como “um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes”. Isso porque a estruturação da língua, como verificado no que se refere ao surgimento do termo “feminicídio”, não é senão determinada por leis de índole sociológica.

Nesse prisma, entendemos que a formação do sentido na língua não deve ser jamais apartada do horizonte valorativo do grupo social ou, dizendo de outro modo, a língua precisa ser sempre compreendida em relação aos valores existentes no horizonte social em que o material linguístico se insere e, conseqüentemente, como axiologicamente preenchida. Em última instância, defendemos a necessidade de compreensão efetiva no que diz respeito à natureza social da linguagem, que serve para comunicar, acima de tudo, identidades, valores sociais, posições de sujeitos no mundo.

Na história do pensamento linguístico, esse aspecto social da função comunicativa da linguagem foi relegado a um segundo plano, logo, tido como algo acessório ou secundário face à expressão individual do falante. Contudo, desde formulações da teoria bakhtiniana, encontradas em trabalhos como os de Bakhtin (2016a) e Volóchinov (2018a), ensejamos nos afastar da corrente responsável por privilegiar o estudo do enunciado monológico enquanto ato individual de caráter lógico-psicológico, para seguirmos ao encontro da concepção de linguagem como fenômeno social — do elemento sonoro às camadas de sentido mais abstratas e profundas —, cujo centro organizador radica no meio social.

Nessa perspectiva, o falante não poderá se caracterizar jamais como um Adão bíblico, que se depara com palavras virgens (Bakhtin, 2016a). Ora, a experiência discursiva de qualquer pessoa somente encontra materialidade em signos, prenes de tonalidades dialógicas, porque produzidos no interior de interações sociais. Com efeito, “a personalidade falante, tomada por assim de dentro, é inteiramente um produto das inter-relações sociais” (Volóchinov, 2018a, p. 211).



De tal modo, é preciso admitir que, nas palavras, ressoam visões de mundo, juízos de valor, disputas sociais: “Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mau, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável, e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana*” (Volóchinov, 2018c [1929-1930], p. 181).

Podemos concluir, portanto, que não mobilizamos palavras, mas sim conteúdos e sentidos, que guardam íntima relação com a realidade concreta. De fato, a emergência e a difusão do termo “feminicídio” revelam o domínio de forças sociais defensoras dos direitos das mulheres, forças que, com base em Bakhtin (2015), alcançamos conceber como centrífugas.

A realidade concreta da língua, a todo momento, apresenta-se estratificada em linguagens socioideológicas. São linguagens de grupos sociais, de gêneros, de gerações. Em cada situação de emprego da língua, cruzam-se forças centralizadoras (centrípetas) e forças descentralizadoras (centrífugas), tendências contraditórias da vida da linguagem que dão o tom das palavras, dos enunciados e dos discursos.

Aquelas forças (centrípetas) são responsáveis por centralizar e unificar o pensamento verbovalorativo num processo indiviso de centralização sociocultural. As forças centrífugas, por sua vez, atuam de maneira incessante ao lado das forças centrípetas, buscando libertar a diversidade de linguagens e de pontos de vista condicionados pela língua. Com efeito, a linguagem se constitui como um espaço de luta entre discursos, vozes sociais, visões de mundo (Bakhtin, 2015).

Compartilhando do entendimento de Segato (2006) no que se refere à importância da nomeação para uma melhor compreensão do fenômeno, neste estudo, escolhemos analisar webnotícias que apresentam a palavra “feminicídio”. Com isso, estamos a considerar que a abdicação do uso desse termo por parte de jornais funciona a serviço de uma tendência centrípeta de contenção da pluralidade verboideológica da vida social. Dessa forma, é indicativa de uma lógica de redução da relevância dos assassinatos de mulheres motivados pela condição feminina, afinal, como pontua a estudiosa argentina, a indistinção dos feminicídios reforça a transferência desses crimes à esfera privada das relações<sup>12</sup> (Segato, 2012b).

---

<sup>12</sup> Na esteira dessa discussão, não podemos deixar de problematizar o tratamento verificado em textos de jornais tematizando a morte de Fabiana Moraes dos Santos, sucedida em 17 de janeiro de 2024, momento de reescrita desse capítulo, em Ibirapuitã, cidade localizada a uma distância de aproximadamente 250 km da capital gaúcha. O fato, que recebeu significativa atenção das mídias jornalísticas, foi noticiado como sendo “duplo homicídio”, dado o assassinato de Onofre Raul de Moraes, pai de Fabiana, na mesma ocasião (cf. Mistura; Ruschel, 2024; Homem [...], 2024). Efetivamente, tratava-se de um feminicídio e de um homicídio, ambos os crimes ocorridos por extensão da violência patriarcal, como os próprios textos jornalísticos deixaram entrever, sem, no entanto, especificar. Com isso, o elemento gênero foi menosprezado e, por conseguinte, o teor do problema.

Com Segato (2012b), diremos, então, que um feminicídio, ainda que ocorra em ambiente doméstico, não é um problema particular, já que o gênero, na medida em que compõe as razões para o crime, refere-se a uma dimensão pública, política e de impacto social expressivo. Apoiando-nos também no pensamento bakhtiniano, defendemos que o desmantelamento do mandato de masculinidade pode começar com a compreensão de relações sociais propagadas em veículos de informação, como é o caso dos jornais. Em vista disso, dedicamo-nos, na continuidade, à delimitação de uma postura ético-política ancorada tanto em um feminismo dialógico quanto no pensamento de Bakhtin e o Círculo, o que nos permite entender o feminicídio como um crime de extirpação de alteridades (valores, vozes e vidas).

## 2.2 FEMINICÍDIO E FEMINISMO DIALÓGICO

Limitamo-nos, até aqui, a uma discussão conceitual em torno do feminicídio. Queremos, a partir de agora, externar de que maneira esse conceito pode ser entendido se considerado desde uma perspectiva feminista dialógica e, conseqüentemente, o modo como a associação do feminismo dialógico a formulações do pensamento bakhtiniano pode determinar a análise, via linguagem, do feminicídio.

Em linhas gerais, o feminismo consiste em “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2023, p. 17). Essa definição de bell hooks, apresentada pela primeira vez na década de 1980, deixa entrever como problemas todas as ações e pensamentos sexistas, independentemente se perpetuados por homens ou mulheres.

Na primeira década deste século, conforme as autoras Castillo Herrera e Vílchez (2015), os movimentos feministas se mostraram internamente marcados por debates entre seus integrantes. Contudo, para além das especificidades apresentadas por cada corrente, parece haver imperado uma agenda com reivindicações convergentes à luta pelos direitos humanos e à construção de uma efetiva cultura de paz. Diante da inexistência de um único feminismo, eis que surgiu uma proposta cuja defesa consistia na inclusão de todas as vozes no debate.

Nessa perspectiva, o feminismo dialógico corresponde à proposição introduzida nos anos 2000 pela socióloga colombiana Lúcia Puigvert, com base nas teorias do educador brasileiro Paulo Freire e do filósofo alemão Jürgen Habermas (Castillo Herrera; Vílchez, 2015). Emergiu, então, o feminismo dialógico como uma alternativa que “advoga a radicalização da democracia, numa aposta pela capacidade de ação e reflexão de todas as pessoas” (Puigvert; Ruíz, 2003, p. 49).

Atualmente, a filósofa brasileira Márcia Tiburi vem contribuindo significativamente

com as discussões ao conceber o feminismo dialógico como um caminho para um feminismo em comum, um “convite ao diálogo entre todas as mulheres, entre todas as feministas e a todas as pessoas que lutam por um mundo melhor” (Tiburi, 2023, p. 191). Aqui, cumpre distinguir a extensão do fundamento feminista, que, segundo Tiburi (2023, p. 114), não se restringe às mulheres, já que “prevê um mundo em que todos sejam sujeitos de direitos”. De acordo com a autora, o feminismo, de modo geral, consiste na “desmontagem do patriarcado que visa transformar a sociedade em que vivemos”, erigindo-se, portanto, contrário às formas de violência inerentes a essa ordem (Tiburi, 2023, p. 20). Com efeito, entendemos que o feminismo pode ser definido como “o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças criadas e sustentadas sistematicamente pelo patriarcado” (Tiburi, 2023, p. 25).

Desta sorte, a invenção de um outro mundo possível coincide com a construção de um mundo livre de violência e, em conformidade com o sugerido por Tiburi (2023), essa criação reclama o escrutínio das formas de linguagem usadas a serviço da dominação e, mais ainda, daqueles discursos funcionais — porque sustentáculos — do patriarcado a fim de criar condições para mudanças nos modos de ser e estar em sociedade.

Enquanto um campo teórico e prático, o feminismo se configura como uma utopia concreta ao defender a singularidade de cada sujeito, isto é, “a forma subjetiva que expressa a existência de cada um como um ser de diferença” e, como consequência, pressupor a presentificação das diferenças no diálogo (Tiburi, 2023, p. 176). Este, o diálogo, por sua vez, é entendido como construtor das lutas, o qual implica as capacidades de fala e de escuta, ou, em outros termos, de autoexpressão e de recepção da expressão alheia.

Nas palavras de Tiburi (2023, p. 97), “Se o lugar de fala expressa um desejo de espaço e tempo contra uma ordem que favorece uns em detrimento de outros, a escuta é um elemento prático no processo político que precisa ser experimentado com urgência, sobretudo pelos sujeitos que detêm o privilégio da fala”. Assim, o direito ao lugar de fala de uma pessoa instaura a necessidade da escuta por parte de uma outra, fazendo-se “fundamental para expressar a singularidade e o direito de existir” (Tiburi, 2023, p. 177).

A defesa da assunção da posição de escuta já figurava na origem do feminismo dialógico na medida em que se argumentava a respeito das vozes das *outras mulheres*, aquelas marginalizadas nas discussões acadêmicas, principalmente porque carentes de estudos superiores, e da importância de elas serem ouvidas de modo a proporcionar avanços na superação das relações sociais de opressão. Em outros termos, desde sua gênese, o reconhecimento e a compreensão da alteridade foram considerados movimentos essenciais a

um feminismo transformador<sup>13</sup>.

Essa perspectiva certamente se aproxima do pensamento bakhtiniano, que aponta para o papel edificante desempenhado pelo *outro* no discurso e na vida. No que se refere à concepção de linguagem do Círculo, especificamente, a noção de alteridade resulta evocada à medida que o discurso é concebido como orientado a alguém e a outros discursos, antecedentes e subsequentes, tal como assinalado em trabalhos como o de Bakhtin (2015).

Nessa perspectiva, as capacidades de um sujeito em exprimir-se a si mesmo e compreender a expressão de um outro, defendidas por Bakhtin (2017b) como imprescindíveis às ciências humanas, também podem ser associadas, respectivamente, aos lugares de fala e de escuta, preconizados pelo feminismo dialógico. Indo mais além, é possível afirmar que tanto o feminismo dialógico quanto a teoria bakhtiniana distinguem o conhecimento da coisa e o conhecimento do sujeito ao postularem esse último como caminho para construir compreensões acerca de realidades sociais.

Sobre isso, o mestre russo enfatiza que “A coisa, ao permanecer coisa, pode influenciar apenas as próprias coisas; para exercer influência sobre os indivíduos ela deve revelar *seu potencial de sentidos*, isto é, deve incorporar-se ao eventual contexto de palavras e sentidos” (Bakhtin, 2017b, p. 71), o que pressupõe entrar para a corrente da comunicação verbal por meio de textos, produzidos por sujeitos situados e únicos. Estamos, pois, diante da defesa da singularidade enunciativa e da eventicidade de cada indivíduo, incluindo-se aí sua ação responsiva e responsável.

Postas essas considerações a respeito do feminismo, interessa-nos referir a publicação *Contribuições bakhtinianas para um feminismo dialógico*, das estudiosas brasileiras Di Fanti, Boenavides e Martins (2021). Nesse trabalho, admitindo a importância do feminismo dialógico, as autoras desenvolvem uma reflexão mediante o cotejamento de ideais de Lúcia Puigvert, das formulações de Marcia Tiburi e de alguns conceitos bakhtinianos, de forma a verificar o potencial de contribuição do pensamento de Bakhtin a um feminismo dialógico.

Nesse sentido, Di Fanti, Boenavides e Martins (2021, p. 578) apontam como sendo um dos principais aportes bakhtinianos a essa perspectiva feminista “o caso do necessário respeito ao *outro* como centro de valor tão importante quanto o *eu*, ou ainda, o *outro* como condição para a existência do eu”. As autoras admitem o alinhamento desse aspecto ao feminismo

---

<sup>13</sup> Apoiando-nos no entendimento de Castillo Herrera e Vílchez (2015) a respeito do pós-colonialismo, não podemos deixar de conceber tal aspecto da escuta defendido pelo feminismo dialógico como alinhado às propostas epistemológicas pós-coloniais, é dizer, com aquelas formulações responsáveis por reivindicar o reconhecimento dos sujeitos tratados como *outros* pela colonização enquanto autênticos produtores de conhecimento.

dialógico no que tange à defesa da participação de diferentes sujeitos no debate como meio de ampliação e melhoria da luta.

Para essa discussão, convém elucidar o aspecto revolucionário instaurado por Bakhtin. De acordo com Augusto Ponzio (2021, p. 14), a grande revolução bakhtiniana consiste “na mudança do ponto de referência da visão e da construção do mundo, que já não se coloca no horizonte do ‘Eu’, mas no horizonte do ‘Outro’. Uma mudança que não só põe em discussão todo o rumo da filosofia ocidental, mas também a visão de mundo dominante”.

Assim, podemos enunciar o chão comum ao feminismo dialógico e à perspectiva bakhtiniana de linguagem: a coexistência com a alteridade, incluído aí o traço de tensão que lhe é própria, como fundante da vida. Ora, para sublinhar, o feminismo dialógico baseia-se no diálogo, não necessariamente harmonioso, entre singularidades, enquanto que, para Bakhtin (2011 [1961-1962], p. 348), “viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder etc”. Isso na medida em que os sujeitos se tornam tais nas relações estabelecidas socialmente por meio da linguagem. Bakhtin é mesmo um pensador das tensões, tal como nos lembra a estudiosa de sua teoria Marília Amorim (2006, p. 111), afinal, para ele, a tensão “é constitutiva da criação humana, porque ela é o que atesta a presença do *outro*”.

Seguindo com o entendimento bakhtiniano, apenas no ponto de contato com o “outro”, que dispõe de um excedente de visão definível pela alteridade, o “eu” encontra acabamento. A consciência humana e a própria vida humana acabam, assim, por dialogizar-se, posto que “O homem existe em realidade nas formas do *eu* e do *outro*”, conclui Bakhtin (2011, p. 349). Através do outro, com a ajuda desse outro, o “eu”, por fim, torna-se “eu”, num gesto elevado de sociabilidade, interdependência e contraposição entre as partes, o qual se apoia no dialogismo e na alteridade como constitutivos da vida.

Em suma, dada essa postura ético-político feminista dialógica, advogamos pensar o valor da vida de uma mulher como radicado no fato de ser uma vida outra, simplesmente. Refutamos, dessa maneira, conceber o feminino como “o outro” do masculino, em que aquele figura em função deste, em uma relação de anomalia. Com Segato (2022), poderíamos dizer que propomos “dualismo” em vez de “binarismo”, estruturas que a antropóloga entende como radicalmente distintas. Entretanto, acreditamos muito mais em “pluralismo”, em que “o outro” é sempre capaz de expandir “o eu”.

Lembram-nos Di Fanti, Boenavides e Martins (2021, p. 579) que “entre o *eu* e o *outro*, o *outro*, um ser em processo (como o *eu*), não pode ser reduzido a uma versão acabada como quer o patriarcado e o capitalismo”. Sugerimos, assim, tal como pontua Saffioti (2015, p. 83) a partir de reflexões do escritor português José Saramago, que “a compreensão dos direitos

humanos impõe que cada um *respeite* os demais. Amar o outro não constitui uma obrigação, mesmo porque o amor não nasce da imposição. Respeitar o outro, sim, constitui um dever do cidadão, seja este outro mulher, negro, pobre”.

Isso posto, é imperativo dedicarmos nossa atenção à realidade de violência letal contra as mulheres e sua formulação desde a mídia jornalística, considerando, em definitivo, o feminicídio como expressão de soberania em sua fase extrema, caracterizada pela eliminação de alteridades (valores, vozes e vidas) com base na desigualdade de gênero.

Ao nos voltarmos para uma instituição potencialmente representante do patriarcado, como é o caso do jornal, podemos realizar aquilo que Di Fanti, Boenavides e Martins (2021, p. 581) entendem como sendo “acessar seus variados funcionamentos nos diferentes eventos da vida” e ainda “tomarmos consciência do quanto a nossa posição ética, ativa e responsiva pode contribuir para uma sociedade mais justa e menos desigual”. Com efeito, em consonância com o entendimento dessas autoras, o feminismo dialógico oferece um aporte à observação dos lugares assumidos pelos interlocutores e à análise de suas avaliações em relação aos objetos do discurso. O pensamento bakhtiniano, por sua vez, apresenta subsídios ao exame e à compreensão das relações de alteridade.

### 3 A PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Dedicamos estas páginas à apresentação de observações de cunho teórico- metodológico acerca da perspectiva dialógica da linguagem. Como apontam certas pesquisas (Acosta Pereira; Oliveira, 2022; Destri; Marchezan, 2021; Rohling, 2014), em qualquer estudo cuja principal base corresponda à teoria bakhtiniana, tornam-se essenciais conceitos como enunciado, gêneros discursivos, dialogismo, relações dialógicas e cronotopo, uma vez que são fundantes do pensamento de Bakhtin e o Círculo.

Em vista disso, tratamos de revisar certos conceitos com o intuito de explorar características do dialogismo — princípio constitutivo da linguagem na perspectiva a que nos filiamos — para, assim, construir um arcabouço teórico-conceitual a esta investigação. Tal procedimento não coincide, necessariamente, com uma revisão completa da obra bakhtiniana, mas sim com seleções da teoria, que poderão orientar a análise subsequente. Desse modo, a discussão oferece margem à emergência de um construto teórico-conceitual-analítico, que se desdobra em um quadro de conceitos e questionamentos orientadores da análise.

Como *corpus* teórico, mobilizamos determinados textos clássicos, tais como: de Valentin Volóchinov, revisitamos o ensaio “A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica”, de 1926, além de dois capítulos contidos na segunda parte de *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico*, doravante *MFL*, livro datado de 1929-1930. Os capítulos são “A interação discursiva” e “Tema e significação na língua”. Ademais, acudimos ao ensaio “Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado”, de 1930.

De autoria de Pável Medviédev, recorreremos ao capítulo “Os elementos da construção artística”, integrante do livro *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, publicado originalmente em 1928. Já de Mikhail Bakhtin, exploramos “O discurso no romance”, texto de 1934-1935, “Os gêneros do discurso”, fragmento de texto escrito entre 1952 e 1953, “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, manuscrito de 1959-1961, bem como *Problemas da poética de Dostoiévski*, obra de 1963. Mobilizamos ainda o texto “Fragmentos dos anos 1970-1971”, “Por um metodologia das ciências humanas”, lançado em 1975, e o capítulo “Observações finais”, integrante do ensaio “As formas do tempo e do cronotopo” (*Teoria do Romance II*), também publicado em 1975, ano de falecimento do mestre russo.

Cumpramos registrar essa seleção como resultante do cruzamento de dois critérios. Um diz respeito ao reconhecimento da importância de tais textos dentro do quadro teórico bakhtiniano;

o outro releva da caracterização conceitual que procuramos empreender. Cabe mencionar também uma observação a propósito da autoria dos textos. Isso porque, apartando-nos do histórico de polêmicas autorais, mobilizamos a autoria de cada texto em conformidade com a edição brasileira mais recente a que tivemos acesso.

Iniciamos nossa incursão pelo conceito de enunciado, pois o consideramos edificante do escopo de nossa pesquisa. Dado esse passo, encontramos ensejo para discutir, na continuidade, o conceito de gêneros discursivos. Preparado o terreno, voltamo-nos categoricamente aos conceitos de relações dialógicas e dialogismo. Na sequência, abordamos o conceito de cronotopo enquanto porta de entrada ao estudo dos sentidos. Por fim, apresentamos observações para o estudo dialógico da linguagem.

### 3.1 A UNIDADE DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA

Ao considerar cronologicamente as produções do Círculo de Bakhtin, o ensaio “A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica”, de Volóchinov (2019a), desponta como um dos primeiros a abordar, de maneira sistemática, o enunciado enquanto unidade mínima do discurso. Efetivamente, o texto é expressão do projeto intelectual, que Volóchinov compartilhou com Medviédev, de construir uma teoria de base marxista da criação ideológica, bem como marca o começo da virada linguística do Círculo, isto é, a confluência para a temática da linguagem (Faraco, 2009).

Inicialmente, é preciso considerar que os dois membros do Círculo de Bakhtin citados se envolveram diretamente nos debates políticos, sociais e culturais na Rússia pós-Revolução de 1917. Nas palavras de Faraco (2009, p. 27), “A conjuntura política levava os intelectuais a se envolverem na construção de formulações teóricas de inspiração marxista que pudessem se contrapor aos quadros teóricos tradicionais”. Isso explica a presença de duas linhas argumentativas nos textos de Volóchinov e Medviédev: uma comprometida com a cientificidade do discurso, outra reivindicativa de rigor metodológico às propostas de base marxista.

Somente por volta de 1925, os membros do Círculo, incluindo Bakhtin, passaram a se ocupar de questões de núcleo linguístico. Como também destaca Faraco (2009, p. 30), essa espécie de “casamento de perspectivas na formulação de uma teoria da linguagem” evidencia não só o potencial heurístico do grupo, como também a capacidade de redirecionamento dos trabalhos de seus integrantes.

Assim, no texto publicado em 1926, é elucidada a tese acerca da existência de aspectos



comuns entre os enunciados artísticos e os enunciados cotidianos. Para tanto, em oposição ao pensamento formalista, responsável por refutar aproximações entre essas duas linguagens (poética e cotidiana), Volóchinov (2019a) destaca o caráter sociovalorativo como a base comum dos enunciados na arte e na vida.

De maneira patente, o linguista critica a aplicação do método sociológico restrita a questões históricas, especificamente o ponto de vista que distinguia as séries imanente e causal, tanto na literatura quanto na história. O ponto problematizado por Volóchinov (2019a) consiste na inexistência de abordagens sociológicas da estrutura interna de uma obra artística.

Por um lado, imperava certa transformação da arte em coisa, uma colocação do material em primeiro plano de estudo, logo, da palavra enquanto fenômeno abstrato, caso que identifica o método formal. Por outro, havia o estudo do psiquismo do criador ou do contemplador, uma tentativa de revelar a essência artística por meio da análise psíquica individual. Na visão do linguista russo, ambas as posições buscavam, erroneamente, encontrar a totalidade artística em partes isoladas. A essência, defende Volóchinov (2019a), é resultante da interação entre criador e contemplador, e se fixa na obra. Eis o caráter social da palavra e a relação entre enunciado e meio social.

A propósito dessa natureza da linguagem, interessa-nos ponderar, inicialmente, acerca da impossibilidade de autossuficiência da palavra: “a palavra, quando analisada de modo mais amplo, como um fenômeno da comunicação cultural, deixa de ser um objeto autossuficiente e já não pode ser compreendida fora da situação social que a gerou” (Volóchinov, 2019a, p. 114-115). Nessa perspectiva, “*O centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo*”, assevera-nos Volóchinov (2018a, p. 216) em seu livro *MFL*.

Podemos aventar que, para além de uma forma linguística abstrata, um enunciado qualquer erige enquanto uma materialidade específica resultante da inter-relação entre criador e interlocutor, mantendo, portanto, uma relação bastante íntima com o contexto social que o engendra, o qual é capaz, inclusive, de determinar seu sentido. Mas qual noção de sentido subjaz aqui? Em *MFL*, encontramos uma resposta possível a esse questionamento: “O sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu *tema*” (Volóchinov, 2018b, p. 227-228). E tema, cabe observar, está para unidade temática.

Um outro apontamento, expresso adiante, também nos parece indispensável à noção de sentido. Declara Volóchinov (2018b, p. 228) que “o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem — palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação —, mas também pelos aspectos extraverbiais da situação”.

Nessa esteira, somamos o apontamento de Medviédev (2016, p. 197) a respeito de que o tema transcende a língua, pois “é inseparável tanto do todo da situação do enunciado quanto dos elementos linguísticos”. Para tanto, embora os elementos semânticos da língua auxiliem na sua construção, o tema jamais pode ser reduzido à combinação dos significados das palavras constituintes de um enunciado.

Assim, não podemos deixar de observar ainda que, para além do tema, o enunciado possui significação. De acordo com Volóchinov (2018b), a significação diz respeito à realização técnica do tema e, portanto, compreende traços repetíveis. Ademais, apoiando-nos em Bakhtin (2016a), podemos dizer que a significação, cuja natureza é linguística, adquire tonalidade expressiva somente no contato com a realidade concreta. Antes disso, a palavra é livre para servir a qualquer juízo de valor.

Tomados em conjunto, esses aspectos já são capazes de orientar nossa análise na medida em que concebemos o sentido de cada uma das webnotícias, textos que constituem nosso objeto de estudos, como determinado pelos contextos a que se vinculam esses mesmos enunciados. Dessa maneira, devemos atentar tanto para as formas linguísticas quanto para os elementos extraverbais e sua refração no interior de tais textos.

Isso posto, é fundamental tornar presentes três apontamentos oriundos do texto “A construção do enunciado”. Nesse ensaio, Volóchinov (2019b, p. 282) afirma que “todo enunciado efetivo e real é dotado de um *sentido*”. Assevera ainda que “por mais que nos esforcemos, não compreenderemos o sentido desse enunciado se não conhecermos todas as condições nas quais ele é pronunciado”. Já um pouco adiante, o linguista agrega a seguinte declaração: “O sentido depende por inteiro tanto do ambiente mais próximo, gerador imediato do enunciado, quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva” (Volóchinov, 2019b, p. 283).

A consideração dessas questões indicia a compreensão de que não basta considerar o texto jornalístico, por exemplo, em relação ao contexto imediato de sua emergência. A realização desse passo, apenas, mostra-se insuficiente para descobrir o sentido do texto. É preciso, pois, correlacioná-lo a elementos do passado ubicados em uma posição mais distante no tempo e no espaço, mas igualmente capazes de se refletirem nesse enunciado. Também se apresenta indispensável o cotejamento com elementos projetados para um tempo à frente, futuro, portanto. Em última análise, cabe-nos tratar de ler o passado sob a ótica do presente, tendo o futuro como perspectiva.

Dadas asserções do ensaio de 1930 amparam o entendimento de nuances expostas no

texto precedente, aquele de 1926<sup>14</sup>. Primeiramente, a respeito do sentido global de uma dada unidade da comunicação discursiva, Volóchinov (2019a) aponta para a necessidade de conhecer o contexto extraverbal desse enunciado, que engloba a tríade formada por: 1) o horizonte espacial comum dos falantes; 2) o conhecimento da situação comum a eles; e 3) a avaliação comum da situação. A seu tempo, no texto posterior, o autor elucida os aspectos constitutivos da situação: a) o espaço e o tempo do acontecimento do enunciado; b) o objeto ou tema dessa unidade; e c) a relação dos falantes com o objeto (Volóchinov, 2019b).

Na medida em que compõem o horizonte espacial e semântico de um dado enunciado, tais aspectos podem ser concebidos como subentendidos nos quais essa mesma unidade se apoia. Por extensão, logramos concluir que, sem considerá-lo, não existe possibilidade de compreender o sentido integral do produto de uma comunicação específica. Assim, se quisermos genuinamente conhecer o sentido de determinada unidade, devemos captar o papel assumido pela situação extraverbal na composição semântica do enunciado.

O explanado nos permite, então, distinguir o enunciado e sua composição por duas partes: i) a linguisticamente realizada e ii) a subentendida. Se bem esta não se confunde com aquela, não podendo ser a partir dela inteiramente deduzida, a parte dos subentendidos determina a escolha e a estrutura formal do discurso (Volóchinov, 2019a). Resta-nos, daqui em diante, aprofundar a reflexão a respeito do enunciado e sua relação com a vida.

De acordo com Volóchinov (2019a, p. 129), o enunciado é capaz de refletir — não como um espelho reflete um objeto, mas sim de forma avaliativa e concludente — a interação entre o falante/escrevente, o ouvinte/leitor e o próprio objeto do discurso, afinal, constitui-se como “o produto da sua comunicação viva e da sua fixação no material da palavra”. Bakhtin (2016b, p. 95), em texto posterior, afirma que “O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que, ademais, tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.)”.

O conteúdo e a forma de um enunciado, cabe sublinhar, cultivam uma relação ativa e estreita com os participantes dessa interação. Por certo, é através da forma que o autor avalia o conteúdo do enunciado. Aliás, as escolhas do conteúdo e da forma passam a corresponder a

---

<sup>14</sup> Como assinalado pelas tradutoras Grillo e Américo (2019), no ensaio de 1930, é possível notar uma preocupação com a explicitação de conceitos, o que pode ser entendido em função do veículo em que o texto fora publicado. Tratava-se da revista *Literatúrnaia Utchióba*, fundada naquele mesmo ano com o intuito de proporcionar acesso a estudos literários e linguísticos a trabalhadores para, em última instância, colaborar com a elevação do nível cultural da população russa. Desse modo, entendemos que “A construção do enunciado” pode subsidiar a compreensão de aspectos presentes em “A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica”, ensaio publicado em 1926 na revista de escopo literário *Zvezdá*.

faces de uma mesma moeda, que tanto afirma a posição do falante como veicula determinadas avaliações sociais.

No caso dos enunciados de que nos ocupamos, isto é, das webnotícias sobre feminicídios, admitimos o potencial criador desses textos antes mesmo da efetivação do processo analítico. Isso porque partimos da compreensão de que os textos jornalísticos podem desempenhar um papel singular na vida social, coincidente, muitas vezes, com a formação de opiniões e modulação de valores. Em certa medida, resulta elucidado esse funcionamento das webnotícias como sendo possível em razão da constituição dialógico-valorativa de tais enunciados.

Se a forma do enunciado determina seu conteúdo, o inverso também é verdadeiro. Isso porque o estilo de um enunciado sofre influência do peso hierárquico do próprio objeto, ou seja, do conteúdo do enunciado. Além do valor social do objeto, instrui-nos Volóchinov (2019a), determinam o estilo do enunciado o grau de proximidade entre o falante/escrevente e o ouvinte/leitor e a inter-relação do autor com o objeto, por um lado, e com o destinatário, por outro.

Assim, podemos entender um enunciado como o produto de um processo, qualquer comunicação discursiva específica. Nesse processo, autor, objeto e interlocutor constituem partes com posições autônomas e definidas. O peso social do objeto, a proximidade do autor com o ouvinte/leitor e a sua posição bilateral (em relação ao autor e ao objeto) funcionam como forças sociais, porque advindas da realidade extraverbal, determinantes ao acabamento do produto, é dizer, da forma e do conteúdo do enunciado.

O que estamos a declarar está devidamente colocado em palavras no ensaio de 1930, acrescido da concepção de gêneros do discurso. Nele, o linguista anuncia:

Esse enunciado [qualquer], como unidade da comunicação discursiva e como um *todo* semântico, constitui-se e toma uma forma estável precisamente no processo de uma determinada interação discursiva gerada por um tipo de comunicação social. Cada um dos tipos dessa comunicação citados por nós [cotidiana, política, científica etc.] organiza, constrói e finaliza, *a seu modo*, a forma gramatical e estilística do enunciado, sua *estrutura típica*, que chamaremos adiante de *gênero* (Volóchinov, 2019b, p. 269).

Isso tudo converge para o caráter dialógico do discurso, que surge endereçado à compreensão e à resposta de uma pessoa, pelo menos, em um dado contexto de interação. A palavra, expõe Volóchinov (2018a, p. 205) no capítulo “A interação discursiva”, de *MFL*, “*é um ato bilateral*”, determinada pelo falante e pelo ouvinte, “*ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*”.

Nesse prisma, sublinhamos a orientação social de cada unidade da comunicação discursiva, respectiva à “*dependência do enunciado em relação ao peso sócio-hierárquico do auditório*”, isto é, aos participantes dessa interação (Volóchinov (2019b, p. 280). Isso porque, em meio às condições do enunciado (situação), a orientação social atua como uma força organizadora do discurso.

Devidamente concebido esse ponto, passamos a explorar aspectos contribuidores à discussão presentes no texto “Os gêneros do discurso”, escrito nos anos 1952 e 1953. Nesse manuscrito, Bakhtin (2016a) nos conduz ao entendimento do enunciado como elo na corrente infinita que é a comunicação discursiva. A moldura de um dado enunciado, para tanto, é conferida pelos enunciados que o precedem e que o sucedem e, conseqüentemente, pela alternância dos sujeitos do discurso. Eis a primeira peculiaridade do enunciado.

Como um aspecto interno a essa primeira peculiaridade, ensina-nos Bakhtin (2016a), figura a segunda, qual seja a conclusibilidade específica do enunciado. Isso é assim tendo em vista que o acabamento de uma dada unidade do discurso é determinado pelos limites do enunciado e, portanto, pela alternância dos falantes.

Nesse quadro, o mais importante critério de conclusibilidade do enunciado consiste na possibilidade de responder, ou melhor, de ocupar uma posição responsiva em relação a ele. Tal plenitude acabada, por sua vez, encontra determinação em três elementos, a saber: a) exauribilidade semântico-objetal; b) intenção discursiva; e c) formas típicas do gênero.

Segundo Bakhtin (2016a), ao se tornar conteúdo temático de um enunciado, um determinado objeto, a princípio inexaurível, recebe relativo acabamento em função da intenção discursiva do falante, ou seja, de sua vontade de produzir sentidos. Antes de tudo, porém, essa intenção orienta a escolha do gênero, vinculando o enunciado a uma situação concreta e única de comunicação discursiva.

A respeito desse caráter relativo do acabamento, consideramos importante atentar para a observação de Medviédev (2016). Conforme esse teórico, fora do mundo artístico, o acabamento de um enunciado é de índole convencional e discursiva, determinado por fatores externos ao próprio objeto. Desse modo, é possível apenas um acabamento composicional, que não coincide com o esgotamento do objeto em si.

Com isso, não podemos entender o enunciado a não ser como a expressão da posição de um sujeito em relação a enunciados precedentes e subseqüentes, ao próprio objeto do enunciado e aos participantes da interação discursiva. Em “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, Bakhtin (2016b, p. 98-99) sintetiza esse entendimento ao afirmar que

o enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e com o sujeito-autor falante (e por sua relação com a linguagem enquanto sistema de possibilidades potenciais, enquanto dado), mas – e isso é o que mais importa para nós – de forma imediata com outros enunciados no âmbito de um dado campo da comunicação.

Estamos, pois, diante do terceiro traço constitutivo do enunciado, o elemento expressivo, entendido como “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (Bakhtin, 2016a, p. 47). Ora, um enunciado sempre pretende a verdade, a justiça, a beleza, ou algum outro valor social. É precisamente a inexistência desse tipo de relação com a realidade o que mais diferencia uma oração de um enunciado.

Quando designamos enunciados as webnotícias, logo, estamos a contemplar a expressividade desses textos e, conseqüentemente, o vínculo que cultivam com a realidade objetiva. Em definitivo, não operamos com unidades puramente linguísticas (orações) e sim com unidades discursivas (enunciados), que exprimem posições de sujeitos sobre dado tema social.

A expressividade, cumpre observar, mostra-se diretamente relacionada à disposição do enunciado para um interlocutor, ou seja, ao seu direcionamento. Nessa perspectiva, de acordo com Bakhtin (2016a), a forma do enunciado é atribuída sob influência do destinatário e de seu campo aperceptivo, determinantes para a compreensão responsiva.

Julgamos indispensável a consideração desses aspectos para a compreensão do caráter social e valorativo do enunciado. Procuramos, em suma, evidenciar o centro organizador da linguagem como radicado na realidade extraverbal e, por conseguinte, sua importância para a construção dos enunciados. Uma vez que essas unidades se realizam no fluxo da comunicação discursiva, tendo suas fronteiras definidas no contato com a situação, delineia-se um horizonte de conhecimento acerca das formas relativamente estáveis e típicas de enunciados, responsáveis por fixar determinados acabamentos às formas da língua segundo as funções que desempenham na vida social. É o que abordamos na sequência.

### 3.2 FORMAS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS E TÍPICAS DE ENUNCIADOS

A incompreensão acerca da questão geral dos gêneros discursivos se mostra um dado primário (ponto de partida) comum aos trabalhos de Medviédev (2016) e de Bakhtin (2016a). Em outros termos, a constatação da limitada realidade de estudo dos gêneros constitui um mote impulsionador de reflexões no caso de ambos os autores.

Medviédev (2016, p. 193) sublinhou como errônea a definição de gênero, construída pelos formalistas, enquanto “agrupamento específico e constante de procedimentos com determinada dominante”. Com a redução do gênero a uma combinação de procedimentos, a questão geral se fez apartada dos polos reais aos quais ela inevitavelmente se conecta: o polo referente à realidade da comunicação social e o polo respectivo ao domínio temático da realidade.

Para tanto, na visão de Medviédev (2016), a organicidade dos gêneros, expressa pela união interna de elementos, não poderia originar-se produto de procedimentos externos ocasionais. Até porque tais procedimentos seriam decorrentes da necessária incorporação de unidade ao gênero em função da comunicação social.

Bakhtin (2016a, p. 13), por sua vez, chamou atenção para o fato de que “da Antiguidade aos nossos dias, eles [os gêneros literários] foram estudados num corte da sua especificidade artístico-literária, nas distinções diferenciais entre eles (no âmbito da literatura) e não como determinados tipos de enunciados”. Ora, face à heterogeneidade dos gêneros, inicialmente sugestiva de traços vazios e demasiado abstratos, era ignorada a natureza linguística comum a essas unidades.

Assim, os intelectuais do Círculo passam a se ocupar da construção do enunciado como um todo, que só se realiza na forma de determinado gênero do discurso. Nesse ínterim, impera a percepção dos elementos que compõem certo enunciado na relação com o gênero e com o campo de comunicação a que essa mesma unidade corresponde. Afinal, “cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade, que são acessíveis somente a ele” (Medviédev, 2016, p. 198). O acabamento, portanto, compreende particularidades das situações cotidianas, segundo Volóchinov (2018a).

Isso posto, interessa-nos observar a relação entre formação linguística e gêneros discursivos. Como abordado, no pensamento bakhtiniano, a linguagem é entendida enquanto uma realidade axiologicamente estratificada, isto é, saturada por índices sociais de valor. Nesse sentido, a língua/linguagem única, acabada e homogênea, não existe a não ser “como sistema gramatical abstrato de formas normativas”, nos termos utilizados por Bakhtin (2015, p. 63) em “O discurso no romance”. O uso, afinal, torna a linguagem multifacetada ao preenchê-la com conteúdos semânticos e axiológicos múltiplos.

Já em “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, encontramos a seguinte assertiva de Bakhtin (2016b, p. 93): “Em diferentes épocas e em diferentes gêneros dá-se a formação da linguagem”. Essa afirmação é responsável por apontar para a função constitutiva da linguagem assumida pela historicidade e pelos gêneros do discurso.

Nesse prisma, devemos considerar as unidades da língua (palavras e orações) como capazes de servir às diretrizes intencionais dos mais diversos gêneros ao longo da temporalidade histórica. Essas unidades, afirma Bakhtin (2015, p. 63), “agregam-se aos pontos de vista específicos, aos enfoques, às formas de pensamento, às nuances e aos acentos de dados gêneros”.

Evocando a questão do termo “feminicídio”, explorada no capítulo anterior desta dissertação, concebemos a possibilidade de mobilização do recurso linguístico segundo intencionalidades próprias de um determinado gênero do discurso. No jornal, por exemplo, essa palavra pode ser usada com um tom de ironia, tristeza, ou mesmo de desprezo. O acento apreciativo, cabe lembrar, será determinado pela vontade discursiva do falante/escrevente, concretizada pelo gênero discursivo.

Em vista disso, o que são os gêneros senão balizadores das formas da linguagem em função das atividades humanas em suas respectivas esferas de realização, fenômeno que viabiliza a comunicação discursiva? Ora, como base dessa reflexão está a premissa bakhtiniana de que, sem interação, a vida social não acontece. E interação pressupõe linguagem, atividade sociointeracional por excelência.

Esse vínculo orgânico e indissolúvel existente entre os usos da linguagem e as atividades humanas constitui, justamente, o foco de atenção do texto denominado “Os gêneros do discurso”. Nesse quadro, temos a consideração de Bakhtin (2016a) de que, se bem a linguagem tende a se mostrar tão multiforme quanto os campos da atividade humana, esses, por sua vez, elaboram tipos de enunciado de estabilidade relativa, os chamados gêneros do discurso.

Os gêneros, para tanto, “correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas” (Bakhtin, 2016a, p. 52). Subjacente a esse ponto está o entendimento da linguagem como realizada por enunciados, que refletem, em seu interior, determinados aspectos dos campos dos quais emergem.

Do conjunto do enunciado, isto é, da unidade de sua construção, Bakhtin (2016a) distingue três elementos, bastante relacionados entre si, a saber: conteúdo (temático), estilo e construção composicional. Corresponde este último à forma singular de estruturação do enunciado, que o estabiliza enquanto gênero.

O estilo, por sua vez, abarca a seleção dos recursos linguísticos (lexicais e gramaticais). “Onde há estilo há gênero”, assevera Bakhtin (2016a, p. 21). Nós afirmamos: o gênero discursivo exige estilo, elemento indissociável das unidades temática e composicional. Com isso, admitimos a possibilidade de mudanças de estilo se refletirem nos gêneros.



Bakhtin (2016a) elucida esse aspecto ao assegurar que, para a construção de nosso discurso, sempre levamos em consideração o conjunto projetado do enunciado, o que requer, de um lado, eleição de um projeto discursivo individual e, de outro, um gênero adequado à situação de comunicação. Desse modo, o emprego das palavras resulta de índole individual-contextual.

Finalmente, o conteúdo diz respeito ao objeto e às posições dos participantes da interação em relação a ele. Como vimos em Volóchinov (2019a), o conteúdo, em sua plenitude, somente pode ser verificado no liame entre o verbal e o extraverbal, entre as partes linguisticamente realizada e subentendida do enunciado.

Dada a diversidade dos gêneros discursivos, Bakhtin (2016a) sinaliza a produtividade da distinção entre gêneros primários e secundários. Os primários (simples) são aqueles formados em condições de comunicação cotidiana e que mantêm um vínculo estreito com essa realidade concreta, a menos que sejam incorporados a gêneros discursivos secundários (complexos), derivados de condições culturais mais elaboradas. Um exemplo está na carta, que adquire um caráter artístico ao integrar um romance.

Como essência dessa distinção, parece-nos figurar a unidade do fundamento expressa pela natureza linguística comum aos gêneros, que comporta tema, estilo e construção composicional. “A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários, bem como o processo de formação histórica dos últimos, lançam luz sobre a natureza do enunciado”, instruímos Bakhtin (2016a, p. 16), apontando para a relação entre linguagem e visões de mundo.

Como muito bem assinalam trabalhos como os das estudiosas Bortolini e Valério (2021), Machado (2018) e dos pesquisadores Pajeú e Mussarelli (2012), a compreensão dos gêneros do discurso apresentada pelo Círculo coloca em relevo a linguagem e o dialogismo da ação comunicativa, de onde emana o diferencial da proposta bakhtiniana. Em se tratando do campo comunicacional em sua especificidade, como assevera Da Porta (2016), os gêneros do discurso podem oferecer uma compreensão mais significativa dos modos de comunicação, capaz de revelar tendências de organização da linguagem. Nessa perspectiva, assumida a perspectiva bakhtiniana, o interesse recai, portanto, sobre a lente dinâmica do processo de produção das formas relativamente estáveis e típicas de enunciados. Dizendo de outro modo, o foco não consiste nas propriedades formais dos gêneros, mas sim nas relações específicas (dialógicas), constitutivas da vida do dizer, aspecto que passamos a explorar a seguir.

### 3.3 DIALOGISMO E RELAÇÕES DIALÓGICAS

Até agora, centramos nossa discussão nos conceitos de enunciado e gêneros do discurso. No que segue, passamos a explorar o diálogo, formulação extremamente cara às reflexões do Círculo. Estamos, afinal, diante do princípio constitutivo da linguagem. No entanto, o que isso nos diz?

Para melhor compreender essa questão, devemos ter em vista a interação discursiva como realidade fundamental da língua, capaz de constituir a si mesma e aos sujeitos que dela fazem uso. Esse aspecto contém duas dimensões inter-relacionadas, que se completam mutuamente ao ponto de o limite entre elas resultar amiúde obliterado, a saber: a interação discursiva como formadora do pensamento e da consciência dos indivíduos e como realizadora da língua/linguagem.

Como anunciado no capítulo 2 deste trabalho, no entendimento do Círculo de Bakhtin, todo falante objetiva suas vivências e experiências por meio de signos de modo que “não há vivência fora da encarnação sónica” (Volóchinov, 2018a, p. 204). Com efeito, a expressão, entendida como a linguagem/o discurso, é responsável por moldar o conteúdo psíquico do sujeito.

Nesse ponto, é possível distinguir a segunda dimensão. O enunciado, embora singular porque proferido por este ou aquele indivíduo em uma situação concreta e única de interação, é de ordem social, e não uma expressão individual de uma consciência.

A língua/linguagem existe no fluxo social da comunicação, “vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta”, como afirma Volóchinov (2018a, p. 220). Tal fenômeno somente se dá sob a forma de enunciados pertencentes a determinados gêneros do discurso, dos quais o falante assimila as palavras para, em seguida, reelaborá-las e reacentuá-las de acordo com suas intenções comunicativas.

Nos termos de Bakhtin (2016a, p. 54), “a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros”. Disso decorrem os ecos e as ressonâncias passíveis de verificação nos enunciados, elementos que entendemos como representantes máximos do dialogismo constitutivo dos discursos.

Nesse quadro, o diálogo, como evento face a face de comunicação, é tão somente uma forma de interação discursiva, muito importante, por sinal. No quadro teórico bakhtiniano, o termo diálogo também pode ser entendido como qualquer comunicação discursiva, que se orienta a uma percepção ativa e a discursos outros, antecedentes e subsequentes, respondendo a eles (Volóchinov, 2018a). Isso, sem dúvida, reafirma a importância do estudo do enunciado e de suas relações com a realidade extraverbal.

Em vista disso tudo é que Volóchinov (2018a, p. 220) apresenta aquela que defende ser “a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua”. Em primeiro lugar, o foco de atenção precisa atingir “formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas”. Logo, precipitar-se sobre “formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos”. Por último, o foco deve coincidir com a “revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual”.

A observação cuidadosa dessa ordem metodológica permite compreender os focos de estudo da seguinte maneira, tal como assinalam Destri e Marchezan (2021): i) relações dialógicas, ii) gêneros discursivos e iii) formas da língua. De tal modo, decorre da obra de Volóchinov (2018a) a orientação quanto à necessidade do exame integrado das relações dialógicas, dos gêneros do discurso e das formas da língua enquanto procedimento adequado para a compreensão da realidade fundamental da língua — o discurso.

Assim, tratando do estudo do discurso, cumpre notar a defesa categórica feita por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski*, obra de 1963. Ao considerar o discurso “a língua em sua integridade concreta e viva”, Bakhtin (2010, p. 207) postula a necessidade de duas disciplinas, relacionadas entre si, voltadas ao estudo da linguagem: a linguística e a metalinguística. Isso tendo em vista a abstração de aspectos constitutivos do discurso na época realizada pela linguística.

A primeira disciplina estaria orientada para o plano estritamente linguístico, enquanto a segunda, para o plano discursivo, albergue dos componentes linguísticos e extralinguísticos. Aquela estudaria as relações entre elementos do sistema; esta, apoiando-se em resultados de pesquisas linguísticas, teria como objeto primordial as relações dialógicas, que impregnam a vida da linguagem (Bakhtin, 2010).

A propósito desses elementos, adverte-nos o mesmo Bakhtin (2010), as relações dialógicas são possíveis não só entre enunciações como também entre partes significantes de enunciados — inclusive palavras isoladas — e entre estilos de linguagem, desde que entendidos como posições semânticas dos falantes. As relações dialógicas encontram condição de existência em relações de natureza lógica ou concreto-semântica sem, contudo, reduzirem-se a elas. Isso significa que relações lógicas e concreto-semânticas podem se tornar dialógicas mediante expressão em enunciados concretos.

No manuscrito “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, Bakhtin (2016, p. 91) caracteriza as relações dialógicas inicialmente como “relações semânticas de tipo especial”, as quais emergem do encontro de enunciados, visto que “só são possíveis

entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso”. Nesse ponto, torna-se importante sublinhar que, *dentro* de um enunciado, as relações possuem índole lógico-objetiva, enquanto, *entre* enunciados, tais relações conquistam natureza dialógica.

Ainda nesse texto, o pensador as concebe como “o novo tipo de relações *semânticas*, cujos membros só podem ser *enunciados integrais* (ou vistos como integrais ou potencialmente integrais), atrás dos quais estão (e nos quais *exprimem* a si mesmos) sujeitos do discurso reais ou potenciais” (Bakhtin, 2016b, p. 101-102). Também nos alerta quanto ao risco de assumir uma concepção estreita de relações dialógicas, que as reduz à discussão ou à polêmica, já que a concordância se constitui como uma importante forma de relação dialógica (Bakhtin, 2016b).

Segundo o mestre russo, enunciados alheios, mesmo distantes no tempo e no espaço, se confrontados em termos de sentido, terminam em relação dialógica (Bakhtin, 2016b). Nesse prisma, compreender um enunciado também é entrar em relação dialógica com essa dada unidade da comunicação discursiva. O grau dialógico da compreensão é determinado, então, pelo diálogo entre os enunciados, nascedouro de todo e qualquer discurso.

O estabelecimento da orientação dialógica como própria dos discursos, ou, nas palavras de Bakhtin (2015, p. 51), como “a diretriz natural de qualquer discurso vivo”, aparece no texto “O discurso no romance”. Nele, Bakhtin (2015) assevera que todo discurso, sem exceção, é capaz de se conectar tanto a certos discursos existentes quanto a alguns que estão por vir.

Na produção de seu discurso concreto, é dizer, de seu enunciado, o falante/escrevente se depara com o objeto envolto em um clima social tenso, “envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos” (Bakhtin, 2015, p. 48). Com efeito, o discurso entra em relação dialógica com os elementos desse ambiente, orientando-se de acordo com a intenção do falante.

Para além dessa via de dialogicidade interna, o discurso nasce orientado para uma resposta: “Formando-se num clima do já dito, o discurso é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo”, afirma Bakhtin (2015, [1934-1935], p. 52-53). Essa diretriz, que considera o ouvinte como cocriador do enunciado, mostra-se uma peculiaridade constitutiva do discurso, afinal, “A interpretação responsiva é uma força essencial que participa da formação do discurso, sendo ainda uma interpretação ativa, sentida pelo discurso como resistência ou apoio que o enriquecem” (Bakhtin, 2015, p. 54).

Nessa linha, o meio heterodiscursivo de palavras do ouvinte é o dado concreto-expressivo para o qual se direciona o enunciado. Trata-se do campo aperceptivo de percepção projetado pelo autor *no* e *para* o ouvinte/leitor e da capacidade desse fundo em determinar a

formação do discurso. É precisamente nesse território, o campo aperceptivo do interlocutor, que o falante/escrevente constrói seu discurso, defende Bakhtin (2015).

Se antes o encontro do discurso com a palavra do outro acontecia no objeto em si, nesse último caso, o horizonte subjetivo e valorativo do interpretador é a arena de encontro. Não obstante, essas duas linhas de dialogação interna do discurso (a palavra do outro no objeto e a palavra do outro na resposta antecipável) costumam se cruzar tão estreitamente ao ponto da indissolubilidade em termos de análise.

Ainda assim, de modo geral, a dialogicidade pode ser apreendida a partir de particularidades semânticas, sintáticas e composicionais da materialidade discursiva (Bakhtin, 2015). Entendemos ser esse o ponto de ênfase subentendido na afirmação de Volóchinov (2019a, p. 127) a propósito de que “eles [todos os elementos do enunciado] são organizados e tomam forma no mesmo processo da *orientação dupla* do falante”.

Cada enunciado, vale sublinhar por fim, é preenchido por ecos de outros enunciados, com os quais se vincula pela identidade do campo discursivo. Não é possível, portanto, apartá-lo dos elos “que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (Bakhtin, 2016a, p. 62).

A abordagem dessas nuances da teoria bakhtiniana nos conduz ao entendimento de que, para compreender um discurso, é preciso considerá-lo em intrínseca relação com a esfera discursiva a que corresponde, o que requer observar relações dialógicas capazes de revelar posições desses mesmos sujeitos e de seus grupos e, em particular, as coordenadas espaciais e temporais implicadas na produção e recepção do enunciado, o que é abordado na continuidade.

### 3.4 O CRONOTOPO OU A PORTA DE ENTRADA AO ESTUDO DOS SENTIDOS

Nos escritos de Bakhtin e o Círculo, as considerações em torno do cronotopo se desenvolvem orientadas para o romance enquanto gênero literário complexo. De maneira específica, em seu ensaio “As formas do tempo e do cronotopo”, publicado em 1975, o mestre russo se dedica a explorar categoricamente as relações espaçotemporais e sua assimilação na literatura.

Mesmo a linguagem romanesca constituindo o cerne do objeto de reflexão do autor, entendemos, tal qual o fazem estudiosos como Polato, Freire Guilherme e Acosta Pereira (2024), que as ponderações de Bakhtin (2018 [1975]) são suscetíveis de aplicação para além dos limites do romance. Referindo-se à esfera literária-ficcional, Bakhtin (2018, p. 227-228) declara que “A linguagem é essencialmente cronotópica como um acervo de imagens. É

cronotópica a forma interna do discurso, ou seja, aquele sinal mediador por meio do qual os primevos significados espaciais se transferem para as relações temporais (no sentido amplo)”.

Nesse quadro, conforme Michael Holquist (2015, p. 35), o capítulo “Observações finais”, o qual foi escrito em 1973 e que veio a lume dois anos depois, mostra-se responsável por expandir o conceito de cronotopo a “uma categoria epistemológica abrangente”. Em vista disso, defendemos o valor do referido texto como dado em razão, sobretudo, de seu caráter duplo, que tanto consubstancia aspectos debatidos anteriormente pelo pensador russo quanto renova questões de índole investigativa acerca da cronotopia.

Bakhtin (2018) inicia tal capítulo explorando o caráter determinante assumido pelo cronotopo no que diz respeito à unidade artística de uma obra, incluindo sua vinculação com a realidade. Com efeito, o pensador afirma que “o cronotopo sempre inclui o elemento axiológico”, bem como que “A arte e a literatura estão impregnadas de *valores cronotópicos* de diferentes graus e dimensões” (Bakhtin, 2018, p. 217).

A primeira afirmação encerra a ideia de que as relações espaciais e temporais refletem e refratam avaliações sociais envolvidas na produção e recepção de discursos. Já a segunda reafirma o entendimento de que a linguagem artística possui uma dimensão sociovalorativa diretamente vinculada às relações espaçotemporais. A esse respeito, cumpre somar a observação de Maria Marta Furlanetto (2019, p. 455) de que, “sendo diferentes os pontos de vista, os valores subjetivos em uma mesma sociedade ou grupo diferem, como diferem estes de outros sujeitos de uma cultura alheia, mesmo que numa porção geográfica considerada um país ou uma nação”. Esse aspecto sugere que os valores cronotópicos não são senão manifestações de valores sociais em espaços e tempos determinados, capazes de representar experiências humanas.

Tomadas em conjunto, as proposições bakhtinianas funcionam como princípios que anunciam a cronotopia como constitutiva dos sentidos dos enunciados. Dados tais princípios, o mestre russo se propõe a abordar ligeiramente certos valores cronotópicos do romance, consideradas as etapas de evolução desse gênero. Bakhtin (2018) toca levemente grandes cronotopos, como o do encontro, ao qual entende que é possível somar o cronotopo da estrada, posto que os dois são comuns aos romances de viagens, aventuras e costumes. Ainda, o cronotopo do salão de visitas, o da cidadezinha de província e o do limiar, que podem ser combinados com o cronotopo da crise ou mudança. Tudo isso para declarar que tais cronotopos “são os centros organizacionais dos acontecimentos basilares que sedimentam o enredo do romance” e concluir que “pertence a eles o significado basilar gerador do enredo” (Bakhtin, 2018, p. 226).

Um cronotopo possui, então, importância figurativa à medida que oferece condições para a discursivização de acontecimentos, o que se deve a “uma condensação espacial e à concretização dos sinais do tempo – do tempo da vida humana, do tempo histórico – em determinados trechos do espaço”, diz-nos Bakhtin (2018, p. 227). Trata-se, em definitivo, da capacidade de um cronotopo em materializar o tempo, por meio da criação de imagens/representações, em um espaço determinado e, desse modo, conferir sentido às posições dos sujeitos concretizadas em dado texto.

Os cronotopos, cabe elucidar, admitem um caráter típico de gênero porque são capazes de assimilar a realidade objetiva, concreta e, portanto, histórica. Desse modo, propiciam a introdução de traços dessa mesma realidade em uma esfera da atividade humana determinada, assim como a constituição de formas relativamente estáveis e típicas de enunciados.

A essa discussão convém agregar a observação de que o universo do falante e do ouvinte também é de índole cronotópica e nos é dado na existência da materialidade linguística. Com efeito, é possível entender que, dos cronotopos dados e reais, são originados os cronotopos criados no texto. Sobre isso tudo, o mestre russo sentencia

A nós se apresenta um texto, que ocupa um lugar definido no espaço, ou seja, é localizado; mas a sua criação, o conhecimento que adquirimos dele fluem no tempo. O texto como tal não é morto: partindo de qualquer texto, passando às vezes por uma longa série de elos intermediários, sempre acabamos chegando à voz humana, por assim dizer, apoiando-nos no homem [...] (Bakhtin, 2018, p. 229-230).

Se, por um lado, não devemos confundir os cronotopos criados no texto com aqueles vivenciáveis pelos sujeitos do discurso, já que entre eles persiste uma fronteira, por outro, precisamos admitir a estreita relação existente entre tais cronotopos, capaz de retroalimentá-los mutuamente. Esse processo de troca, destaca Bakhtin (2018, p. 231), é em si mesmo cronotópico e criativo, “realiza-se, antes de tudo, no mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação”.

Em última análise, cabe observar que o autor de um dado texto se mantém fora do tempo e do espaço do elemento representado. A estudiosa Amorim (2006, p. 105) nos auxilia a elucidar esse aspecto ao apontar a capacidade do cronotopo em designar “uma espécie de matiz espaço-temporal” a partir da qual as histórias são contadas.

Assim, Bakhtin (2018, p. 233) nos brinda uma resposta para a questão geral a propósito do ponto espacial e temporal desde o qual o autor observa os acontecimentos representados em sua narrativa: “a partir de sua contemporaneidade inacabada, com toda a sua complexidade e plenitude”. Tendo isso em vista, um texto não pode ser jamais apartado do campo da cultura,

integrante do contexto da obra e da própria posição do autor e, portanto, responsável por elaborá-lo. Isso implica, em definitivo, reconhecer o potencial histórico de todo e qualquer discurso, incluídas as representações de sujeitos nele concretizadas, afinal, como afirma Holquist (2015), as coordenadas espaciais e temporais constituem a compreensão, fornecem índices acerca de aspectos da existência, incluída a identidade dos sujeitos e seus grupos.

Nesse prisma, ao tomar conhecimento dos cronotopos dados e criados em uma dada produção discursiva, conseguiremos, tal como assevera Amorim (2006, p. 106), “inferir uma determinada visão do homem”. Eis porque “qualquer entrada no campo dos sentidos só se concretiza pela porta dos cronotopos”, já arrematava Bakhtin (2018, p. 236).

Seguindo com o entendimento da autora, devemos admitir que nossa tarefa de compreender a visão dos sujeitos contemporâneos pode ser facilitada por certas produções discursivas (Amorim, 2006). Em jogo, estarão o poder de síntese e a precisão por elas manifestados, além do grau de capacidade de tais produções em revelar a indissolúvel relação cultivada entre elementos espaciais e temporais.

Assim, o exame proposto nesta dissertação se mostra adequado à medida que a análise cronotópica é “perfeitamente extensiva a outros gêneros literários e não literários que em sua natureza pluriestilística mobilizam elementos narrativos, como por exemplo, a notícia” (Polato; Freire Guilherme; Acosta Pereira, 2024, p. 159-160). Admitindo esse aspecto, procedemos, na continuidade, à apresentação de algumas observações para a análise pretendida.

### 3.5 OBSERVAÇÕES PARA O ESTUDO DIALÓGICO DA LINGUAGEM

Na perspectiva bakhtiniana, o texto deve constituir, por excelência, o dado primário, a realidade imediata ou a fonte de pesquisa das disciplinas abrigadas sob a insígnia das ciências humanas, haja vista a especificidade humana de exprimir-se por meio de textos. Com efeito, o conhecimento dessas ciências emerge como conhecimento sobre pensamentos, vivências e sentidos, descobertos a partir de textos (Bakhtin 2016b, 2017b).

Toda e qualquer reunião coerente de signos, constituída por autor, intenção e realização (ainda que em potencial) dessa mesma intenção, pode ser entendida como texto. Na qualidade de enunciado, o texto se mostra vinculado a uma dada situação de comunicação discursiva, estabelecida em determinado campo da atividade humana. Sua relevância heurística, sugere-nos Bakhtin (2016b), deriva do fato de que, tal como uma mônada (centelha ou unidade expressiva), um enunciado tende a refletir em si mesmo aspectos da totalidade discursiva sem, no entanto, hauri-la em sua plenitude, além de gestar a semente de desenvolvimento, capaz de



afetar a cadeia da comunicação.

Na concepção do Círculo, cada texto reúne em si dois polos ou elementos: um relativo ao sistema da língua e, portanto, ao material ou meio linguístico, suscetível de repetição; outro relacionado ao conteúdo e ao sentido, de índole singular e única. De acordo com Bakhtin (2016b), o segundo polo é realizado com recursos linguísticos e sua plenitude pode ser exibida somente no encontro de dado texto com outros, quando sua essência se desenvolve, adquirindo vida. A percepção do discurso, certifica-nos o pensador russo, ocorre na direção desses dois planos, o da repetitividade da língua e o da singularidade do enunciado (Bakhtin, 2017a).

Frequentemente, a interpretação se limita à revelação do repetível, do objeto pronto e acabado, nota Bakhtin (2016b, 2017a). O desconhecido, se captado, resulta muitas vezes empobrecido, e a singularidade do falante, apagada. Para descobrir o novo, isto é, a totalidade não repetível do sentido, urge perceber as possibilidades e realizações da não repetitividade, refletidas nos elementos reprodutíveis. Em outras palavras, é imperativo estudar o criado (sentido) a partir do dado (a linguagem, a experiência, a vivência, a expressão), observando como esse dado em questão constrói algo novo e singular.

Como admitimos anteriormente, a compreensão de um enunciado é de ordem dialógica na medida em que duas consciências — a do sujeito do texto e a do sujeito da pesquisa — passam a interagir, integrando o próprio sistema dialógico da comunicação discursiva. Desse modo, a investigação não é senão uma conversa em que nós, que pesquisamos, inquirimos o próprio cognoscível e organizamos nossa observação visando obter respostas. O interesse, para tanto, recai sobre o texto e suas inter-relações, sendo a profundidade da compreensão o critério supremo de conhecimento a ser alcançado.

Nessa esteira, dispomos do ensinamento de Bakhtin (2017b) a respeito da compreensão efetiva composta por atos particulares, que podem ser destacados do grande ato empírico: 1) percepção sensorial do signo; 2) inteiração (tomada de conhecimento) do signo e de seu significado reprodutível na língua; 3) compreensão do signo em um contexto determinado; 4) compreensão do signo no contexto dialógico.

Para fins de elucidação, concebemos esses atos organizados em duas grandes tarefas. A primeira, em conformidade com o pensamento de Bakhtin (2017a), refere-se à compreensão do texto tal qual o próprio autor o fez. Essa tarefa se estende da percepção psicofisiológica do signo, espalhando-se pela tomada de conhecimento a respeito de seu significado, até chegar à compreensão da posição do enunciado na cadeia discursiva. Exige essa última etapa conhecer fios dialógicos, antecedentes e subsequentes imediatos, com os quais o texto se conecta.

A segunda grande tarefa, tendo como base o conhecimento construído, consiste em

incluir o enunciado no contexto atual, que coincide com o do pesquisador, além de antever relações dialógicas com as quais o discurso poderá entrar, logo, futuras. A fim de solucionar essa tarefa, vindo a superar a compreensão do próprio autor, o sujeito cognoscente deve se valer de sua distância temporal e espacial (extralocalização) em relação ao enunciado e seu contexto. Nesse quadro, o encontro com a alteridade — a palavra do outro — e sua consequente desintegração em palavras sentidas como próprias constitui um fato primordial da consciência e da vida, capaz de lhes conferir plenitude e sentido, é dizer, respostas a perguntas, obviamente suscetíveis à renovação constante.

Diante desses aspectos, recuperamos a resposta do mestre russo ao questionamento retórico de como é possível descobrir o sentido: “Pode haver uma racionalização *relativa* do sentido (a análise científica habitual) ou um aprofundamento do sentido com o auxílio de outros sentidos (a interpretação artístico-filosófica)” (Bakhtin, 2017b, p. 64).

Segundo Bakhtin (2017b), interpretar um discurso é correlacioná-lo com outros, inclusive com as palavras do interpretante/pesquisador. Esta é a defesa de Geraldi (2012): o cotejamento como caminho metodológico para desvendar sentidos. Nesse processo, conceitos teóricos vão sendo reelaborados, bem como sua produtividade, tal como anunciamos na seção introdutória desta dissertação. Nos termos do estudioso,

O conhecimento que se obtém não se esgota no próprio objeto tomado para análise. A interpretação construída não se generaliza: permanece particular. Mas os conceitos elaborados na caminhada é que se tornam cognitivamente produtivos e podem ser reaplicados na construção de interpretações de outros discursos/textos. Que sirvam de exemplo os conceitos de romance polifônico e de carnavalização, ambos elaborados por Bakhtin no embate com as obras de Dostoiévski e Rabelais [...] (Geraldi, 2012, p. 34).

Precisamente esse acontecimento da vida do texto revela o grau dialógico do conhecimento produzido pelas ciências humanas, aspecto diferencial em relação às ciências exatas, que constituem uma forma monológica do saber.

Aqui, não estamos diante de um objeto mudo, observando-lhe a aparência de modo a revelar, num ato unilateral, a totalidade de sua essência. Constituem nosso interesse relações entre sujeitos e seus enunciados, concretizadas em vínculos semânticos personificados. Nesse prisma, tal qual o processo de sua compreensão, o objeto resulta impregnado por “relações entre consciências, verdades, influências mútuas, a aprendizagem, o amor, o ódio, a mentira, a amizade, o respeito, a reverência, a confiança, a desconfiança, etc.” (Bakhtin, 2017a, p. 30).

Inalienável, o texto exige concretamente um ato bilateral de compreensão. Precisamos, então, fundir-nos a ele sem jamais perder de vista nosso lugar no tempo e no espaço, nosso

horizonte, responsável por nos assegurar um excedente de conhecimento. A interpretação, adverte-nos o mesmo Bakhtin (2017a), não pode ser reduzida à empatia, pressupondo colocação de si no lugar do outro.

É necessário o resguardo de nossa extralocalização, pois a interpretação efetiva, real e concreta, ou seja, a “visão do sentido vivo da vivência na expressão” (Bakhtin, 2017b, p. 60), só pode ser de índole ativa e criadora, com potencial de completar e enriquecer o objeto. Esse entendimento já o sintetizava produtivamente a estudiosa Amorim (2006, p. 100) ao afirmar que “O pesquisador deve fazer intervir sua posição exterior: sua problemática, suas teorias, seus valores, seu contexto sócio-histórico, para revelar do sujeito algo que ele mesmo não pode ver”.

Dessa maneira, movimentos de retrospectão e prospecção são requeridos como iniciativas dialógicas de compreensão do texto. Trata-se de recuperar, ainda que parcialmente, contextos do passado com que determinado enunciado dialoga, bem como antecipar a vida futura desse mesmo texto. Acerca disso, Bakhtin (2017b, p. 67) explica que

Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, fazendo dado texto comungar no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido).

Desse modo, o sentido, é preciso enfatizar, pode ser descoberto mediante a compreensão das relações dialógicas cultivadas pelo enunciado. Desta sorte, partindo das relações lógicas e semânticas, circunscritas ao sistema linguístico de um dado texto, e avançando ao confronto com outros textos e contextos, é possível conhecer relações de natureza dialógica nutridoras de sentidos do enunciado. Para tanto, não podem ser definidas como mecânicas ou meramente linguísticas as relações existentes *entre* enunciados concretos. Inserido em um campo novo da comunicação discursiva, o objeto requer, aliás, ser estudado como elo dentro dessa cadeia, fora da qual, em absoluto, não pode ser compreendido com profundidade (Bakhtin, 2016b, 2017a).

Em vista disso tudo, para responder à questão “Que relações dialógicas e valorações emergem das escolhas linguístico-discursivas presentes em webnotícias sobre feminicídio na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, veiculadas em dois jornais durante o ano de 2022?”, consideramos produtivo analisar avaliações sociais e diálogos, além de particularidades dos gêneros discursivos e dos cronotopos envolvidos na constituição dos sentidos dos enunciados. Assim, com o intuito de orientar o exercício analítico, face aos conceitos teóricos mobilizados, que direcionam nossa análise, elaboramos questionamentos, conforme expostos no Quadro 1.

Quadro 1 - Conceitos e questionamentos orientadores da análise

<b>Conceito</b>	<b>Questionamento</b>
Enunciado	Como o conteúdo temático é valorativamente construído?
Gêneros do discurso	De que forma o gênero analisado encontra estabilização em termos de peculiaridades estilístico-composicionais?
Dialogismo	Quais posições axiológicas são materializadas em discursos em torno do feminicídio nas webnotícias?
Cronotopo	Que valores cronotópicos e respectivas imagens de vítima(s) e de agressor(es) são construídos discursivamente nos enunciados?

Fonte: elaboração da pesquisadora (2025).

Os conceitos, assim como os questionamentos, figuram em estreita relação, beirando a interdependência. Esse fato encontra explicação na própria arquitetônica do pensamento bakhtiniano, que constitui um entramado de proposições capazes de expandir umas às outras. Procedemos, então, à apresentação de nossa análise discursiva de textos noticiosos sobre feminicídio.

#### 4 ANÁLISE BAKHTINIANA DE WEBNOTÍCIAS SOBRE FEMINICÍDIOS NO NOROESTE GAÚCHO

Este capítulo é destinado à apresentação descritiva e à análise propriamente dita das webnotícias, textos que correspondem aos dados primários e empíricos desta pesquisa. Assim, buscamos explicar os procedimentos realizados para a eleição das unidades, incluindo o próprio percurso metodológico adotado, e entregar nossa análise.

Todas as escolhas implicadas nesta pesquisa, quer sejam epistemológicas, teóricas ou metodológicas, constituem posições axiológicas, as quais caracterizam tanto nossa investigação como nossa postura em relação à produção do conhecimento científico e, portanto, nossa ética enquanto sujeitos pesquisadores. Estamos, afinal, a nos movimentar entre enunciações, sujeitos e seus discursos, objetivando revelar tensões, diversidades, antagonismos e mesmo falácias, tal como sugere Brait (2024) a propósito da ocupação dos estudiosos do campo discursivo.

Assim, tendo como base explicações constantes do *Manual de pesquisas em estudos linguísticos* (Paiva, 2019), consideramos aplicada a natureza desta pesquisa, isso na medida em que busca produzir novos conhecimentos por meio de uma inovação, neste caso, a originalidade da análise proposta; bem como qualitativa a sua abordagem, dado seu caráter voltado à compreensão de um fenômeno social específico. Além disso, concebemos esta investigação como exploratória em relação aos seus objetivos, haja vista a convergência dos propósitos para a ampliação de saberes sobre o tema pesquisado. Quanto aos procedimentos técnicos, entendemos como próprios de uma pesquisa bibliográfica e documental.

Caracterizamos a revisão de literatura como a exploração de estudos relacionados ao problema de pesquisa no intuito de incrementar a análise, seja despertando perguntas, seja confirmando ou refutando resultados. Já a técnica documental, procedimento de observação indireta (Michel, 2017), alcançamos concebê-la no que tange à coleta dos dados de análise.

A propósito do material de análise, cumpre especificar algumas de suas propriedades. Estamos diante de um conjunto de dez webnotícias, todas publicadas no ano de 2022 nos veículos jornalísticos *O Nacional e Jornal Noroeste*, respectivos às cidades de Passo Fundo e Santa Rosa, ambas integrantes da Mesorregião Noroeste do estado do Rio Grande do Sul (RS).

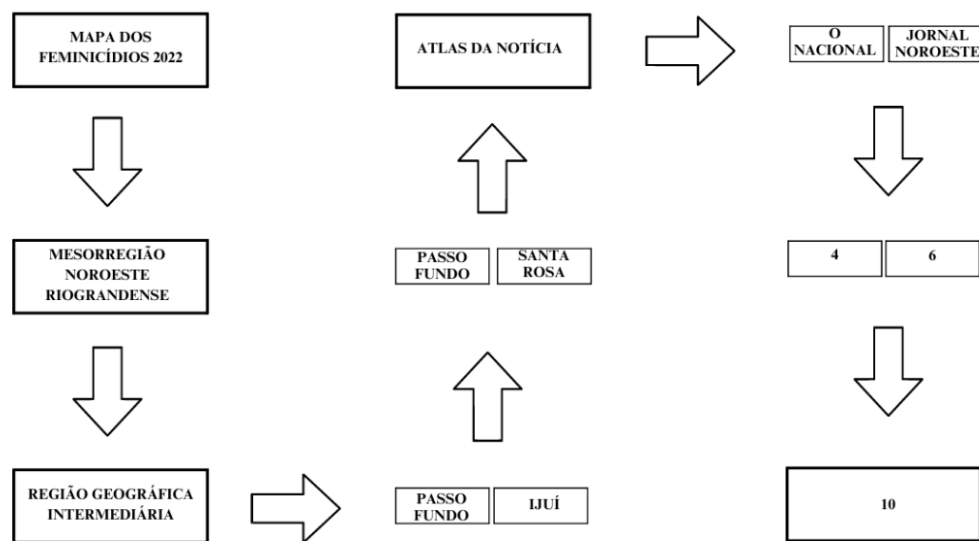
Defendemos um ponto de vista cronotópico focalizador de um contexto imediato pós-emergência de saúde pública<sup>15</sup>. Nesse sentido, precisamos recordar que, durante o período de

---

<sup>15</sup> Embora o fim da pandemia tenha sido decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em maio de 2023, operamos com a determinação brasileira do encerramento da Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional em decorrência do coronavírus, instituída pela Portaria N° 913, de 22 de abril de 2022 (Brasil, 2022).

restrições sanitárias em função da Covid-19, a violência contra a mulher se acentuou em diferentes regiões do Brasil (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022). Desse modo, a análise de webnotícias do ano de 2022 se mostra potente ao entendimento do contexto pós-emergência, afinal, como discutido, o cronotopo de uma produção discursiva pode impulsionar a compreensão da existência humana em dadas circunstâncias espaçotemporais. A Figura 1 ilustra o percurso realizado para a definição do material de análise.

Figura 1 - Definição do material de análise



Fonte: elaboração da pesquisadora (2025).

Como ponto de partida para a definição desse *corpus*, observamos os dados contidos no Mapa dos Femicídios referente a 2022 (Polícia Civil, 2023). Segundo o documento, a Mesorregião Noroeste Rio-Grandense foi a segunda com maiores índices de feminicídios naquele ano, superada apenas pela Mesorregião Metropolitana do estado. Em tal quadro, as cidades de Passo Fundo, Cruz Alta, Erechim e Santa Rosa ocuparam as posições iniciais do ranking do noroeste gaúcho, com, respectivamente, 6, 3, 3 e 2 casos consumados registrados.

Com a verificação desses índices, consideramos relevante dedicar nossa atenção a veículos jornalísticos dessas cidades. A fim de precisar nosso material de análise, adotamos outro critério, condizente com a definição de Região Geográfica Intermediária, oriunda do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

Com base na definição do órgão, a Mesorregião Noroeste Rio-Grandense resulta subdividida em duas Regiões Geográficas Intermediárias, quais sejam Passo Fundo e Ijuí. Em vista disso, selecionamos as cidades de Passo Fundo e Santa Rosa na medida em que cada uma integra uma região geográfica intermediária diferente, bem como apresenta elevados índices de

feminicídio registrados, conforme números indicados anteriormente.

Procedemos, então, ao levantamento de veículos jornalísticos registrados na base de dados *Atlas da Notícia*, iniciativa que mapeia veículos noticiosos no Brasil e que se apresenta como uma espécie de censo do jornalismo local brasileiro. Para tanto, adotamos o critério respectivo ao tempo de serviço dos jornais das duas cidades (Passo Fundo e Santa Rosa), de modo a selecionar aquele mais antigo, porquanto consideramos subjacente a esse fator a abrangência ou aderência significativa de leitores.

Com efeito, chegamos ao jornal *O Nacional*, referente à cidade de Passo Fundo, fundado em 1925 (versão impressa), e ao *Jornal Noroeste*, respectivo à cidade de Santa Rosa, criado em 1971 (versão impressa). Assim sendo, a busca por webnotícias sobre feminicídios do ano de 2022 ocorreu nos sites dos referidos veículos a partir das entradas “feminicídio” e “mulher morta”, resultando em quatro webnotícias no primeiro jornal e seis no segundo. No Quadro 2, estão apresentados tais dados.

Quadro 2 - Dados de análise

<b>Dado</b>	<b>Título principal</b>	<b>Publicação</b>
W01ON	Polícia civil prende homem por tentativa de feminicídio	18/02/2022
W02ON	Homem é preso por tentativa de feminicídio no bairro Vera Cruz	21/04/2022
W03ON	Vítima de feminicídio é enterrada nesta segunda-feira (2) em Serafina Corrêa	02/05/2022
W04JN	Mulher é morta pelo companheiro no Bairro Planalto	05/06/2022
W05JN	Identificada a mulher vítima de feminicídio	05/06/2022
W06JN	Corpo de Mulher vítima de feminicídio está sendo velado na Planalto	06/06/2022
W07JN	Seguem buscas por acusado de mortes em Porto Xavier	14/06/2022
W08JN	Preso suspeito do feminicídio e homicídios de Porto Xavier	15/06/2022
W09JN	Homem é condenado a mais de 14 anos de prisão por feminicídio	30/09/2022

W10ON	Mulher é encontrada morta no bairro Zacchia	26/12/2022
<b>Dado</b>	<b>Endereço eletrônico das webnotícias</b>	
W01ON	<a href="https://www.onacional.com.br/policia,11/2022/02/18/policia-civil-prende-homem-por-t,121113">https://www.onacional.com.br/policia,11/2022/02/18/policia-civil-prende-homem-por-t,121113</a>	
W02ON	<a href="https://www.onacional.com.br/policia,11/2022/04/21/homem-e-presos-por-tentativa-de-f,121812">https://www.onacional.com.br/policia,11/2022/04/21/homem-e-presos-por-tentativa-de-f,121812</a>	
W03ON	<a href="https://www.onacional.com.br/regiao,17/2022/05/02/vitima-de-feminicidio-e-enterrada,121963">https://www.onacional.com.br/regiao,17/2022/05/02/vitima-de-feminicidio-e-enterrada,121963</a>	
W04JN	<a href="https://jornaloroeste.com.br/noticia/policia/mulher-e-morta-pelo-companheiro-no-bairro-planalto">https://jornaloroeste.com.br/noticia/policia/mulher-e-morta-pelo-companheiro-no-bairro-planalto</a>	
W05JN	<a href="https://jornaloroeste.com.br/noticia/policia/identificada-a-mulher-vitima-de-feminicidio">https://jornaloroeste.com.br/noticia/policia/identificada-a-mulher-vitima-de-feminicidio</a>	
W06JN	<a href="https://jornaloroeste.com.br/noticia/geral/corpo-de-mulher-vitima-de-feminicidio-esta-sendo-velado-na-planalto">https://jornaloroeste.com.br/noticia/geral/corpo-de-mulher-vitima-de-feminicidio-esta-sendo-velado-na-planalto</a>	
W07JN	<a href="https://jornaloroeste.com.br/noticia/policia/seguem-buscas-por-acusado-de-mortes-em-porto-xavier">https://jornaloroeste.com.br/noticia/policia/seguem-buscas-por-acusado-de-mortes-em-porto-xavier</a>	
W08JN	<a href="https://jornaloroeste.com.br/noticia/policia/preso-suspeitos-do-feminicidio-e-homicidios-de-porto-xavier">https://jornaloroeste.com.br/noticia/policia/preso-suspeitos-do-feminicidio-e-homicidios-de-porto-xavier</a>	
W09JN	<a href="https://jornaloroeste.com.br/noticia/justica/homem-e-condenado-a-mais-de-14-anos-de-prisao-por-feminicidio">https://jornaloroeste.com.br/noticia/justica/homem-e-condenado-a-mais-de-14-anos-de-prisao-por-feminicidio</a>	
W10ON	<a href="https://www.onacional.com.br/policia,11/2022/12/26/mulher-e-encontrada-morta-no-bai,124659">https://www.onacional.com.br/policia,11/2022/12/26/mulher-e-encontrada-morta-no-bai,124659</a>	

Fonte: elaboração da pesquisadora (2025).

Identificamos cada webnotícia por meio de um código alfanumérico, que contém a letra W para identificar o gênero (webnotícia), o número do dado (de 01 a 10, em ordem cronológica) e as iniciais do jornal a que corresponde o texto em questão: ON, para *O Nacional*; JN, para *Jornal Noroeste*. Desse modo, o dado W01ON, por exemplo, diz respeito à primeira webnotícia do ano de 2022, localizada no jornal *O Nacional*<sup>16</sup>.

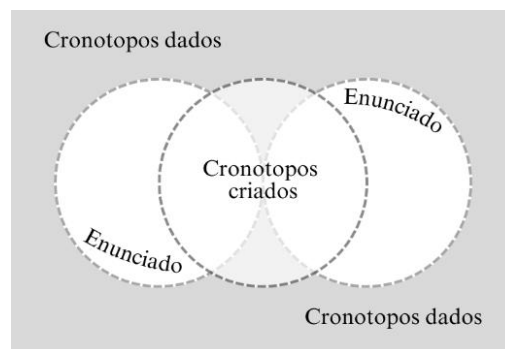
Ao considerar o cronotopo como uma categoria epistemológica abrangente, porta de entrada ao campo dos sentidos, entendemos que os demais elementos, como dialogismo e

<sup>16</sup> O recurso de identificação foi adaptado de Guilherme e Acosta Pereira (2024).



avaliações sociais, tendem a se mostrar a partir dele. Somamos a compreensão de que, dada a índole cronotópica dos valores sociais e o caráter típico dos gêneros discursivos conferido pelo cronotopo, analisar relações dialógicas entre enunciados e avaliações sociais dessas unidades é, em última instância, olhar para a construção cronotópica da linguagem. Isso posto, organizamos a análise em uma estrutura triádica, ilustrada pela Figura 2.

Figura 2 - Fluxo analítico



Fonte: elaboração da pesquisadora (2025).

O ponto de partida radica nos cronotopos que englobam a produção e recepção das webnotícias — cronotopos dados/vivenciáveis pelos sujeitos do discurso (autor e leitor). O cinza indica um meio heterodiscursivo, ou melhor, um clima social composto por acentos e avaliações.

O movimento de análise seguinte abrange o conteúdo temático dos enunciados selecionados, as peculiaridades estilístico-composicionais do gênero em questão e as posições axiológicas materializadas nas webnotícias, não necessariamente nessa ordem, mas sim de maneira imbricada. A cor branca, que representa a soma de cores incidentes sobre um dado objeto, sugere a refração do clima social na construção do enunciado. Já o pontilhado das esferas remete à interação constante entre o linguístico e o extraverbal.

Finalmente, encontramos oportunidade para discutir imagens de sujeitos concretizadas nas produções discursivas que analisamos — cronotopos criados. Esses cronotopos se mostram a partir das unidades do discurso, por isso a projeção em relação aos enunciados na Figura 2. Com isso, explicitamos o ato interpretativo.

#### 4.1 DOS CRONOTOPOS DADOS

Segundo Da Porta (2016, p. 213, tradução nossa)<sup>17</sup>, ao assumir o pensamento bakhtiniano para a análise de materialidades do campo da comunicação, “se faz necessário prestar profunda atenção aos contextos históricos, sociais, políticos e culturais onde se desenvolve o vínculo comunicativo e reconhecer nesses espaços suas múltiplas relações dialógicas constitutivas, os ecos de vozes alheias”. Em vista disso, nesta seção, procuramos evidenciar o caldo cultural que acreditamos impregnar as webnotícias de que nos ocupamos, distinguindo, para tanto, os cronotopos dados/vivenciáveis pelos sujeitos do discurso (os jornais e seu público leitor).

Como discutido no capítulo “O feminicídio em perspectiva dialógica”, o patriarcado constitui uma ordem política arcaica fundante de desigualdades entre mulheres e homens, cujo funcionamento se vincula diretamente a expressões violentas. Contemporaneamente, o feminicídio vem a ser a forma mais extrema de violência perpetrada contra uma mulher.

De igual maneira, vimos que, no Brasil, desde a pandemia de Covid-19, deflagrada em 2020, os índices de violência contra as mulheres apresentam aumento significativo, especialmente os assassinatos por razões de gênero. Contudo, cumpre observar que, antes mesmo da quarentena imposta pela crise sanitária, mulheres já padeciam de uma vulnerabilidade social expressa pela condição de submissão. O confinamento apenas parece ter oferecido mais oportunidades para manifestações violentas, o que significa que, com a crise de Covid-19, entrou em combustão a crise de violência contra as mulheres. Diante de tal cenário, a diretora executiva da ONU Mulheres e vice-secretária geral das Nações Unidas, Phumzile Mlambo-Ngcuka, chegou a classificar como *pandemia invisível* a violência contra mulheres e meninas (ONU Mulheres, 2020).

O adjetivo “invisível” pode ser justificado pela baixa notoriedade recebida pelo fenômeno frente à doença da Covid-19 naquele contexto. Entretanto, devemos nos perguntar se a violência contra a mulher se tornou visível agora, neste período pós-pandemia. As cifras divulgadas anualmente têm potencial de operar a favor do sim, ou seja, em prol da visibilidade do problema. E a mídia jornalística, como trata essa realidade? Que importância atribui às vidas femininas ceifadas por razões de gênero? Por justificativas já expressas nesta dissertação, preocupamo-nos com a apreensão do tratamento dispensado, via linguagem, à violência letal contra a mulher pelos jornais gaúchos *O Nacional* e *Jornal Noroeste* em 2022, período pós-emergência de saúde pública no Brasil.

---

<sup>17</sup> No original, “se hace necesario prestar profunda atención a los contextos históricos, sociales, políticos y culturales donde se desarrolla el vínculo comunicativo y reconocer en esos espacios sus múltiples relaciones dialógicas constitutivas, los ecos de voces ajenas” (Da Porta, 2016, p. 213).

Sem pretensão de examinar as causas da escalada de violência, consideramos importante observar que, de acordo com o documento *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023b), o aumento da violência contra a mulher no ano de 2022 se mostra relacionado, dentre outros fatores, i) à redução de financiamentos de políticas públicas de enfrentamento a esse tipo de violência, operada pelo governo federal e ii) à ação de movimentos e grupos ultraconservadores, que incluem em sua agenda o combate ao tema da igualdade de gênero. Nos termos do documento, “A violência que atinge meninas e mulheres tem como raiz os diferentes valores atribuídos culturalmente a mulheres e homens que determinam expectativas sobre seus comportamentos” (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023b, p. 09). Não é de espantar, portanto, que tais aspectos se mostrem, em maior ou menor grau, refletidos e refratados em materialidades discursivas, como as webnotícias.

Nessa perspectiva, frente a essa situação social mais ampla, cumpre atentar para a esfera discursiva e para a posição social dos autores dos textos de que nos ocupamos, no caso, autores institucionais, posto que nenhuma webnotícia é assinada por um jornalista de carne e osso, mas sim pelo próprio jornal que a veicula. Assim, inicialmente, devemos distinguir que os jornais *O Nacional* e *Jornal Noroeste* não constituem grandes mídias, haja vista a difusão de ambos no interior do estado do RS. Com efeito, resulta importante observar como se caracteriza o posicionamento discursivo desses veículos cuja circulação não chega a ser massiva.

O jornal *O Nacional*, criado em 1925<sup>18</sup>, projeta-se como um importante veículo de comunicação da região de Passo Fundo, logo, do norte do estado do RS. Segundo a apresentação constante do site do jornal, “sua missão é oferecer informação com qualidade, profundidade e de caráter imparcial” (O Nacional, 2024).

*O Jornal Noroeste*, por sua vez, cuja primeira publicação data de 1971, e a versão on-line, de 2005, apresenta-se como um veículo atuante na comunicação social de Santa Rosa e região noroeste gaúcha. O veículo em questão é parte da Empresa Noroeste, que reúne as versões impressa e digital do jornal, além da Rádio Guaíba FM. Em sua página de apresentação, propõe-se como integrante de “uma empresa sólida, moderna, que aplica seus recursos na busca do desenvolvimento de sua comunidade, com ética e compromisso com a verdade” (Jornal Noroeste, 2024).

---

<sup>18</sup> Não conseguimos localizar a informação precisa respectiva ao ano em que o jornal iniciou suas atividades no formato on-line.

No caso do jornal *O Nacional*, das quatro webnotícias que selecionamos, três foram encontradas na seção “Polícia”. Apenas o dado W03ON foi localizado na seção “Região”. Já no que se refere ao *Jornal Noroeste*, das seis webnotícias selecionadas, duas se encontram fora da seção “Polícia”. Tratam-se dos dados W06JN e W09JN, hospedados, respectivamente, nas seções “Geral” e “Justiça”.

Como muito bem pontua Silva Júnior (2013), a seção em que são publicadas as webnotícias indic(i)a o lugar discursivo assumido pela instituição jornalística. Desse modo, o predomínio dos textos na seção “Polícia” aponta para uma visada axiológica (semântica e avaliativa) policial constitutiva dessas webnotícias. Para esse entendimento, contribui a acepção de que cada seção dos jornais funciona como uma perspectiva temático-discursiva para o destinatário. Frente a uma dada seção, o leitor tende a conceber um horizonte de expectativas quanto ao conteúdo. Eis uma manifestação da relação entre autor e leitor determinante do acabamento dos enunciados.

Nesse quadro, cumpre recuperar as palavras de Bakhtin (2016a, p. 63-64) acerca da percepção do discurso pelo destinatário:

Ao falar, sempre levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado [por] ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o *estilo* do enunciado.

Tais considerações se tornam interessantes para o gênero webnotícia. Isso porque o autor institucional precisa, necessariamente, levar em consideração seu interlocutor e suas possíveis respostas. Estamos tratando de uma tendência de o jornal publicar textos em função do público leitor previsto, incluindo as concepções, convicções e preconceitos desse leitor.

Em meio a essa discussão no que concerne aos interlocutores dos jornais, devemos abrir espaço para uma ponderação a respeito dos anunciantes que, notoriamente, povoam os veículos jornalísticos. Para isso, apoiamo-nos em Volóchinov (2019a) e seu apontamento sobre a relação entre o texto literário e o mercado editorial. Afirma o linguista russo que esse último “com certeza ‘regula’ os poetas, mas isso de modo algum deve ser igualado com o papel regulador do ouvinte, como um elemento estrutural permanente da criação literária” (Volóchinov, 2019a, p. 144).

Estendemos o conteúdo da assertiva para o caso das webnotícias: mesmo o mercado — expresso pelos anunciantes — exercendo uma pressão/influência sobre os jornais, ele sempre estará sujeito às vontades e aos interesses do público leitor, até porque, sem leitores, sem jornal e sem anúncios. Não estamos, vale sublinhar, desconsiderando a possibilidade de os anunciantes determinarem a composição jornalística, mas sim admitindo que essa influência é menor diante do papel do leitor, que constitui o acontecimento discursivo desde dentro e pode, inclusive, orientar as ações dos anunciantes<sup>19</sup>.

Isso posto, voltamos ao assunto do destinatário. Resulta difícil, senão impossível, caracterizar com precisão o público leitor dos jornais *O Nacional* e *Jornal Noroeste*. As webnotícias selecionadas desses veículos são de acesso livre, ou seja, estão disponíveis gratuitamente aos interessados, embora os jornais apresentem o requisito de assinatura para outros conteúdos. Com efeito, dentre os leitores dessas webnotícias, podem estar desde aqueles que assinam os jornais, os leitores mais assíduos, até aqueles que não pagam pelo conteúdo dos jornais, consumidores potencialmente mais esporádicos. De todo modo, o que podemos concluir que todos esses leitores têm em comum é o fato de apreciarem a abordagem dos jornais que, devemos observar, não é neutra.

Ao considerar a perspectiva bakhtiniana de linguagem, sabemos que não há, nem podem haver, textos neutros. Na especificidade do jornalismo, a própria seleção de informações para divulgação já sugere a adoção de critérios e valores sociais. Também é possível atinar que, se os textos noticiosos, por um lado, expõem determinados fatos e acontecimentos, por outro, escondem ou ofuscam alteridades. Ao pensar na realidade dos feminicídios, a veiculação de informações e dados a respeito de um caso tende a influenciar a percepção social do fenômeno.

Evidentemente, a instituição jornalística lança mão de critérios que permitem guiá-la no trato com as informações, da seleção à divulgação — são os ditos critérios de noticiabilidade, tal como aborda Dalmonde (2009), pesquisador da área de comunicação social. Não obstante, é necessário melhor examinar essa dinâmica. Tomamos o caso do jornal *O Nacional*, que, em 2022, veiculou quatro webnotícias sobre eventos de feminicídios, sendo uma referente a uma tentativa, duas relacionadas a um mesmo assassinato e outra respectiva a um outro feminicídio consumado. Diferentemente desses números, como apontamos anteriormente, a cidade de Passo Fundo registrou seis feminicídios no ano de 2022. A disparidade entre os casos noticiados e os

---

<sup>19</sup> Em última análise, para fins de elucidação, concebemos a seguinte escala de influência: a posição social do jornal, a posição do leitor e a posição dos anunciantes. Trata-se de uma analogia com o enunciado *Do jornalismo: todo notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica*, título de um famoso texto da jornalista e pesquisadora gaúcha Christa Berger.

casos ocorridos nos conduz ao questionamento de quais mortes são consideradas dignas de menção jornalística, ou melhor, quais vidas que desaparecem se tornam noticiáveis.

Ao considerar reflexões de Judith Butler (2020) a propósito do reconhecimento social de vidas perdidas, devemos admitir que diferenças de classe, raça e gênero podem determinar o tratamento do fenômeno. Nas palavras da autora, “se uma vida é considerada carente de valor, se uma vida pode ser destruída ou desaparecer sem deixar rastro ou consequências aparentes, isso significa que essa vida não foi plenamente concebida como viva e, portanto, não foi plenamente concebida como chorável” (Butler, 2020, n. p.).

Assim, instauramos a análise das dez webnotícias selecionadas dos dois jornais, considerando tais textos como impregnados pelo grande cronotopo que é o da crise: um cronotopo caracterizado pela violência patriarcal contra as mulheres. Em outras palavras, aventamos a produção de enunciados jornalísticos relacionados ao feminicídio em meio a esse cronotopo de violência. Por certo, desse grande cronotopo, podemos distinguir o pequeno cronotopo referente à esfera jornalística gaúcha do interior do estado.

A respeito desse pequeno cronotopo, cabe distinguir dois aspectos. Com base no trabalho de Silva Júnior (2013), podemos afirmar que o gênero webnotícia se engendra em uma temporalidade relativamente curta — tanto o tempo de produção quanto o de circulação das webnotícias tende a ser menor em relação ao jornalismo impresso. Quanto à projeção espacial, alcançamos concebê-la como determinada pela esfera discursiva jornalística que, nesse caso, encontra realização no ambiente virtual, orientando-se primeiramente ao local/regional.

De acordo com Bakhtin (2015, p. 42), a produção do discurso acontece justamente no autêntico meio que é o heterodiscurso dialogizado, “concreto, rico em conteúdo e acentuado como enunciação individual”. Isso significa que um enunciado qualquer sempre tocará numerosos fios dialógicos que envolvem o objeto da enunciação. Assim, os mais diferentes gêneros se desenvolvem em função das forças centralizadoras e centrífugas da vida verbovalorativa, sendo que o elemento dialógico desempenha um papel central nesse processo.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (2020) nos alerta para a atuação do jornal em relação a isso: a instituição jornalística tende a contribuir para uma realidade desfavorável, porque violenta, às mulheres. Trata-se, afinal, de uma força histórica que neutraliza, ou melhor, enfraquece certos discursos enquanto acentua outros. Ao correlacionar essa perspectiva com aquela oriunda do Círculo de Bakhtin, consideramos forças centrípetas e centrífugas agenciadas pelos jornais de que nos ocupamos. Nesse prisma, devemos lembrar o assinalado por Da Porta (2016) acerca da busca pela compreensão de acentos sociais de determinados enunciados,

afinal, isso possibilita redimensionar, no campo da comunicação, o estudo das questões de poder e de disputas de sentido.

Com esse movimento, em alguma medida, estamos, nos termos de Bourdieu (2020, p. 09), “neutralizando os mecanismos de neutralização da história” ou, mais concretamente ainda, colaborando para “restituir à *doxa* seu caráter paradoxal” (Bourdieu, 2020, p. 12). *Doxa* aqui, vale notar, aparece como o conjunto de crenças e juízos elaborado por uma sociedade, logo, como criação ideológica. Dizendo de outro modo, estamos nos lançando à luta social por equidade entre homens e mulheres, mediante a elucidação do caráter dialógico-valorativo de discursos que rondam o feminicídio na esfera jornalística.

#### 4.2 DA CONSTRUÇÃO DIALÓGICO-VALORATIVA DO FEMINICÍDIO EM WEBNOTÍCIAS SELECIONADAS

“O que a imprensa gosta, de verdade, é de assassinos” (Melo, 2019, p. 76).

O excerto que serve de epígrafe a esta seção foi reproduzido do romance *Mulheres empilhadas*, de autoria da escritora paulista Patrícia Melo, lançado em 2019. Trata-se de um discurso da narradora-protagonista, não nomeada ao longo da trama. Diante de um cenário de violência extrema contra mulheres no estado brasileiro do Acre, a personagem reflete sobre o tratamento imparcial dispensado pela mídia a um feminicídio em específico. Nessa perspectiva, tomamos a passagem como uma provocação à análise dos enunciados jornalísticos: Como o feminicídio é apresentado em cada caso? Quais discursos encontram reverberação nos textos? Que valores sociais podemos distinguir nas webnotícias? Como esse gênero discursivo se caracteriza estilística e composicionalmente? Que posições axiológicas são materializadas nesses textos? Essas são perguntas que buscamos responder nesta seção.

As questões levantadas devem ser compreendidas como desdobramentos do problema de pesquisa que assumimos, o qual cumpre recuperar: Que relações dialógicas e valorações emergem das escolhas linguístico-discursivas presentes em webnotícias sobre feminicídio na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, veiculadas em dois jornais durante o ano de 2022? De mesmo modo, não podem tais perguntas ser divorciadas dos questionamentos orientadores da análise, conforme apresentado no capítulo anterior desta dissertação, posto que nelas ecoam traços daqueles enunciados.

Assim, nesta parte do trabalho, buscamos, especificamente, verificar

valorações/avaliações sociais acerca das vítimas de feminicídio e dos agressores, presentes nas webnotícias. Para tanto, de maneira integrada, enfocamos o conteúdo temático dos enunciados selecionados, as peculiaridades estilístico-composicionais do gênero em questão e as posições axiológicas materializadas nas webnotícias. A análise está organizada em três partes, que compreendem: a) o tratamento do feminicídio em relação à esfera privada de relações; b) a reverberação de acentos valorativos que associam morte e punição; c) a refração dos discursos policial e judicial em webnotícias.

#### **4.2.1 O feminicídio e a esfera privada de relações**

De acordo com Acosta Pereira (2013), a notícia é um gênero extremamente dialógico, porque discursiviza acontecimentos, de forma narrativa, com base em fontes — discursos que reporta. Nessa perspectiva, atinamos que as webnotícias tendem a ser ainda mais dialógicas em razão de algumas de suas propriedades, como a atualização constante e dinâmica a que estão sujeitas.

Com base em Dalmonte (2009), entendemos que uma característica das webnotícias é justamente a atualização constante de seu conteúdo. Apoiando-nos no pensamento bakhtiniano, podemos afirmar que, na medida em que uma webnotícia surge em resposta a anterior(es), completando-a(s), o grau dialógico desses textos se eleva. Assim, verificamos um mesmo evento de feminicídio sendo noticiado, e conseqüentemente revalorado, diversas vezes, inclusive no espaço temporal de um dia. Evidentemente, nem sempre é possível acompanhar essa dinâmica, pois alguns textos são publicados em substituição a outros, o que difere dos casos de que nos ocupamos aqui.

Constatamos o aspecto de atualização em relação aos dados W04JN, W05JN, W06JN, W07JN e W08JN. Os três primeiros são referentes a um mesmo evento de feminicídio, enquanto os dois últimos, a um outro caso. Passamos a examinar detidamente esses grupos de dados, observando como o feminicídio é valorado. Priorizamos os títulos das webnotícias, porções que são percebidas em primeiro plano pelos leitores, determinando, inclusive, a leitura integral dos textos. Nesse quadro, observamos que os títulos são apresentados em posição de destaque, com fonte maior em relação ao corpo dos textos.

*Ex.: 01 - Mulher é morta pelo companheiro no Bairro Planalto  
Feminicídio foi registrado na tarde deste domingo, em uma residência. (W04JN)*

*Ex.: 02 - Identificada a mulher vítima de feminicídio*



*Luana Tamara Pimentel morava com o companheiro e foi morta após uma briga entre o casal neste domingo, em Santa Rosa. (W05JN)*

**Ex.: 03** - *Corpo de Mulher vítima de feminicídio está sendo velado na Planalto Luana, que tinha 31 anos, foi morta pelo marido na tarde do domingo, após um desentendimento. (W06JN)*

O exemplo 01 abarca o título principal e o título auxiliar da webnotícia 04, publicada pelo *Jornal Noroeste* no dia 05 de junho de 2022. O exemplo 02, por sua vez, compreende os títulos da webnotícia 05, que veio à tona no mesmo dia que a anterior, com 40 minutos de diferença: aquela foi publicada às 17h26, e esta, às 18h06. Já o exemplo 03 corresponde à webnotícia 06, lançada no dia seguinte, 06 de junho de 2022, também pelo *Jornal Noroeste*.

O exame desses enunciados de forma correlacionada permite observar certas regularidades linguístico-discursivas. Em conformidade com Bakhtin (2017a), visando estudar o discurso, devemos analisar conjuntamente o plano da repetitividade da língua e o da singularidade dos enunciados. Desta sorte, observamos elementos que se apresentam com relativa frequência no campo da língua, dado seu caráter repetível, proporcionando sentidos novos e singulares às unidades discursivas.

Do ponto de vista estilístico-composicional, especificamente das formas lexicais mobilizadas, destaca-se o uso de “companheiro” e “marido” para expressar o agente da ação “matar”, mediante voz verbal passiva nos exemplos 01 e 03 (“é morta pelo companheiro” e “foi morta pelo marido”, respectivamente). Já no exemplo 02, “companheiro” integra um recurso adverbial de companhia, relacionado a “morar”: “Luana Tamara Pimentel morava com o companheiro”, quando bem poderia servir de complemento ao verbo “morar” uma construção que simplesmente indicasse o lugar da cidade. Todo esse léxico remete ao campo semântico doméstico, das relações pessoais e privadas porque ambientadas no lar.

Ao considerar que as webnotícias tratam de um mesmo feminicídio, é possível afirmar que a mobilização desses recursos serve ao propósito de retomada do assunto. Essa retomada, por sua vez, é sugestiva da orientação avaliativa adotada pelo jornal em relação ao objeto do discurso. Trata-se da concepção do feminicídio como uma ocorrência do âmbito de relações afetivas e privadas. Vítima e agressor são, então, identificados por meio de um conjunto de recursos linguísticos (substantivos e sintagmas preposicionados pós-modificadores) que denotam a relação pessoal existente entre eles. A propósito, no que tange ao exemplo 01, não é fortuito o uso do termo feminicídio apenas no título auxiliar, seguido pelo recurso temporal “na tarde deste domingo” e finalizado pelo recurso espacial “em uma residência”, recursos linguísticos que também podem ser relacionados ao campo semântico do lar.

Nos exemplos 02 e 03, integrantes dos dados W05JN e W06JN, o mesmo autor institucional, *Jornal Noroeste*, optou por informar que a morte ocorreu “após uma briga entre o casal neste domingo” e “na tarde do domingo, após um desentendimento”, respectivamente. A combinação desses elementos assume uma significação composicional específica: circunscreve o crime na esfera doméstica. Nesses enunciados, ecoa uma ideia de que “briga” ou “desentendimento” é algo rotineiro/comum em relações afetivas entre homens e mulheres. Reverbera aqui o discurso cotidiano de que “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Isso tudo contribui para que a responsabilidade social e coletiva em relação ao feminicídio se torne ofuscada.

Para além dos títulos dos dados W04JN e W05JN, selecionamos quatro excertos que reclamam atenção em função da contribuição que apresentam na construção das identidades da vítima e do agressor. Os exemplos 04 e 05 são respectivos ao dado W04JN, já os exemplos 06 e 07, ao dado W05JN.

**Ex.: 04** - *Uma mulher de 31 anos (L. T. P.) foi morta durante um desentendimento com o companheiro, neste domingo (05).* (W04JN)

**Ex.: 05** - *O agressor (J de O), 44 anos, também ficou ferido e foi encaminhado à Unidade de Pronto-Atendimento sob custódia da Brigada Militar.* (W04JN)

**Ex.: 06** - *Foi divulgado o nome da vítima de feminicídio, trata-se de Luana Tamara Pimentel que completaria 31 anos.* (W05JN)

**Ex.: 07** - *O agressor (J de O), 44 anos, também ficou ferido e foi encaminhado à Unidade de Pronto-Atendimento sob custódia da Brigada Militar.* (W05JN)

Os exemplos 04 e 06 correspondem aos fragmentos iniciais dos dados W04JN e W05JN, enquanto os exemplos 05 e 07 são respectivos ao desfecho de tais webnotícias. Se considerado o fato de que os textos foram publicados com menos de uma hora de diferença, é possível melhor compreender o aspecto de atualização manifestado pelas webnotícias. No caso do exemplo 04, integrante do dado W04JN, as iniciais substituem o nome da vítima que, no exemplo 06, respectivo ao dado W05JN, é divulgado. Já o nome do agressor se mantém oculto nas duas webnotícias. Cumpre registrar que a nomeação da vítima e a ocultação do nome do agressor são preservadas no dado W06JN, que trata do mesmo evento de feminicídio.

Sem adentrar a discussão a respeito das possibilidades e limitações de divulgação dos nomes dos envolvidos no acontecimento noticiado, algo que em si mesmo excede os propósitos deste trabalho, problematizamos os sentidos construídos por meio das estratégias de nomeação

descritas. A ocultação do nome do agressor, face à nomeação semiformal da vítima, dada pelo nome e sobrenome, indica, por um lado, a preservação da identidade do homem e, por outro, a difusão da identidade da mulher.

O fenômeno pode sugerir tanto um acento apreciativo de singularização da vida perdida quanto uma brecha para o discurso de revitimização, que se realiza quando a vítima passa a ser exposta, estando sujeita a se tornar objeto de discussão social. Contribui para isso o trecho “também ficou ferido e foi encaminhado à Unidade de Pronto-Atendimento sob custódia da Brigada Militar”, que encerra os exemplos 05 e 07. Ao correlacionar essa construção com as informações do corrido como sendo “um desentendimento” (dado W04JN) e “uma briga” (dado W05JN), é possível inferir que o homem sofreu violência praticada pela mulher no contexto narrado. Desse modo, a agressão por parte do homem passa a ser tida como uma resposta perante a da mulher. Torna-se interessante observar, contudo, que o socorro médico chegou a tempo para ele, ao passo que, para a vítima de feminicídio, não. Eis uma brecha para problematizar a desigualdade de gênero.

Delineado esse ponto, passamos ao segundo grupo de dados, apresentado na continuidade. Chamamos atenção para o fato de o exemplo 08, respectivo ao dado W07JN, publicado em 14 de junho de 2022, não apresentar o termo feminicídio em seus títulos, tanto principal quanto auxiliar. Já o exemplo 09, relativo ao dado W08JN, que veio à tona no dia seguinte, 15 de junho de 2022, veicula o termo “feminicídio” no título principal.

**Ex.: 08 - Seguem buscas por acusado de mortes em Porto Xavier**

*O carro do foragido foi encontrado na tarde da segunda-feira, no interior do município. A justiça decretou prisão preventiva do indivíduo. (W07JN)*

**Ex.: 09 - Preso suspeito do feminicídio e homicídios de Porto Xavier**

*Após negociações com familiares, ele foi preso pela Brigada Militar na Linha Seção D, interior do município. (W08JN)*

No corpo do texto do dado W07JN, também não há uso do termo feminicídio. Verificamos apenas construções como “homem que matou três pessoas” e “invadiu uma residência onde estava sua ex-companheira, assassinando ela e um filho de 16 anos”. Em relação ao dado W08JN, embora “feminicídio” apareça na manchete, encontramos, no corpo da webnotícia, a classificação “três homicídios”. Como discutido no capítulo 2 desta dissertação, quando ocorrem generalizações desse tipo, o elemento “gênero” é desconsiderado, atenuando-se o problema que são os assassinatos de mulheres e de outras pessoas por extensão da violência patriarcal.

Diante desse quadro, devemos nos atentar para a refração do (grande) cronotopo de crise no (pequeno) cronotopo da esfera jornalística gaúcha interiorana e, por conseguinte, nas webnotícias. Em consonância com Acosta Pereira e Oliveira (2020), assumimos o conteúdo temático de um enunciado como determinado não só pelas condições imediatas da produção discursiva (situação), mas também pelo grande cronotopo em que essa unidade se insere. Isso implica considerar o posicionamento do objeto das webnotícias como respondente ao cronotopo de crise.

Assim, questionamos a respeito do modo como as webnotícias respondem a esse espaço-tempo discursivo. À pergunta, podemos aventar a resposta de que os enunciados analisados até aqui operam centripetamente, uma vez que minimizam a natureza social do problema que são os feminicídios, seja circunscrevendo o crime na esfera privada de relações, seja abordando-o genericamente como homicídio.

Isso posto, na continuidade, passamos a dedicar atenção à associação entre morte e punição. Nesse prisma, exploramos diferentes contornos culpabilizantes materializados em duas webnotícias.

#### **4.2.2 Mulher morta, mulher punida?**

Para esta discussão, observamos certas escolhas linguístico-discursivas presentes nos dados W03ON e W10ON. O exemplo 10, a seguir, corresponde à manchete daquele dado e se destaca por revelar uma apreciação do objeto discursivo.

*Ex.: 10 - Vítima de feminicídio é enterrada nesta segunda-feira (2) em Serafina Corrêa  
A mulher de 41 anos foi brutalmente espancada com um pedaço de madeira pelo companheiro na madrugada de domingo (1º). (W03ON)*

O uso da expressão “brutalmente espancada com um pedaço de madeira pelo companheiro” divulga um acento avaliativo acerca do modo como o crime foi praticado. Inicialmente, mediante o tom de denúncia da crueldade do crime, a materialização do projeto discursivo tende a atrair a atenção do público leitor. Contribui para a consolidação dessa intenção a reenunciação do trecho “Brutalmente espancada com um pedaço de madeira pelo companheiro na madrugada de domingo (1º)”, no início do corpo do texto da webnotícia. Entretanto, ao cotejar o fragmento com outro, correspondente ao exemplo 11, alcançamos verificar sentidos mais profundos.

**Ex.: 11** - *Mesmo tendo sido encontrada com vida pelos socorristas, Fernanda não resistiu aos ferimentos na cabeça causados por um pedaço de madeira usado pelo companheiro após ter dado um soco no rosto da vítima em um[a] discussão entre o casal, que havia consumido bebidas alcóolicas naquela noite.* (W03ON)

A porção final (“que havia consumido bebidas alcoólicas naquela noite”) funciona como um recurso expressivo de adjetivação, responsável por redimensionar o conteúdo anterior. Especificamente, o trecho, posicionado ao final do parágrafo, desempenha o papel de acorde entonacional finalizador — usando dos termos de Volóchinov (2019b) —, que coloca em discussão a responsabilidade pelo crime. Com o linguista russo, entendemos que a posição das palavras ao final de um enunciado está para um objetivo semântico direto. No caso em análise, enfatizar o sentido respectivo à responsabilidade pelo feminicídio e até mesmo explicar/justificar o ocorrido.

Nessa perspectiva, cumpre notar que o sentido também adquire ênfase pelo próprio encerramento da notícia. “Há cerca de seis anos, a mulher já havia sido vítima de violência doméstica por um outro ex-companheiro, que a feriu com um machado também na região do crânio”. Eis o discurso responsável por colocar em suspeição o caráter de vítima da mulher. Ora, esse discurso, ao lançar luz para o fato de a mulher haver sido agredida de forma semelhante em outras circunstâncias, sugere que ela tenha uma parcela significativa de culpa pelas ocorrências.

O ressaltado valorativo, nesse caso, aponta para a concepção de que “mulher gosta de apanhar”, afinal, procura se manter em relações nas quais impera um regime de agressões. É ilustrativa da pretensa hegemonia desse discurso uma letra de música, oriunda da cultura gaúcha, responsável por divulgar acentuadamente essa ideia: “Ajoelha e chora, ajoelha e chora/Quanto mais eu passo laço muito mais ela me adora”. São versos da popular banda Tchê Garotos, em que o regionalismo expresso por “passar laço” equivale a agredir, surrar ou bater como tratamento adequado à mulher.<sup>20</sup>

Na esteira dessa discussão, apresentamos o exemplo 12, reproduzido do dado W10ON. O recorte abrange um discurso direto citado, dada sua apresentação entre aspas e a indicação do verbo *dicendi* (comentou), que delimita a citação.

**Ex.: 12** - *“Era uma mulher muito boa, não tinha problema com ninguém e não tinha envolvimento com nada errado”, comentou a vizinha de Vera, que estava em frente à residência, no momento em que o local do crime estava isolado pela Brigada Militar.* (W10ON)

---

<sup>20</sup> Para uma análise mais detalhada do material, conferir o trabalho de Stasiaki, Santis e Lago (2023).

A mobilização de tais palavras alheias, embora possa sugerir uma individualidade, a da vizinha de Vera, não deve ser tomada como sugestiva de uma opinião individual. Ao contrário, cumpre ter presente o apontamento bakhtiniano de que, na produção do discurso, o falante/escrevente acaba por orientar dialogicamente o objeto em meio a um clima social tenso, entrando em relação dialógica com avaliações alheias que envolvem esse mesmo objeto (Bakhtin, 2015).

Nessa perspectiva, o discurso direto citado sugere o estabelecimento de uma relação dialógica de concordância entre a posição axiológica do jornal e o conteúdo-sentido da declaração da vizinha de Vera. Com efeito, a reenunciação de tais palavras, levada a cabo pelo jornal *O Nacional*, configura uma autonomização do enunciado, que lhe confere uma espécie de autoridade impessoal e reacentua o discurso ao ponto de torná-lo uma opinião de consenso, potencialmente compartilhada com os leitores — coro de apoio pressuposto. Em outros termos, o enquadramento do discurso alheio oportuniza ao jornal veicular a avaliação social de que uma vítima, em sendo “uma mulher muito boa”, não pode/merece/deve morrer.

Subentendida a tal parte linguisticamente realizada está a seguinte concepção: a morte cabe às mulheres ruins ou, dito de outra forma, mulheres ruins merecem ser mortas. Ora, se há mulheres consideradas boas, que não têm envolvimento com nada errado, logo, que não merecem morrer, é possível supor que existem mulheres consideradas ruins, que se envolvem com coisas tidas como erradas e que, portanto, merecem a morte.

Devemos nos perguntar o que se entende, nesse caso, por “boa” ou “ruim”. Evidentemente, são valores sociais relativos para cada cultura e, como é de se atinar, no patriarcado, mulher boa é aquela recatada, que evita conflitos (notamos o trecho “não tinha problema com ninguém”) e que não se envolve para além do ambiente doméstico e familiar, pois elementos do mundo exterior muitas vezes são considerados inadequados (o que pode explicar a passagem “não tinha envolvimento com nada errado”).

Não podemos deixar de observar que o enunciado da vizinha de Vera expressa uma tentativa de afirmar que a vítima não era uma mulher ruim, mas sim “uma mulher muito boa”. Isso explica sua estrutura formal, pois, como vimos em Volóchinov (2019a), o conteúdo subentendido influencia a forma da parte linguisticamente realizada. Desse modo, a fala antecipa enunciados vindouros responsáveis por questionar o grau de culpabilidade de Vera no ocorrido, cujos falantes/escreventes imediatos são o jornal e seus leitores.

Efetivamente, como afirma Bakhtin (2010), o fenômeno do dialogismo velado implica em uma influência ativa da palavra do outro no discurso do falante, a qual se dá de dentro para

fora. Ocorre então que “O discurso sente tensamente ao seu lado o discurso do outro falando do mesmo objeto, e a sensação da presença desse discurso lhe determina a estrutura” (Bakhtin, 2010, p. 225).

Se a vítima de feminicídio era ou não uma mulher boa e, portanto, se merecia ou não ser morta é o que o jornal e seus leitores tendem a inquirir. Aqui estão em jogo, portanto, as convicções projetadas para o ouvinte/leitor — seu campo aperceptivo (Bakhtin, 2015, 2016a). A fala da vizinha (“Era uma mulher muito boa, não tinha problema com ninguém e não tinha envolvimento com nada errado”) se constitui uma iniciativa de defesa da memória da vítima, constituída *na e pela* tensão dialógica com o conteúdo implícito que discutimos.

Dados esses aspectos, passamos a explorar a refração dos discursos policial e judicial em determinadas webnotícias, constituindo forças centrípetas em torno do feminicídio.

#### 4.2.3 Os discursos policial e judicial

A propósito de papéis sociais em relação ao feminicídio, notamos o caráter de agência conferido a determinadas instituições policiais. Para tanto, examinamos certos fragmentos.

*Ex.: 13 - Polícia Civil prende homem por tentativa de feminicídio (W01ON)*

*Ex.: 14 - Homem é preso por tentativa de feminicídio no bairro Vera Cruz (W02ON)*

*Ex.: 15 - Mulher é encontrada morta no bairro Zacchia  
Polícia investiga possível [sic] de feminicídio, já que um homem foi visto na residência onde ela morava no último domingo (26) (W10ON)*

Nos exemplos apresentados, todos títulos de webnotícias do jornal *O Nacional*, chama atenção o predomínio da voz verbal ativa em relação à Polícia (“Polícia Civil prende” e “Polícia investiga”) e o emprego da voz passiva no caso de outros agentes (“Mulher é encontrada morta” e “[...] um homem foi visto”). A mobilização dessas construções indicia o caráter de agência conferido às ações policiais e o segundo plano destinado ao crime.

A respeito do exemplo 14, que se caracteriza por apresentar uma voz verbal passiva que pressupõe a agência policial (“Homem é preso” → alguém o prendeu), devemos distinguir a estratégia de genericização empregada ao longo da webnotícia quando em referência ao agressor. O dado W02ON inicia com a forma “Um homem foi preso por tentativa de feminicídio em Passo Fundo”, sendo possível observar, adiante, “Segundo a investigação, na oportunidade,

o preso agrediu a sua companheira” e “Após os trâmites legais, o preso foi encaminhado ao Presídio Regional de Passo Fundo”.

Para além da forma verbal passiva “foi preso”, cumpre observar o emprego das formas nominais “Um homem” e “o preso”. Por meio de nomes singulares (homem e preso), acompanhados de artigo indefinido (um) e definido (o), respectivamente, o jornal realiza uma genericização do agressor. Esse fenômeno se contrapõe à referência específica escolhida para o caso de outro ator social, qual seja a polícia. Ainda no dado W02ON, verificamos a construção “Na quarta-feira (20), a Polícia Civil, por meio da equipe da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher de Passo Fundo, cumpriu mandado de prisão preventiva”.

Nesse prisma de análise, podemos tecer uma compreensão mais profunda acerca do fenômeno da especificação ao observar uma porção textual do dado W01ON.

*Ex.: 16 - Na manhã desta sexta-feira, a Polícia Civil, através da DP Ciríaco, coordenada pelo delegado Diogo Ferreira, efetuou a prisão preventiva de um homem pelo crime de feminicídio tentado. (W01ON)*

A especificação, proporcionada pela construção que aparece numa posição intercalada por vírgulas no enunciado (“através da DP Ciríaco, coordenada pelo delegado Diogo Ferreira”), revela uma tentativa de enfatizar o grau de agência da instituição policial. Essas peculiaridades estilísticas apontam para a presença de um discurso policial no gênero webnotícia, que reenuncia a voz policial, apropriando-se dela enunciativamente.

Em conformidade com o entendimento de Bakhtin (2016a) e Volóchinov (2018a) acerca do dialogismo, discutido no capítulo anterior deste trabalho, podemos afirmar que o jornal reacentua as palavras alheias de acordo com seu projeto discurso. O enquadramento do discurso alheio constrói uma projeção valorativa, que, nesse caso, com base em Acosta Pereira (2013), entendemos acarretar um efeito de avaliação, que confere veracidade e legitimidade ao enunciado. Assim como no caso do dado W02ON, a especificação, que aparece de forma intercalada no enunciado, agrega valor positivo de agência à polícia. Com efeito, o mundo referenciado não se mostra tanto o dos feminicídios como o da polícia em si mesmo.

Nessa linha de discussão, não é possível deixar de observar o dado W07JN, especificamente o trecho reproduzido a seguir. O exemplo 17 integra o desfecho da webnotícia. Tal fato implica em uma acentuação da valoração atribuída à agência policial.

*Ex.: 17 - O caso é investigado pela equipe do titular da DP de Porto Xavier, delegado Anderson Pettenon. (W07JN)*



Todo o apontado contribui para a construção do sentido de que a polícia, independente do cenário de investimentos governamentais, que pontuamos na seção 4.1, faz o seu papel, age de maneira ativa e dinâmica. Embora esse sentido possa ser reconfortante ao leitor, que tende a se perceber amparado em termos de segurança, também instaura a conclusão de que, mesmo com as ações policiais, feminicídios seguem acontecendo, exigindo novos esforços para sua superação.

Dados esses pontos, dedicamos atenção ao discurso judicial, materializado em uma webnotícia. Para isso, trazemos à baila o exemplo 18, referente ao dado W09JN. Ainda que os títulos lancem luz sobre o crime, especialmente por meio dos adjuntos “no dia 28 de agosto”, que sugere atualidade, e “com 19 facadas”, indicativo do modo como o crime ocorreu, a webnotícia focaliza a condenação.

***Ex.: 18 - Homem é condenado a mais de 14 anos de prisão por feminicídio  
Crime ocorreu no dia 28 de agosto, quando a vítima foi morta com 19 facadas. (W09JN)***

Mesmo que no título auxiliar figure a data de 28 de agosto, com a leitura do dado W09JN, entendemos se tratar do ano de 2020, e não de 2022, ano de publicação da webnotícia. Assim, cumpre recuar no tempo, voltando àquele ano, de modo a cotejar o dado W09JN com a webnotícia do evento/acontecimento do feminicídio. À época, o *Jornal Noroeste* noticiou o fato enfatizando que a vítima tinha duas filhas: “Ela morava com as duas filhas na rua Pedro Schwertz” e “Débora, de 25 anos, tinha duas filhas, uma de nove e outra de quatro anos” (Jornal Noroeste, 2020).

No dado W09JN, encontramos a presença da qualificadora do crime “feminicídio por motivo fútil”. Igualmente, verificamos a identificação dos seguintes participantes do tribunal do júri: Leonir Antônio Izolan, o agressor, Débora Cristina de Mattos Izolan, a vítima, Leandro Capaverde Pereira, promotor responsável pela acusação, Antílio Fagundes, advogado integrante da assistência de acusação, e Vanessa Lima de Medeiros Trevisol, juíza responsável por presidir o júri. Outra referência específica, dessa vez por meio de enumerativos, pode ser constatada na construção “Participaram como jurados 05 homens e 02 mulheres”.

O cotejamento entre a webnotícia do evento de feminicídio e o dado W09JN sugere a construção de um projeto discursivo em torno da condenação, que representa o cumprimento da justiça. Por sua vez, a distinção da qualificadora do delito e de participantes do tribunal do júri coloca em relevo a prática social judicial e sua equipe eficiente de justiça. Nessa

perspectiva, o dado W09JN, por meio das especificações de atores sociais que fornece, enfatiza a resposta punitiva do sistema judicial local diante de um crime hediondo, de repercussão social.

A consideração conjunta dos aspectos discutidos permite identificar os discursos policial e judicial como tendências centrípetas de organização da linguagem nas webnotícias, na medida em que conferem certo acabamento às formas da língua nos enunciados analisados. Essas tendências representam, dessa maneira, posições refratantes e refratadas. Refratantes porque a partir delas são recortadas e ordenadas valorativamente narrativas acerca do feminicídio; e refratadas porque dizem respeito a posições axiológicas afirmadas pelos jornais.

A presença de tais discursos nas webnotícias introduz formas próprias de compreensão da realidade, decorrentes das esferas das quais são oriundas. Assim, as webnotícias passam a divulgar sentidos alinhados às esferas da atividade humana policial e judicial, o que explica a ênfase na agência da polícia e na equipe do tribunal. Os gêneros, afinal, como nos ensina Bakhtin (2016a), formam a linguagem e, por consequência, o pensamento social. Com efeito, o controle do caráter multifacetado do material verbal das webnotícias, por meio da contenção de sua pluralidade verbovalorativa, é sugestivo de um projeto sociocultural em que o feminicídio resulta ofuscado.

#### 4.3 DAS IMAGENS DE SUJEITOS CONSTRUÍDAS NAS WEBNOTÍCIAS

Esta seção está dedicada a uma breve síntese analítica aliada a uma sumária discussão de sentidos produzidos pelas materialidades analisadas. Acerca da abordagem das webnotícias, a análise se restringiu às valorações/avaliações sociais de vítima e de agressor e, por consequência, outros aspectos salientes e criticamente relevantes não foram tratados. À vista disso, problematizamos sentidos produzidos pelos enunciados a partir das representações valorativas desses atores sociais, bem como dos sujeitos do discurso (os jornais e seus leitores).

Com suas sentenças predominantemente diretas e curtas, os jornais se pretendem objetivos e neutros face a seus interlocutores, mas não logram sê-lo. Apenas constroem uma imagem de si associada a tais valores. O conteúdo das webnotícias revela a atuação dos veículos jornalísticos como tendências predominantemente centrípetas, porque centralizadoras e unificadoras do pensamento social verbovalorativo. Nesse prisma, cada um dos enunciados responde, a seu modo, tanto ao passado sociocultural quanto ao futuro, tal como a figura mítica do Jano Bifronte, que olha nessas duas direções. As avaliações sociais/valorações de vítima e de agressor sugerem a busca pela preservação da sociedade tal como ela se apresenta, isto é, de maneira patriarcal.

Em termos de valores cronotópicos, temos a construção de imagens de vítimas em função, essencialmente, do espaço-tempo doméstico, do lar e das relações afetivas privadas. Logo, a percepção do feminicídio verificada em unidades de análise segue uma lógica calcada na distinção entre o espaço privado e o espaço público. Reiteramos, com Pasinato (2011), que esse fenômeno limita o reconhecimento da dimensão social do problema que são os feminicídios — inclusive de segurança pública, vale lembrar.

No que se refere à construção de imagens de agressor, em consequência das representações de vítima construídas, notamos algo peculiar. Trata-se de uma redução da importância figurativa desse ator, seja frente a ações da mulher, seja face a ações da polícia. Com efeito, o crime por ele cometido acaba por vezes amenizado, relegado a um segundo plano, bem como as razões de gênero envolvidas.

Em conformidade com Bakhtin (2018), podemos afirmar que, do cronotopo de crise, que caracteriza a situação extraverbal mais ampla e imediata de interação discursiva a que se vinculam as webnotícias analisadas, tem origem o mundo representado nesses enunciados. Nas webnotícias, a realidade de violência letal contra as mulheres é refratada pelas coordenadas espaçotemporais que constituem os fios narrativos e que se voltam às esferas doméstica, policial e judicial, o que, como analisado, ofusca a problemática de gênero.

A exploração do material de análise permite identificar certa proximidade entre o tratamento jornalístico dispensado pelos jornais *O Nacional* e *Jornal Noroeste*, ambos do interior do estado do RS, com grandes mídias nacionais. A análise da abordagem de casos de feminicídios dos veículos *Folha de São Paulo* e *Estadão*, no período de 2015 a 2017, realizada por Terra (2020), revela características que verificamos nos jornais de que nos ocupamos. Dentre as principais, estão a representação da vítima reduzida a um corpo mutilado e a justificativa para o crime com base na culpabilização da mulher. Nesse quadro, compartilhamos do entendimento da autora de que

A divulgação dos casos de feminicídio, sem preocupação com a memória das vítimas, ao tratar os casos sem uma preocupação feminista, ativista e humana, demonstra que a visibilidade conferida aos casos é na verdade falsa. Os casos são tratados de maneira frágil, de modo a não formar no público uma consciência do problema estrutural da violência contra a mulher na nossa sociedade e de modo que as vítimas não são tratadas de maneira digna, representando um ser humano além de um corpo mutilado, agredido, assassinado (Terra, 2020, p. 94).

É possível concluir, portanto, que a mídia jornalística, por ser capaz de influenciar a opinião pública, precisa assumir o dever ético de contribuir para um autêntico aprofundamento do debate sobre a violência de gênero. Não se trata, cumpre advertir, de proporcionar um

tratamento privilegiado às mulheres e suas questões, mas sim de reconhecer o sistema patriarcal vigente e a condição desigual que outorga em relações sociais.

## 5 NOTAS FINAIS

Resta-nos fazer uma espécie de balanço acerca deste estudo, cujo foco repousa nas relações dialógicas e valorações em webnotícias sobre eventos de feminicídio, veiculadas em 2022 nos jornais *O Nacional* e *Jornal Noroeste*, respectivos às cidades de Passo Fundo e Santa Rosa. Sob esse prisma, devemos lembrar o objetivo geral de compreender o caráter dialógico-valorativo de discursos relacionados ao feminicídio, presentes em webnotícias da Mesorregião Noroeste do RS do ano de 2022, com vistas à apreensão do tratamento dispensado nesses textos, via linguagem, à violência letal contra a mulher.

Para o alcance do referido propósito, organizamos este trabalho em três capítulos principais. No capítulo “O feminicídio em perspectiva dialógica”, delineamos uma compreensão do crime desde uma postura ético-política feminista dialógica. Recorremos a diferentes áreas das ciências humanas, com destaque para a sociologia e a antropologia, além de estudos bakhtinianos da linguagem. A discussão proposta colaborou ao posterior enfoque dialógico das webnotícias, na medida em que concebemos o feminicídio como um crime de extirpação de alteridades e assumimos o potencial de contribuição da teoria bakhtiniana, assim como do feminismo dialógico, para a compreensão de relações de alteridade.

Sob o título “A perspectiva dialógica da linguagem”, abrigamos considerações de cunho teórico-metodológico sobre a teoria do Círculo de Bakhtin. Para tanto, exploramos características do dialogismo a partir da mobilização de distintos textos do grupo de intelectuais russo. Como não poderia ser diferente, ocupamo-nos de conceitos estreitamente relacionados àquele central, a saber: enunciado, gêneros do discurso, relações dialógicas e cronotopia. Feito esse percurso, apresentamos observações para o estudo dialógico da linguagem.

No capítulo “Análise bakhtiniana de webnotícias sobre feminicídios no noroeste gaúcho”, concentramos esforços em apresentar o material de análise, composto por dez webnotícias, e em examiná-lo, buscando verificar valorações/avaliações sociais a respeito das vítimas e dos agressores. Também procuramos discutir sentidos produzidos pelas materialidades em análise.

Com a realização do exercício analítico, entendemos que, nas webnotícias selecionadas, imperam: i) o tratamento do feminicídio como uma questão doméstica, da esfera privada de relações; ii) o emprego de ressaltos valorativos culpabilizantes da vítima, que associam morte e punição; e iii) a mobilização dos discursos policial e judicial, refratantes e refratados, a serviço da contenção do pensamento social, logo, atuantes como forças centrípetas.

No que tange ao conteúdo temático dos enunciados analisados, verificamos a índole cronotópica que refrata a realidade de violência contra as mulheres. À sombra dela, o feminicídio é valorado discursivamente como um problema da esfera privada de relações e como uma punição a mulheres consideradas ruins. Nessa linha, em relação ao gênero discursivo webnotícia, constatamos sua estabilização principalmente por meio de particularidades que compreendem a mobilização de discursos oriundos das esferas policial e judicial. A isso tudo, contribuem as relações dialógicas de concordância com discursos outros reenunciados nas unidades de análise.

Evidentemente, não aspiramos exaurir os materiais de que nos ocupamos, já que os sentidos tendem a ser infinitos, porquanto estão sujeitos à renovação constante. Assim, o apresentado deve ser entendido como um gesto dialógico de aproximação dos enunciados, um modo de compreensão ou ainda uma resposta aberta à reformulação no grande tempo, cujo acabamento, portanto, não é senão provisório.

Tal como afirma Fabiola Pozadas (2023), no enunciado que serve de epígrafe a este trabalho, concluímos que, às vidas de mulheres, atribui-se pouca importância na mídia jornalística e, por certo, na vida social. Na contrapartida dessa realidade, operamos em defesa de que todas as vidas, por serem únicas, singulares, insubstituíveis, valem muito, não admitem redução ou comparação.

O próprio pensador russo Mikhail Bakhtin (2020), em suas reflexões dos anos 1920, abrigadas posteriormente sob o título de *Para uma filosofia do ato responsável*, também nos oferece subsídios à problematização do valor social das mortes. Declara Bakhtin (2020, p. 106) que, “Para um sujeito desencarnado, não participante, todas as mortes podem ser indiferentemente iguais. Mas nenhum vive em um mundo no qual todos são — em relação ao valor — igualmente mortais”. Ora, apenas um sujeito que abdicou de sua posição no mundo e que, em vista disso, vive de maneira não participante, pode ser indiferente às mortes de mulheres por razões de gênero e à realidade de violência letal a elas relacionada. Todo ser humano é mortal, isso é certo, mas cada feminicídio, enquanto momento do existir-evento que é a vida em sua concretude, se tomado em correlação com outras mortes, torna-se indicativo do valor social atribuído às mulheres e suas vidas.

Os marcos legislativos apontados na seção introdutória desta dissertação, quais sejam a Lei 11.340/2006, a Lei 13.104/2015 e a recente Lei 14.994/2024, constituem importantes iniciativas do Estado frente à violência contra a mulher, as quais parecem responder a um anseio social por justiça retributiva (modelo baseado na punição do infrator). Todavia, dada a assunção do aspecto cultural que legitima práticas de violência em nossa sociedade, tais iniciativas por

si só não bastam. Posto que os feminicídios são mortes evitáveis de mulheres (Lagarde, 2006), cabe perscrutar o problema desde sua raiz, que se revela nas relações prático-cotidianas, em que a comunicação jornalística se insere.

Nesse quadro, em consonância com o *Minimanual do jornalismo humanizado*, produzido pela organização Think Olga (2016), sediada em São Paulo, defendemos a necessidade de um jornalismo construído por profissionais comprometidos com uma sociedade justa, que tratem violências de gênero com a devida sobriedade e celeridade, evitando romantizações e sensacionalismos. Nesse sentido, discursos que desmerecem a vítima, que a culpabilizam e que amenizam o teor do crime precisam urgentemente ser freados. Em oposição, informações relativas a apoio a vítimas e pessoas próximas, bem como problematizações em torno do problema que é a violência (suas origens e consequências), sempre que possível, devem ganhar espaço nos textos jornalísticos.

Em última análise, ao direcionar um olhar crítico à esfera discursiva jornalística, esta pesquisa propõe a desnaturalização de sentidos historicamente (re)afirmados como certos e adequados, únicos e inquestionáveis. Para tanto, alinha-se a um paradigma social, político e científico brasileiro que dialoga com o mundo contemporâneo. Mais especificamente, o estudo pode ser situado no campo da Linguística Aplicada Implicada, tal como define Souto Maior (2023): um campo das ciências humanas em que as iniciativas consideram, em definitivo, a perspectiva lacunar da linguagem, ou seja, o inacabamento dos sentidos, e a pluralidade de vozes constitutiva da pesquisa. Assim, a vida social é tida em seu permanente devir dialógico.

A luta pela erradicação da violência de gênero, especificamente a violência contra as mulheres, constitui um chamado a todas as pessoas que advogam a construção de uma sociedade mais justa. Para esse fim, esforços como o empreendido neste trabalho, voltados à compreensão de relações de poder entre homens e mulheres, mediante o olhar para materialidades linguísticas, mostram-se prementes. Trata-se, afinal, da urgente necessidade de ampliação da luta de ideias, tal como entendida por Virginia Woolf (2021, p. 17): uma luta que propicia “pensar contra a corrente e não com ela”, permitindo conceber a construção da paz como uma realidade possível.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA, R. A reenunção e as visadas dialógico-valorativas no gênero jornalístico *notícia*: projeções e discursividade. **Letra Magna**, Cubatão, v. 10, n. 16, p. 231-241, 2013. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/153>. Acesso em: 16 set. 2024.
- ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A. M. de. Análise dialógica do conteúdo temático em gêneros do discurso. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 9, n. 16, p. 245-264, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistaeducclings/article/view/6567>. Acesso em: 09 set. 2024.
- ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A. M. de. Análise dialógica do discurso: apontamentos de/para pesquisa no Brasil. **Redis: Revista De Estudos Do Discurso**, Porto, n. 11, p. 41–68, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21747/21833958/red11a2>. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/12868>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.
- BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. *In*: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017a [1970-1971]. p. 21-56.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1935]. p. 19-242.
- BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016b [1959-1961]. p. 71-108.
- BAKHTIN, M. Observações finais. *In*: BAKHTIN, M. **Teoria do Romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editora 34, 2018 [1975]. p. 217-236.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016a [1952-1953]. p. 11-70.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017b [1975]. p. 57-79.



BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1963].

BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1961-1962]. p. 337-357.

BARSTED, L. L.; PITANGUY, J. **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

BEZERRA, P. Bakhtin: remate final. *In*: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 81-96.

BORTOLINI, F. L.; VALÉRIO, P. da S. Por que precisamos aprofundar o conceito de gêneros do discurso? **Revista Desenredo**, Passo Fundo, v. 17, n. 02, p. 218-137, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5335/rdes.v17i2.12587>. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/12587>. Acesso em: 04 mar. 2024.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRAIT, B. As enunciações expõem os sujeitos, sua língua, seus discursos, aí incluído o pesquisador. *In*: ACOSTA PEREIRA, R.; PINTO, M. A. A. G.; AGUILERA, M. C. A. (org.). **Estudos do campo discursivo na contemporaneidade**. Estudios contemporáneos en el ámbito del discurso. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 41-69.

BRASIL. Casa Civil. Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 14.994, de 9 de outubro de 2024**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: DF, 9 out. 2024. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2024/Lei/L14994.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14994.htm). Acesso em: 17 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do ministro. **Portaria Nº 913, de 22 de abril de 2022**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: DF, 22 abr. 2022. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Portaria/PRT/Portaria-913-22-MS.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria-913-22-MS.htm). Acesso em: 12 ago. 2024.

BRASIL. ONU Mulheres. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos. **Diretrizes Nacionais para Investigar, Processar e Julgar com Perspectiva de Gênero as Mortes Violentas de Mulheres – Femicídios**. Brasília: Secretaria de Políticas para Mulheres, abril de 2016. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes\\_femicidio\\_FINAL.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio_FINAL.pdf). Acesso em: 23 out. 2023.

BRASIL. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: DF, 07 ago. 2006. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm). Acesso em: 07 dez. 2023.

BRASIL. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.104, de 9 de março**

**de 2015.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: DF, 9 mar. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm). Acesso em: 04 maio 2023.

BUTLER, J. De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público? **El País**. 10 jul. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html>. Acesso em: 09 maio 2023.

CASTILLO HERRERA, B.; VÍLCHEZ, M. J. Del feminismo post colonial al dialógico. Implicaciones para construir una cultura de paz. **Revista Científica De FAREM-Estelí**, Estelí, v. 12, p. 42-51, 2015. Disponível em: <https://rcientificaesteli.unan.edu.ni/index.php/rcientifica/article/view/1298>. Acesso em: 19 set. 2023.

CHIZIANE, P. [Testemunho] Eu, mulher. Por uma nova visão do mundo. **Abril - NEPA/UFF**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 199-205, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29695>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CHIZIANE, P. **Niketche**: Uma história de poligamia. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **CNJ Serviço**: o que são crimes hediondos? Brasília, DF: CNJ, 2018. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-o-que-sao-crimes-hediondos/>. Acesso em: 21 set. 2023.

DA PORTA, E. Aportes de Bajtín para una profundización analítica de la comunicación. In: ARÁN, P. O. *et al* (org.). **La herencia de Bajtín**: reflexiones y migraciones. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados. Centro de Estudios Avanzados, 2016. p. 203-220.

DALMONTE, E. F. **Pensar o discurso no webjornalismo**: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência. Salvador: EdUFBA, 2009. *E-book*.

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–25, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1853. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 22 fev. 2024.

DI FANTI, M. da G.; BOENAVIDES, D. L. P.; MARTINS, L. A. B. Contribuições bakhtinianas para um feminismo dialógico. **Letras De Hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 03, p. 570-583, set.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42205>. Acesso em: 05 set. 2023.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p. 97-108.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023a. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra mulheres em 2021**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/102>. Acesso em: 28 mar. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023b. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/224>. Acesso em: 13 set. 2024.

FURLANETTO, M. M. Cronotopia: um fenômeno de largo espectro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 453-482, jan.-mar. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.1.453-482>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/13693>. Acesso em: 13 ago. 2024.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: GEGe. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GOMES, F. A. Entrevista com prof. Dr. Carlos Alberto Faraco - Os estudos bakhtinianos na interface entre filosofia e ciências da linguagem. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 24, n. 50, p. 341-356, 2020. DOI:<https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2020v24n50p341-356>. Disponível em: <https://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/23127>. Acesso em: 23 out. 2023.

GRILLO, S.; AMÉRICO, E. V.; Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos ILIAZV. *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 07-56.

GUILHERME, M. L. F.; ACOSTA PEREIRA, R. “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”: um olhar dialógico para webnotícias sobre violência contra a mulher. **Diálogo das Letras**, [S. l.], v. 13, p. 01-18, 2024. DOI: 10.22297/2316-17952024v13e02418. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/6126>. Acesso em: 30 out. 2024.

HOLQUIST, M. A fuga do cronotopo. *In*: BEMONG, N. *et al.* (org.). **Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações e perspectivas**. Tradução Oziris Borges Filho *et al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 34-51.

HOMEM mata duas pessoas, fere outras duas e tira a própria vida em Ibirapuitã. **O Nacional**. Passo Fundo. 17 jan. 2024. Disponível em: <https://www.onacional.com.br/policia,11/2024/01/17/homem-mata-duas-pessoas-fere-out,127519>. Acesso em: 17 jan. 2024.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvi

Libanio. 23. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**: 2017 / IBGE, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

JORNAL NOROESTE. **Compromisso com o desenvolvimento**. Santa Rosa. 2024. Disponível em: <https://jornalnoroeste.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

JORNAL NOROESTE. **Mulher é morta em Santa Rosa**. Santa Rosa, 2020. Disponível em: [https://www.jornalnoroeste.com.br/noticia/policia/mulher-e-morta-em-santa-rosa#google\\_vignette](https://www.jornalnoroeste.com.br/noticia/policia/mulher-e-morta-em-santa-rosa#google_vignette). Acesso em: 15 out. 2024.

LAGARDE, M. Del femicidio al feminicidio. **Desde el Jardín de Freud**, Bogotá, n. 06, p. 216-225, 2006. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/jardin/article/view/8343>. Acesso em: 29 maio 2023.

LÜTDKE, S. Atlas da Notícia identifica redução de desertos e liderança do jornalismo online no Brasil. **Atlas da Notícia**. 23 fev. 2022. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/analise/atlas-da-noticia-identifica-reducao-de-desertos-e-lideranca-do-jornalismo-online-no-brasil/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. *In*: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 151-166.

MEDVIÉDEV, P. N. Os elementos da construção artística. *In*: MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016 [1928]. p. 193-207.

MELO, P. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: LeYa, 2019.

MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017. *E-book*.

MISTURA, R.; RUSCHEL, A. Vítimas de duplo homicídio em Ibirapuitã eram pai e filha. **GZH**. Passo Fundo. 18 jan. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/passofundo/seguranca/noticia/2024/01/vitimas-de-duplo-homicidio-em-ibirapuita-eram-pai-e-filha-clrj82fmf001g0150jnm9a29y.html>. Acesso em: 18 jan. 2024.

MOURA, J. Femicídio em alta afasta Brasil da igualdade de gênero. **DW Brasil**. 25 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/femicidio-em-alta-afasta-brasil-da-igualdade-de-g%C3%AAnero/a-67551485>. Acesso em: 07 dez. 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Os objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**: Igualdade de Gênero. Brasília, DF: Nações Unidas Brasil, 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 26 jul. 2024.

O NACIONAL. **Sobre**. Passo Fundo. 2024. Disponível em: <https://www.onacional.com.br/sobre>. Acesso em: 29 jul. 2024.

OLIVEIRA, C. F. S. de. De “razões de gênero” a “razões de condição do sexo feminino”: disputas de sentido no processo de criação da Lei do Feminicídio. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11. & 13<sup>TH</sup>WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 2017, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017.

ONU MULHERES. **Violência contra as mulheres e meninas é pandemia invisível, afirma diretora executiva da ONU Mulheres**. [S. l.]. 07 abril 2020. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/violencia-contra-as-mulheres-e-meninas-e-pandemia-invisivel-afirma-diretora-executiva-da-onu-mulheres/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **Manual de pesquisas em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PAJEÚ, H.; MUSSARELLI, F. Feitios metodológicos d’Os Gêneros do Discurso: *In*: GEGe. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 96-106.

PASINATO, W. “Femicídios” e a morte de mulheres no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 37. p. 219-246, jul.-dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645012>. Acesso em: 19 set. 2023.

PIOVESAN, F.; PIMENTEL, S. **A lei Maria da Penha na perspectiva da responsabilidade internacional do Brasil**, 2011. Disponível em: [https://assets-compromissoeatitude-ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2014/02/1\\_6\\_responsabilidade-internacional.pdf](https://assets-compromissoeatitude-ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2014/02/1_6_responsabilidade-internacional.pdf). Acesso em: 23 out. 2023.

POLATO, A. D. M.; FREIRE GUILHERME, M. L.; ACOSTA PEREIRA, R. Por uma concepção *dialógica* de discurso e de sujeito. *In*: ACOSTA PEREIRA, R.; PINTO, M. A. A. G.; AGUILERA, M. C. A. (org.). **Estudos do campo discursivo na contemporaneidade**. Estudios contemporáneos en el ámbito del discurso. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 155-191.

POLÍCIA CIVIL. Rio Grande do Sul. **Mapa do Feminicídio**. Mapeamento das mortes violentas com vítimas do sexo feminino, tipificadas como feminicídio, ocorridas no Rio Grande do Sul no ano de 2022. 2023. Disponível em: <https://www.pc.rs.gov.br/upload/arquivos/202301/11082838-mapa-dos-feminici-dios-2022.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

PONZIO, A. Sobre o significado de “bakhtiniano” e de “círculo de Bakhtin”. *In*: BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **A palavra própria e a palavra outra na sintaxe da enunciação**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 57-73.

POZADAS, F. Esto es lo que descubrí después de sobrevivir a un feminicidio. Entrevista de Almudena Barragán. México: **El País**, 2023. Disponível em: <https://elpais.com/mexico/2023-05-07/esto-es-lo-que-descubri-despues-de-sobrevivir-a-un-feminicidio.html>. Acesso em: 08

maio 2023.

PUIGVERT, L.; RUÍZ, L. Teoria feminista do século XXI: as vozes das outras mulheres. **Revista Fórum**, Braga, v. 33, p. 45-58, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/forum/article/view/2169/2334>. Acesso em: 18 set. 2023.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: Caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 44-60, 2014. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v15i2.7561>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 02, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 19 set. 2023.

SEGATO, R. **Cenas de um pensamento incômodo**: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial. Tradução de Ayélen Medail *et al.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SEGATO, R. Femigenocidio y feminicidio: una propuesta de tipificación. **CLASE**, Buenos Aires, 2012b. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/herramienta-buenos-aires/articulo/femigenocidio-y-feminicidio-una-propuesta-de-tipificacion>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SEGATO, R. L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES [Online]**, 18, 2012a. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SEGATO, R. L. **Las estructuras elementales de la violencia**: ensayos sobre género entre la Antropología, el Psicoanálisis y los Derechos Humanos. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes/Prometeo, 2003.

SEGATO, R. **Qué es un feminicidio**: notas para un debate emergente. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2006. Disponível em <https://www.nodo50.org/codoacodo/enero2010/segato.pdf>. Acesso em: 26 maio 2023.

SEGATO, R. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juárez. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 02, n. 13, p. 265-285, maio-ago. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020004/7818>. Acesso em: 29 maio 2023.

SILVA JÚNIOR, A. F. da. O cronotopo do gênero jornalístico *notícia* na web. **Letra Magna**, Cubatão, v. 10, n. 16, p. 03-30, 2013. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/153>. Acesso em: 16 set. 2024.

SOUTO MAIOR, R. de C. A Linguística Aplicada e a implicação na pesquisa: uma leitura

bakhtiniana. *In*: OLIVEIRA JR., M.; MAGALHÃES, A. C. (org.). **30 anos do PPGLL UFAL**. São Paulo: Pontes, 2023. p. 52-77.

STASIAKI, F. F.; SANTIS, E. L. S. de.; LAGO, I. C. “Ajoelha e chora”: a subalternização da figura feminina e as reflexões sobre o discurso machista na música gaúcha. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, Florianópolis, v. 05, n. 05, p. 69-80. jul.-ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v5i5.823>. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/823>. Acesso em: 01 nov. 2024.

TERRA, A. P. R. Mapeamento do conceito de “feminicídio” nos meios de comunicação brasileiros: exemplo de jornalismo responsável? *In*: BERTOLIN, P. T. M.; ANGOTTI, B.; VIEIRA, R. S. C. (org.). **Feminicídio – quando a desigualdade de gênero mata: mapeamento da Tipificação na América Latina**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2020. p. 71-103.

THINK OLGA. Parte I: Violência contra a mulher. *In*: THINK OLGA. **Minimanual do jornalismo humanizado**. São Paulo, SP: 2016, p. 04-25. *E-book*.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 16. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

VOLÓCHINOV, V. A interação discursiva. *In*: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018a [1929-1930]. p. 201-226.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a [1926]. p. 109-146.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b [1930]. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, V. Língua, linguagem e enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018c [1929-1930]. p. 173-200.

VOLÓCHINOV, V. Tema e significação na língua. *In*: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018b [1929-1930]. p. 227-238.

WOOLF, V. **Pensamentos de paz durante um ataque aéreo**. Tradução de Ana Carolina Mesquista. São Paulo: Editora Nós, 2021.

## ANEXO A – Webnotícias selecionadas

<b>W01ON</b>
<p><b>Polícia Civil prende homem por tentativa de feminicídio</b></p> <p>Por Redação ON</p> <p>18 de Fev de 2022</p> <p>Na manhã desta sexta-feira, a Polícia Civil, através da DP Ciríaco, coordenada pelo delegado Diogo Ferreira, efetuou a prisão preventiva de um homem pelo crime de feminicídio tentado. A prisão ocorreu no centro da cidade. O crime ocorreu em março de 2021, e havia sido preso ainda em março de 2021, no entanto, foi posto em liberdade no final do ano.</p> <p>Nesta semana ele descumpriu as medidas cautelares impostas, entrando em contato com a vítima, tendo sua prisão preventiva decretada novamente.</p> <p>A ação contou com apoio da DP de David Canabarro e Brigada Militar.</p> <p>O preso será encaminhado ao sistema prisional.</p>
<b>W02ON</b>
<p><b>Homem é preso por tentativa de feminicídio no bairro Vera Cruz</b></p> <p>Por Redação ON</p> <p>21 de Abr de 2022</p> <p>Um homem foi preso por tentativa de feminicídio em Passo Fundo. O crime aconteceu no bairro Vera Cruz. Na quarta-feira (20), A Polícia Civil, por meio da equipe da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher de Passo Fundo, cumpriu mandado de prisão preventiva. A prisão se deu em decorrência de investigação que apura o crime de tentativa de feminicídio ocorrido no dia 16 de março.</p> <p>Segundo a investigação, na oportunidade, o preso agrediu a sua companheira com um golpe de faca na região do abdômen. A mulher foi socorrida e precisou ser hospitalizada, sendo necessário passar por uma intervenção cirúrgica de urgência. Após os tramites legais, o preso foi encaminhado ao Presídio Regional de Passo Fundo, local no qual permanecerá à disposição da justiça.</p>
<b>W03ON</b>
<p><b>Vítima de feminicídio é enterrada nesta segunda-feira (2) em Serafina Corrêa</b></p> <p>A mulher de 41 anos foi brutalmente espancada com um pedaço de madeira pelo companheiro na madrugada de domingo (1º)</p> <p>Por Redação ON</p>



02 de Mai de 2022

Brutalmente espancada pelo companheiro na madrugada de domingo (1º), Márcia Fernanda Ferretti, de 41 anos, foi enterrada na tarde desta segunda-feira (2) em Serafina Corrêa.

A vítima, que deixou quatro filhos, morava no interior do município e, conforme relatos policiais, voluntários do Serviço Civil Auxiliar de Bombeiros e profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) foram acionados pelo próprio agressor, que diz ter se arrependido dos golpes dados na companheira.

Mesmo tendo sido encontrada com vida pelos socorristas, Fernanda não resistiu aos ferimentos na cabeça causados por um pedaço de madeira usado pelo companheiro após ter dado um soco no rosto da vítima em um discussão entre o casal, que havia consumido bebidas alcóolicas naquela noite.

O acusado foi conduzido à Delegacia de Polícia Civil de Marau para o registro da ocorrência e, posteriormente, encaminhado ao Presídio Regional de Passo Fundo, onde permanece detido.

Há cerca de seis anos, a mulher já havia sido vítima de violência doméstica por um outro ex-companheiro, que a feriu com um machado também na região do crânio.

#### **W04JN**

##### **Mulher é morta pelo companheiro no Bairro Planalto**

Feminicídio foi registrado na tarde deste domingo, em uma residência.

Publicado em 05/06/2022 17h26

Uma mulher de 31 anos (L.T.P) foi morta durante um desentendimento com o companheiro, neste domingo (05). O feminicídio ocorreu por volta das 16h20 min na Rua João Straub, no Bairro Planalto.

O agressor (J de O), 44 anos, também ficou ferido e foi encaminhado à Unidade de Pronto-Atendimento sob custódia da Brigada Militar.

Em breve, mais informações.

#### **W05JN**

##### **Identificada a mulher vítima de feminicídio**

Luana Tamara Pimentel morava com o companheiro e foi morta após uma briga entre o casal neste domingo, em Santa Rosa.

Publicado em 05/06/2022 18h06

Foi divulgado o nome da vítima de feminicídio, trata-se de Luana Tamara Pimentel que completaria de 31 anos. Ela foi morta durante uma desentendimento com o companheiro na tarde deste domingo (05) por volta das 16h20min na Rua João Straub, no Bairro Planalto. O agressor (J de O), 44 anos, também ficou ferido e foi encaminhado à Unidade de Pronto-Atendimento sob custódia da Brigada Militar. Suspeito foi preso. A Polícia ouviu testemunhas do crime.

#### **W06JN**

##### **Corpo de Mulher vítima de feminicídio está sendo velado na Planalto**

Luana, que tinha 31 anos, foi morta pelo marido na tarde do domingo, após um desentendimento.

Publicado em 06/06/2022 10h42

E o corpo de Luana Tamara Pimentel está sendo velado na igreja Assembleia de Deus do Bairro Planalto, onde haverá celebração do corpo presente às 16h desta segunda.

Luana, que tinha 31 anos, foi morta pelo marido na tarde do domingo, após um desentendimento.

O agressor (J de O), 44 anos, também ficou ferido e foi encaminhado à Unidade de Pronto-Atendimento sob custódia da Brigada Militar. Suspeito foi preso.

A Polícia ouviu testemunhas do crime.

#### **W07JN**

##### **Seguem buscas por acusado de mortes em Porto Xavier**

O carro do foragido foi encontrado na tarde da segunda-feira, no interior do município. A justiça decretou prisão preventiva do indivíduo.

Publicado em 14/06/2022 09h15

A Polícia Civil e a Brigada Militar seguem buscas por um homem que matou três pessoas com golpes de faca na noite deste domingo (12) em Porto Xavier. O carro do foragido foi encontrado na tarde da segunda-feira (12), no interior do município. A Justiça decretou prisão preventiva do indivíduo.

O suspeito invadiu uma residência onde estava sua ex-companheira, assassinando ela e um filho de 16 anos. O vizinho, proprietário da casa, ao ouvir gritos, foi ao local para socorrer as vítimas e também foi morto pelo agressor. Outra jovem ficou ferida e segue hospitalizada.

O caso é investigado pela equipe do titular da DP de Porto Xavier, delegado Anderson Pettenon.

Qualquer informações o paradeiro dos suspeito pode ser repassada, mesmo de modo anônimo, aos telefones (55) 33524190 e (55) 33524114, da Brigada Militar, e (55) 984238475 (WhatsApp) da Polícia Civil.

#### **W08JN**

##### **Preso suspeito do feminicídio e homicídios de Porto Xavier**

Após negociação com familiares, ele foi preso pela Brigada Militar na Linha Seção D, interior do município.

Publicado em 15/06/2022 08h54

A Polícia Civil e a Brigada Militar prenderam no início da manhã desta quarta-feira (15) o suspeito de ser o autor dos três homicídios ocorridos na noite do último domingo (12), em Porto Xavier.

Após negociação com familiares, ele foi preso pela Brigada Militar na Linha Seção D, interior do município.

Não houve resistência do indivíduo. Ele foi apresentado na Delegacia de Polícia de Porto Xavier.

Em breve, mais informações.

#### **W09JN**

##### **Homem é condenado a mais de 14 anos de prisão por feminicídio**

Crime ocorreu no dia 28 de agosto, quando a vítima foi morta com 19 facadas.

Publicado em 30/09/2022 06h50

O plenário do tribunal do júri condenou no final da tarde quinta-feira (29), Leonir Antônio Izolan, 14 anos e 02 meses de reclusão por feminicídio qualificado por motivo fútil. O condenado matou sua ex-esposa Débora Cristina de Mattos Izolan, com 19 facadas, no dia 28 agosto de 2020.

O crime ocorreu em uma residência, situada na Rua Pedro Schwertz, no Bairro Cruzeiro.

O responsável pela acusação foi o promotor Leandro Capaverde Pereira, com o apoio da assistência de acusação, do advogado Antílio Fagundes. Conforme a promotoria, a sentença foi lida por volta das 18h50min, seis horas após o júri iniciar, e Leonir foi condenado a 12 anos pela morte de Débora, além de mais dois meses por ameaça a mãe da vítima. Participaram como jurados 05 homens e 02 mulheres. O júri foi presidido pela juíza Vanessa Lima de Medeiros Trevisol.

#### **W10ON**

##### **Mulher é encontrada morta no bairro Zacchia**

Polícia investiga possível de feminicídio, já que um homem foi visto na residência onde ela morava no último domingo (26)

Por Redação ON

26 de Dez de 2022

A Delegacia de Polícia de Proteção à Pessoa de Passo Fundo está investigando a morte de uma mulher de 51 anos. O corpo de Vera Lúcia de Lima e Silva foi localizado nesta segunda-feira (26), dentro da casa onde ela morava, na rua Armando de Felipo, no bairro José Alexandre Zachia. A principal hipótese para a morte é que ela tenha sido vítima de feminicídio.

Populares encontraram o corpo da mulher dentro da sua residência e acionaram a Brigada Militar. Ao chegar no local, os policiais constaram que ela já estava sem vida, e com sinais de violência, com pelo menos duas perfurações no corpo, possivelmente causadas por uma arma branca. O Instituto Geral de Perícias esteve no local e deverá apurar as causas da morte. “Era uma mulher muito boa, não tinha problema com ninguém e não tinha envolvimento com nada errado”, comentou uma vizinha de Vera, que estava em frente à residência, no momento em que o local do crime estava isolado pela Brigada Militar.

Ela morava sozinha na residência, e moradores das proximidades relataram aos policiais que perceberam a movimentação de um homem na residência da mulher durante o final de semana. Ele foi visto chegando e saindo da casa no domingo (25), e por isso a suspeita é que ela tenha perdido a vida neste dia.

Os policiais devem analisar câmeras de videomonitoramento instaladas em residências, e em um estabelecimento comercial localizado nas proximidades, para identificar o suspeito de envolvimento na morte de Vera, bem como as circunstâncias do fato.



**UPF**  
UNIVERSIDADE  
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José  
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900  
(54) 3316 7000 - [www.upf.br](http://www.upf.br)